

LUZIA SCHALKOSKI DIAS

**UMA LEITURA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA
OPOSIÇÃO *PRETÉRITO SIMPLE* / *PRETÉRITO COMPUESTO*
NO ESPANHOL DA AMÉRICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Lingüísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Profa Dra. Elena Godoi

**CURITIBA
2004**



PARECER

Defesa de dissertação da mestranda LUZIA SCHALKOSKI DIAS para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo assinadas ELENA GODOI, ELIANE RONCOLATTO e SANDRA LOPES MONTEIRO argüiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“UMA LEITURA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA OPOSIÇÃO PRETÉRITO SIMPLE / PRETÉRITO COMPUESTO NO ESPANHOL DA AMÉRICA”

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Aprovado Não aprovado
ELENA GODOI		Aprovado
ELIANE RONCOLATTO		Aprovado
SANDRA LOPES MONTEIRO		Aprovado

Curitiba, 07 de julho de 2004.

Prof.^a Marilene Weinhardt
Coordenadora

TERMO DE APROVAÇÃO

LUZIA SCHALKOSKI DIAS

UMA LEITURA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA OPOSIÇÃO *PRETÉRITO SIMPLE / PRETÉRITO COMPUESTO* NO ESPANHOL DA AMÉRICA

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre no Curso de Pós-Graduação em Letras, com área de concentração em Estudos Linguísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Elena Godoi, UFPR

Profa. Dra. Sandra L. Monteiro, UFPR

Profa. Dra. Eliane Roncolato, PUC-PR

Curitiba, julho de 2004

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

A minha tia Beatriz que, por sua força e determinação, me iniciou no mundo da escrita quando eu tinha 11 anos de idade, dando, assim, sua contribuição para que eu percorresse os caminhos que me conduziram às letras, à lingüística e, por fim, à realização deste trabalho.

Aos meus pais que, apesar das muitas adversidades e com muito sacrifício, nunca deixaram de apoiar meu sonho de alçar vôos mais altos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

A

Minha orientadora, professora Elena Godoi, pela prontidão em atender-me sempre que precisei, pelo incentivo, amizade e, principalmente, por ter me ajudado a descobrir a beleza da descoberta.

Meu marido Nelson, que sempre me incentivou a seguir estudando, por seu companheirismo e por sua imensa ajuda com o inglês e com as crianças.

Meus filhos Mariana e Felipe, e minha irmã Lú, por todos aqueles momentos em que não pude estar presente.

Professora Claudia Mendes Campos da UFPR, que foi quem despertou meu interesse pelos estudos lingüísticos.

Meu amigo Sebastião, pela paciência em ouvir minhas idéias, pelas incansáveis discussões sobre a língua espanhola, pelas sugestões e pelo incentivo.

*... Miré
admiré
traté de comprender
creo que en buena parte he comprendido
y es estupendo
todo es estupendo
sólo allá puede uno saberlo...*

(Mario Benedetti)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	ix	
RESUMO	x	
ABSTRACT	xi	
1	INTRODUÇÃO	
1.1	Objetivos e esclarecimentos	4
1.2	Panorama geral dos capítulos	5
2	RETROSPECTIVA DOS DIFERENTES SIGNIFICADOS E USOS DA OPOSIÇÃO <i>PPS/PPC</i>	8
2.1	Questões de terminologia	8
2.2	Andrés Bello	13
2.3	José Álvaro Porto Dapena	15
2.4	Oposição aspectual × oposição temporal <i>PS/PC</i>	17
2.4.1	Estudo da oposição <i>PS/PC</i> no espanhol das Canárias	21
2.4.2	Análise quantitativa	22
2.5	Os significados do <i>PC</i> no espanhol da América	25
2.5.1	O espanhol mexicano	25
2.5.2	O espanhol colombiano	26
2.5.3	A presença do <i>PC</i> na Argentina	26
2.6	Análise de Gutiérrez Araus	27
2.6.1	O valor de passado <i>continuativo-resultativo</i> do <i>PC</i>	28
2.6.2	O valor de <i>antepresente</i> do <i>PC</i>	30
2.6.3	O valor de passado <i>ênfaticador</i> do <i>PC</i>	31
2.7	Cartagena	33
2.8	Algumas considerações	36
3	AS CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS NO ESPANHOL	39
3.1	Introdução	39
3.1.1	Interrogação ou pergunta?	40
3.1.2	As orações interrogativas como estruturas abertas	43
3.1.3	Perguntas	45

3.1.4	Interrogação epistêmica	46
3.1.5	Interrogativas exclamativas.	48
3.1.6	Interrogativas retóricas	49
3.2	A oposição <i>PS/PC</i> nas construções interrogativas	53
3.2.1	Os dados.	53
3.2.2	A formação do <i>corpus</i>	54
3.2.3	Análise dos dados	57
3.3	O que é oposição aspectual?	63
3.3.1	Modos de ação.	63
3.3.2	Aspecto perfectivo/imperfectivo	64
3.3.3	Aspecto quantificacional	66
3.4	A hipótese do uso modal	69
3.5	Considerações	70
4	A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA	72
4.1	O escopo da Pragmática	72
4.2	A Semântica e a Pragmática	73
4.3	A pressuposição	74
4.3.1	Pressuposição semântica × pressuposição pragmática	75
4.3.2	Tipos de pressuposição	77
4.4	Modo e modalidade	80
4.4.1	Modalidade	82
4.4.2	A modalidade lingüística	83
4.4.3	Modalidade epistêmica e modalidade deôntica	84
4.5	Indícios do valor modal para a oposição <i>PS/PC</i>	86
4.6	Análise das construções interrogativas.	90
5	A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS	96
5.1	Estruturas e dados	97
5.2	A perspectiva da construção cognitiva	99
5.3	As configurações do discurso	100
5.4	O tempo verbal como construtor de espaço.	101
5.5	Aplicação da Teoria dos Espaços Mentais à oposição <i>PS/PC</i>	111
5.5.1	Representações do valor modal nas interrogativas	114
5.5.2	Interrogativas deliberativas	114
5.5.3	A pergunta e as pressuposições.	116
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXO 1: Exemplos de busca no banco de dados da <i>RAE</i>	129
ANEXO 2: Parágrafos com as construções analisadas	132

LISTA DE FIGURAS

2.1	Frequência relativa <i>PS/PC</i>	23
3.1	Aspectos sintáticos-semânticos das construções interrogativas	51
3.2	Aspectos pragmáticos das construções interrogativas	52
5.1	Introdução de novos espaços mentais.	98
5.2	Os diferentes níveis da construção do significado	99
5.3	Relação de subordinação entre os espaços gerados por indicadores contextuais ou gramaticais	101
5.4	Configuração parcial para o exemplo (5.2)	104
5.5	Configuração completa para o exemplo (5.2)	105
5.6	Configuração para a construção (5.6)	107
5.7	Configuração de acordo com Cutrer para o exemplo (5.7)	108
5.8	caracterização de Cutrer adaptada ao espanhol	109
5.9	Configuração para o exemplo (5.8)	109
5.10	Representação do exemplo (5.9)	110
5.11	Configuração do exemplo (5.11)	112
5.12	Representação do exemplo (5.12)	113
5.13	Representação para o valor modal do <i>PC</i>	115
5.14	Propostas de representações para o exemplo (4.14).	118
5.15	Representação da pressuposição	118
5.16	Representação para a construção interrogativa	119
5.17	Representação modo-temporal	120

RESUMO

A oposição entre o *Pretérito Perfecto Compuesto (PC)* e o *Pretérito Simple (PS)* e a delimitação de seus valores semânticos no espanhol ibérico e no espanhol americano, constitui um dos temas mais discutidos na gramática espanhola. Atualmente, a oposição mais aceita para o espanhol ibérico está relacionada à noção de *Presente Ampliado* para o *PC*, enquanto que o uso do *PS* se restringe às ações produzidas em algum intervalo do passado que obrigatoriamente exclui o momento da fala. Além disso, os estudos sobre este tema concordam com o fato de que em grande parte da América Hispânica tal oposição não é de natureza temporal, já que na América o *PS* normalmente reúne as funções divididas entre os dois tempos no uso peninsular. Como apontam os vários estudos quantitativos realizados em algumas das principais capitais da América, observa-se que há uma grande diferença na frequência de uso destes dois tempos, sendo o *PS* a forma predominante. Este trabalho parte da hipótese de que os usos do *PC* nas regiões de preferência quase absoluta pelo *PS* estão relacionados a alguns contextos — lingüísticos e extra-lingüísticos — específicos. Sendo assim, em um primeiro momento, o trabalho tratará de delimitar os contextos que permitem a oposição *PS/PC* no espanhol americano. O presente estudo tem como objetivo principal analisar a oposição *PS/PC* nas construções interrogativas e especificar as diferentes interpretações semânticas decorrentes da opção do falante por uma ou outra forma verbal no uso real da língua. Para tanto, nos apoiaremos nos aspectos semânticos e pragmáticos gerados pelo contexto, tais como a *modalidade* e a *pressuposição*. Com o objetivo de explicitar as diferentes possibilidades interpretativas, tomamos como base o conceito de *espaço mental* da semântica cognitiva, uma vez que este nos permite relacionar a construção cognitiva do significado aos aspectos semânticos-pragmáticos apontados acima.

ABSTRACT

The opposition between the *Pretérito Perfecto Compuesto* (*PC*) and the *Pretérito Simple* (*PS*), and the demarcation of their semantic values in the Iberian Spanish and in the Latin American Spanish is one of the most debated issues in Spanish Grammar. Currently, the most widely accepted idea of opposition for the Iberian Spanish is related to the concept of *Presente Ampliado* (Extended Present) for the *PC*, while the use of the *PS* is restricted to actions that take place at some point in the past which necessarily excludes the time of the speak. Moreover, studies about that question agree that in most of Latin America the opposition is not of a temporal nature, since there the *PS* is normally used in the two different temporal roles that the *PC* and the *PS* play in the Iberian Spanish. As verified in many quantitative studies undertaken in some of the most important Capitals of Latin America, there is a large difference in the frequency with which the two tenses are used, with the *PS* being the predominant form. This work starts with the assumption that the uses of the *PC* in regions where the *PS* has almost absolute preference are related to some specific contexts — both linguistic and extra-linguistic. In this way, we propose to delimit the contexts that allow the opposition between the *PS* and the *PC* in Latin American Spanish. Our study's main objectives are (i) to analyze the *PS / PC* opposition in interrogative clauses and (ii) to identify the various semantic interpretations that follow from the speaker's choice for one form or the other in the daily use of the Spanish Language. To achieve that objective, we will base our analysis in the semantic and pragmatic aspects resulting from the context, such as *modality* and *presupposition*. With the objective of making the different interpretative possibilities explicit, we use the concept of *mental space* from cognitive semantics, since it allows us to relate the cognitive construction of meaning to the afore-mentioned semantic-pragmatic aspects.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, nos propomos a analisar alguns aspectos da oposição *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto* na língua espanhola pois, embora este tema já tenha sido bastante explorado pelas gramáticas espanholas, seu caráter abrangente e heterogêneo permite que este ainda seja um terreno fértil para novos estudos.

Nosso interesse pela língua espanhola, como objeto de estudo, surge dentro de um contexto mais amplo, no qual a proximidade geográfica entre o Brasil e países hispano-falantes acaba por promover o intercâmbio comercial e até mesmo cultural. As relações comerciais entre o Brasil e tais países tem resultado em uma crescente demanda do espanhol como segunda ou terceira língua para estudantes brasileiros.

O processo de aquisição do espanhol como segunda língua por estudantes brasileiros traz consigo algumas peculiaridades: (a) o português e o espanhol, assim como o francês e o italiano, são línguas muito próximas — todas elas derivam do latim e, por isso, apresentam algumas estruturas bastante semelhantes; (b) as afinidades ou semelhanças existentes entre essas línguas, normalmente, permitem que um aprendiz, ainda em fase inicial, consiga entender enunciados na língua estrangeira, principalmente aqueles apresentados na forma escrita. Tais fatos podem resultar na falsa impressão de que para falar espanhol basta substituir as palavras em português por palavras equivalentes daquele idioma, como se fossem simples rótulos. Entretanto, o espanhol, assim como o português ou qualquer outra língua, possui particularidades que nem sempre podem ser traduzidas literalmente.

Um exemplo do exposto anteriormente é o uso do *Pretérito Perfecto Compuesto* (*He leído*), pois como no português brasileiro também há o *Pretérito Perfeito Composto* (*Tenho lido*), muitos desavisados podem achar que o uso deste

tempo no espanhol é exatamente como no português, quando, na realidade, a interpretação de *he leído* por *tenho lido* é apenas um dos valores possíveis do *Pretérito Perfecto Compuesto (PPC)*, que a partir de agora passa a ser chamado apenas de *Pretérito Compuesto (PC)*.¹ A partir das considerações anteriores, comparemos alguns exemplos do uso da forma composta no espanhol e suas respectivas interpretações em português:

(1.1) Martín ha leído muchos libros últimamente.
(Martín tem lido muitos livros ultimamente)

(1.2) Martín ha leído la carta hoy.
(Martín leu a carta hoje)

(1.3) Martín ha leído la carta por toda la noche.
(Martín leu a carta durante toda a noite)

(1.4) Martín, ¿has leído la carta?
(Martín, você leu a carta?)

Neste primeiro momento, trataremos os exemplos acima de forma sucinta a fim de dar ao leitor uma idéia da abrangência do tema que nos propomos a analisar, uma vez que tais exemplos apresentam alguns dos valores que podem ser atribuídos ao *PC*. Desta forma, observamos que em (1.1) o uso do *PC* está relacionado a uma ação que se repete e continua ao longo do tempo, aproximando-se do presente do falante, o que nos remete a um valor aspectual. Em (1.2) a opção pela forma composta está vinculada ao fato de que o evento está inserido em uma unidade de tempo que ainda não terminou; logo, tem-se um valor temporal. Em (1.3), como em (1.1), tem-se um valor aspectual, porém aqui a ação de “ler a carta” se repete durante um período de tempo

¹ Os motivos para a adoção desta nova terminologia serão expostos no capítulo 2.

determinado. Já no exemplo (1.4), o uso do *PC* parece estar relacionado à construção interrogativa. Porém, este ainda é um ponto que carece de uma análise mais detalhada.

Observamos que o uso do *PC* associado às construções interrogativas raramente é abordado pelas gramáticas tradicionais e quando isso ocorre é de forma bastante superficial. Um exemplo da superficialidade com que este aspecto geralmente é tratado é a análise feita por Milani (1999, p. 229), a qual afirma que “usa-se o *PPC* sem marcadores temporais quando há interesse de se falar de ações passadas que têm em seu presente um sujeito gramatical”, dando-nos os seguintes exemplos:

(1.5) ¿Has leído libros de suspenso en español?
Sí, claro. He leído muchos.

(1.6) ¿Qué películas de Almodóvar han visto ustedes?
Solamente hemos visto *Átame*.

A explicação de Milani para a presença do *PC* nas sentenças anteriores mostra-se pouco convincente. Isto porque parece-nos mais apropriado considerar que o uso da forma composta em (1.5) está vinculado a um valor aspectual durativo produzido pela indeterminação do objeto (*libros*), uma vez que tal sentença poderia ser interpretada como:

(1.5) a. Você tem lido livros de suspense em espanhol?
Sim, claro. Tenho lido muitos.

Neste caso, a resposta de caráter também indeterminado (“Sim, claro. Tenho lido muitos”) permite que o verbo seja interpretado aspectualmente como uma *atividade* (cf. VENDLER, 1967), ou seja, “li e continuo lendo livros”.

Por outro lado, em (1.6), embora a pergunta também apresente objeto indeterminado como em (1.5), a resposta com um objeto determinado — *solamente*

hemos visto Átame — nos indica que a interpretação de valor durativo não seria a mais adequada. Entretanto, o aprendiz desavisado, que busca a correspondência entre as construções do espanhol e do português, pode traduzir (1.6) como: — “Que filmes do Almodóvar vocês tem visto?” — (?)“Temos visto somente Átame”. O problema da tradução de (1.6) reside no fato de que ao substituir-se *Solamente hemos visto Átame* por (?)“Temos visto somente Átame” tem-se uma construção semanticamente inadequada, pois subentende-se que determinadas pessoas viram e continuam vendo um único filme (Átame) — fato, no mínimo, estranho —, o que tornaria a sentença uma *atividade*, ou seja, um processo sem um término especificado. Por outro lado, a mesma construção com a forma simples torna-se perfeitamente aceitável. Assim, em “Vimos somente Átame”, temos o que Vendler (1967) denomina de *accomplishment*, isto é, um processo que apresenta um ponto culminante, um término.

1.1 Objetivos e esclarecimentos

De acordo com o exposto anteriormente, observa-se que não há critérios bem definidos para a oposição *PS/PC* nas construções interrogativas. Desta forma, neste trabalho nos propomos a:

- analisar o contraste *PS/PC* nas construções interrogativas coletadas;
- levantar aspectos pragmáticos e semânticos que podem interferir na opção do falante pelo *PS* ou pelo *PC*;
- identificar as diferentes interpretações semânticas decorrentes de tal oposição e utilizar o conceito de *espaço mental* da semântica cognitiva para justificá-las.

O contraste *PS/PC* nas construções interrogativas constitui nosso principal objeto de análise, uma vez que não temos conhecimento de nenhum estudo sobre este ponto específico. Além das razões apontadas no início deste capítulo, o interesse em analisar a oposição *PS/PC* no espanhol da América deve-se, principalmente, ao fato de

que, como a maioria das gramáticas e dos estudos sobre a língua espanhola que chegam até nós priorizam a variante peninsular, acabamos não tendo muito acesso às particularidades do espanhol americano.

Os dados utilizados na análise foram extraídos do banco de dados virtual da *Real Academia Española (RAE)*, que reúne dados da Espanha e de diversos países da América Latina. Sendo assim, embora o título deste trabalho possa sugerir que vamos trabalhar com dados de todos os países da América, adiantamos que nos concentraremos em 5 países, são eles: Costa Rica, Peru, Bolívia, Porto Rico e Venezuela.

Para proceder à análise proposta, tomaremos o conjunto das construções interrogativas somados os 5 países, uma vez que não é nosso intuito estabelecer relações entre os usos destes países, nem chegar a dados conclusivos sobre o uso específico de cada um deles. Assim, adiantamos que, devida a baixa representatividade dos dados de alguns países, só poderemos fazer observações gerais. Os motivos e os critérios utilizados na seleção de tais países serão devidamente explicados no capítulo 3, no qual apresentaremos a metodologia utilizada.

Tendo especificado nossos objetivos, nossa proposta de análise parte da seguinte pergunta: Como analisar a oposição *PS/PC* em construções interrogativas como as seguintes?

(1.7) Martín, ¿leíste la carta?

(1.8) Martín, ¿has leído la carta?

Como estas construções não apresentam indicadores lingüísticos que nos remetam a uma interpretação temporal ou aspectual, procuraremos apontar outros fatores que poderiam estar determinando a opção do falante pelo *PS* (*leíste*) ou pelo *PC* (*has leído*). Tendo feito estas considerações iniciais, passamos à apresentação de

alguns dos principais estudos da oposição *PS/PC* no espanhol, os quais tomaremos como base para o desenvolvimento deste trabalho. Voltaremos à questão das construções interrogativas no capítulo 3.

1.2 Panorama geral dos capítulos

No capítulo 2 apresentaremos alguns estudos realizados sobre a oposição *PS/PC* e procuraremos traçar um panorama geral dos distintos valores atribuídos a estas formas verbais ao longo do tempo. Para delinear o quadro das diferentes formas de entender tal oposição verbal, nos apoiaremos nas análises realizadas por renomados estudiosos da gramática espanhola, ou seja, autores que obrigatoriamente constam na bibliografia de qualquer gramática desta língua, tais como: Bello (1847), Porto Dapena (1989) e Alarcos Llorach (1994); e outros estudos mais recentes como os apresentados por Piñero (2000), Cartagena (1999) e Gutiérrez Araus (1997; 2001), entre outros.

O capítulo 3 tratará dos aspectos semânticos e pragmáticos das construções interrogativas na língua espanhola. Ainda neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada na coleta dos dados e uma análise preliminar das orações interrogativas que compõem o nosso *corpus*.

No capítulo 4 faremos algumas considerações acerca dos limites entre a *Semântica* e a *Pragmática* e buscaremos definir alguns conceitos tais como *modalidade*, *modo* e *pressuposição*, uma vez que estes serão de fundamental importância para o desenvolvimento da nossa argumentação.

No capítulo 5 apresentaremos a teoria dos *Espaços Mentais* proposta por Fauconnier (1985; 1997) e consideraremos a sua aplicabilidade para representar o contraste entre as formas verbais em questão a partir de uma perspectiva cognitiva. Por fim, com base na teoria dos *Espaços Mentais*, serão propostas algumas configurações para a oposição *PS/PC* com o propósito de explicitar as diferentes interpretações

semânticas possibilitadas pelo uso de uma ou outra forma verbal nas construções interrogativas analisadas.

CAPÍTULO 2

RETROSPECTIVA DOS DIFERENTES SIGNIFICADOS E USOS DA OPOSIÇÃO *PPS* / *PPC*

Antes de entrarmos nos estudos realizados acerca da oposição tradicionalmente denominada de *Pretérito Perfecto Simple (PPS)* e *Pretérito Perfecto Compuesto (PCC)* na língua espanhola, faz-se necessária uma apresentação das diversas nomenclaturas atribuídas a estes dois tempos verbais, uma vez que as diferentes terminologias adotadas revelam as distintas formas de perceber tal oposição ao longo do tempo e também a confusão existente entre conceitos como *tempo* e *aspecto*.

2.1 Questões de terminologia

Com o objetivo de ilustrar a variedade terminológica criada para denominar as formas simples e composta do pretérito do indicativo do espanhol, elegemos, entre as várias existentes², as três denominações que consideramos mais representativas de tal oposição verbal, ou seja, que tiveram seu uso mais expandido nas gramáticas espanholas ao longo do tempo:

- *Pretérito e Antepresente* — Andrés Bello (1847)
- *Pretérito Indefinido e Pretérito Perfecto* — Gramática da RAE (1931)
- *Pretérito Perfecto Simple e Pretérito Perfecto Compuesto* — RAE (1973)

² GUTIÉRREZ ARAUS (1997) apresenta as seguintes denominações: CANTÉ: *pretérito, pretérito absoluto, pretérito indefinido, perfecto simple, pasado simple, pretérito perfecto absoluto*. HE CANTADO: *antepresente, pretérito perfecto, pretérito perfecto compuesto, presente perfecto, pasado compuesto, pretérito perfecto actual*.

Consideramos que atualmente o termo *antepresente*, proposto por Bello, mostra-se bastante restrito, uma vez que não consegue abarcar todos os valores que a forma composta pode adquirir nas mais diferentes situações. É curioso notar que, como veremos mais adiante, mesmo alguns dos exemplos apresentados por este autor já fugiam do conceito meramente temporal que deu origem ao termo *antepresente*.

Em 1931 a *Real Academia Española (RAE)* propõe os termos *pretérito indefinido* e *pretérito perfecto* e procura diferenciar as duas formas, como Bello, pela temporalidade. Assim, para um fato ocorrido em um tempo indefinidamente anterior ao momento da enunciação propõe-se o emprego da denominação *pretérito indefinido* e para fatos recentes ou cujos resultados sejam percebidos no presente atribui-se o nome de *pretérito perfecto*. O problema desta terminologia é que ela confunde temporalidade com aspecto. Ou seja, o termo *pretérito indefinido* está baseado em critérios temporais relacionados à indeterminação temporal enquanto que o termo *perfecto* está relacionado à noção aspectual de *acabado* em oposição ao *imperfecto* — *não acabado*. É interessante observar que, embora a *RAE* tenha proposto uma nova terminologia no *Esbozo de una nueva gramática* (1973), não é raro encontrarmos nas gramáticas atuais os termos *pretérito indefinido / pretérito perfecto*. Também a segunda terminologia proposta pela *RAE* — *pretérito perfecto simple (PPS) / pretérito perfecto compuesto (PPC)* — não é totalmente convincente, pois esta considera que o *pretérito perfecto compuesto*

Significa en la lengua moderna la acción pasada y perfecta que guarda relación con el presente. Esta relación puede ser real, o simplemente pensada o percibida por el hablante. Por esto nos servimos de este tiempo para expresar el pasado inmediato; por ejemplo, un orador suele terminar su discurso con la frase *he dicho*, que significa “acabo de decir”. También denota el hecho ocurrido en un lapso de tiempo que no ha terminado todavía; v. gr.: *Hoy me he levantado a las siete; Este año ha habido buena cosecha; [...] Yo he estado siempre (y estaré) en Buenos Aires (J.L. Borges, Poes.: Arrabal)*. Lo empleamos asimismo para acciones alejadas del presente, cuyas consecuencias duran todavía. Decir *La industria ha prosperado mucho* significa que ahora están patentes los efectos de aquella prosperidad, que puede continuar; decir *La industria prosperó mucho* enuncia simplemente un hecho sin conexión con el presente (...) (*RAE*, 1973, p. 465-466).

A *RAE* afirma ainda que tanto o *PPC* (*he amado*) quanto o *PPS* (*amé*) denotam ações medidas diretamente e acabadas ou perfeitas. “Esta coincidencia acerca la significación de ambos tiempos. Así se explica que varias lenguas romances los confundan en el uso real, aunque la lengua literaria procure mantener sus diferencias, como ocurre en francés y en italiano” (*RAE*, p. 466).

Quando dissemos que o termo *perfecto* empregado pela *RAE* não é totalmente convincente, nos referimos ao fato de que, ao contrário da forma simples, nem sempre a forma composta apresentará a ação ou estado como *acabado*. Este fato pode ser observado em um dos exemplos da citação acima, pois na frase *Yo he estado siempre (y estaré) en Buenos Aires*, o verbo “estar”, na forma composta, torna-se imperfectivo por causa do advérbio *siempre*, que funciona como um modificador do verbo e sugere que o “estar em Buenos Aires” não está terminado no presente e inclusive poderá continuar no futuro.

Scott (1995, apud GABARDO, 2001) faz algumas considerações interessantes sobre a relativização do traço [+ perfectivo] para a forma composta. Para Scott, embora este tempo verbal designe fenômenos que tiveram início antes do momento da enunciação, tais fenômenos são considerados atuais, vigentes no momento em que estão sendo emitidos, o que evidencia a diferença aspectual entre:

(2.1) Este año *llovió* mucho.

(2.2) Este año *ha llovido* mucho.

Desta forma, em (2.1), ao usar o *Pretérito Simple (PS)*, o “falante quer dizer que a temporada das chuvas já acabou (aspecto perfectivo)” (GABARDO, 2001, p. 104). Já em (2.2) o uso do composto sugere que a temporada das chuvas ainda não acabou. Logo, tem-se aspecto imperfectivo³.

Não é nossa intenção neste trabalho fazer uma análise detalhada desta questão

³ Gabardo (2001) apresenta um estudo detalhado sobre tempo e aspecto no português e no espanhol.

das diferentes terminologias e do que está implícito em cada uma. Entretanto, não podíamos deixar de apontar, ainda que de forma superficial, duas incoerências que, apesar do tempo, permanecem na terminologia adotada pelas gramáticas atuais: (a) a denominação *pretérito indefinido* em oposição ao *pretérito perfecto* que, como observamos anteriormente, tem sido utilizada de forma equivocada pelas gramáticas; (b) o termo *perfecto* que nem sempre mostra-se adequado à forma composta, pois como exemplificado em (2.2), há casos em que o *PC* pode ser caracterizado como imperfectivo. Entretanto, muitas vezes o *PC* coincide no traço [+ perfectivo] com o *PS*, fato este que torna o termo *perfecto* dispensável, uma vez que não é um traço distintivo para os tempos em questão. A própria *RAE* reconhece que ao considerar-se ambos tempos como “acabados” cria-se uma coincidência entre suas significações, o que poderia levar a uma confusão no uso real. Apesar desta observação, ela se mantém irreduzível, considerando que os dois tempos são pretéritos e perfeitos.

Após algum tempo em contato com as gramáticas e mais especificamente com os estudos relacionados aos tempos verbais feitos por autores espanhóis, observamos que há um certo conservadorismo acadêmico que diferencia a forma de abordagem dos lingüistas espanhóis se comparada à forma como os lingüistas brasileiros, por exemplo, tratam das questões gramaticais. Entretanto, é importante observar que: (a) não é nossa intenção aqui desmerecer aqueles em favor destes mas sim constatar que há uma diferença na forma de tratamento das questões gramaticais; (b) a comparação entre a forma de abordagem hispânica e a brasileira deve-se unicamente ao fato de que nosso objeto de estudo nasce do interesse — a partir da perspectiva de alguém que tem o português brasileiro como sua primeira língua — em compreender os critérios utilizados por um hispano-falante ao optar por uma ou outra forma de passado.

A necessidade de trazer à tona este tema do conservadorismo gramatical espanhol deve-se ao fato de que para um lingüista brasileiro, que não tem contado com os estudos gramaticais da língua espanhola, pode ser difícil compreender esta diferença

que é, antes de tudo, cultural. Isto é, a diferença paradigmática está relacionada a uma postura hispânica que preza, mais do que nós brasileiros, a conservação de uma tradição gramatical. Feitas tais considerações, podemos citar a permanência de termos como *pretérito indefinido* nas gramáticas atuais como um exemplo deste tradicionalismo. O que inicialmente percebemos como uma incompatibilidade paradigmática, acabou por encontrar respaldo nas palavras de Gutiérrez Araus:

Apesar de que los problemas terminológicos no suelen tener una transcendencia destacada, por su carácter convencional e inercial en el desarrollo de cualquier rama del saber, sin embargo no conviene desdeñarlos con demasiada ligereza. Lo más importante es la caracterización, la definición previa de un concepto. Sin ser excesivamente exigentes con la elección de los términos gramaticales, pues la discusión sobre la propiedad o impropiedad, en ocasiones, resulta improductiva, nos parece, sin embargo, interesante tomar partido en este caso por los términos que, dentro de una línea de tradición gramatical, resulten más apropiados a su caracterización dentro del sistema verbal. En el *Esbozo* de la RAE se propugna la conservación de los términos que no contradigan conceptos lingüísticos, a fin de respetar una tradición que se ha impuesto en la enseñanza oficial de los países hispanohablantes (GUTIÉRREZ ARAUS, 1997, p. 17).

A autora aponta ainda que não foi difícil optar pelo termo *pretérito simple* para a forma *canté*, uma vez que este ajusta-se mais à realidade do sistema verbal espanhol do que o termo tradicionalmente denominado de *pretérito indefinido*, que, segundo ela, é qualquer coisa, menos *indefinido*. Embora Gutiérrez Araus admita que o termo *antepresente* é mais interessante para a forma *he cantado*, preferiu chamá-la por seu nome tradicional, *pretérito perfecto*, prevalecendo assim tradicionalismo.

A partir das questões apontadas acima e levando em consideração que o uso da forma composta varia de região para região e que o seu significado depende de fatores lingüísticos como a presença ou ausência de marcadores temporais e aspectuais e de fatores extra-lingüísticos como o contexto e a pressuposição dos falantes, acreditamos que a oposição entre as formas simples e composta carece de uma terminologia mais apropriada à variedade de valores que podem ser atribuídos a esta última. Como o *pretérito compuesto* pode opor-se ao *pretérito simple* tanto pela temporalidade quanto

pelo aspecto ou ainda, como procuraremos argumentar ao longo deste trabalho, por fatores pragmáticos, parece-nos difícil encontrar um termo que consiga abarcar todas esses significados potenciais. Diante desta dificuldade, sugerimos uma terminologia de caráter o mais neutro possível. Isto é, uma terminologia que não esteja mais inclinada para um ou outro valor e que facilite a tarefa daqueles que — não tendo o espanhol como língua materna — querem entender a diferença de uso entre estes dois tempos verbais. Sendo assim, e na falta de outra terminologia, neste trabalho empregaremos os termos *Pretérito Simple (PS)* e *Pretérito Compuesto (PC)*, procurando, assim, uma alternativa às terminologias tradicionalmente empregadas.

Passamos agora aos estudos sobre a alternância *PS/PC* que serão a base teórica para a nossa análise.

2.2 Andrés Bello

Bello (1984⁴) considera que o *pretérito canté* significa a anterioridade do atributo ao momento da enunciação e divide os verbos que admitem este tempo verbal em *desinentes* e *permanentes*:

Nótese que en unos verbos el atributo, por el hecho de haber llegado a su perfección, expira, y en otros, sin embargo, subsiste durando: a los primeros llamo *desinentes*, y a los segundos *permanentes*. *Nacer, morir*, son verbos desinentes, porque luego que uno nace o muere, deja de nacer o de morir; pero *ser, ver, oír*, son verbos permanentes, porque sin embargo de que la existencia, la visión o la audición sea desde el principio perfecta, puede seguir durando gran tiempo (BELLO, 1984, p. 200).

De acordo com este autor, o *pretérito* dos verbos desinentes significa sempre a anterioridade de toda a duração do atributo com relação ao momento da enunciação. Assim, em *Se edificó la casa*, interessa apenas o momento em que a edificação atingiu o seu término. Já em *Luego que se edificó la casa me mudé a ella*, o último momento

⁴ Primeira edição 1847.

da edificação é anterior ao primeiro momento da mudança, uma vez que o verbo “edificar” é considerado por Bello como desinente.

Ao referir-se ao *antepresente* (*he cantado*), Bello faz as seguintes considerações:

Comparando estas dos proposiciones: “Roma se hizo señora del mundo” y “La Inglaterra se ha hecho señora del mar”, se percibe con claridad lo que distingue al pretérito del antepresente. En la segunda se indica que aun dura el señorío del mar; en la primera el señorío del mundo se representa como una cosa que ya pasó. La forma compuesta tiene, pues relación con algo que todavía existe.

Se dirá propiamente “Él estuvo ayer en la ciudad, pero se ha vuelto hoy al campo”. Se dice que una persona *ha muerto* cuando aun tenemos delante vestigios recientes de la existencia difunta; (BELLO, 1984, p. 2002).

Observa-se que apesar da terminologia *antepresente* referir-se apenas à anterioridade temporal, a definição e os exemplos apresentados por Bello vão além da mera temporalidade. Este fato é evidenciado pela oposição *Roma se hizo señora del mundo / La Inglaterra se ha hecho señora del mar*, pois ao afirmar que o que diferencia tais sentenças é a duração do *señorio del mar* até o momento da enunciação, o autor utiliza um critério aspectual, que atualmente seria empregado para classificar a oposição entre tais construções como *pontual × durativa*.

Por outro lado, em ... *se ha vuelto al campo hoy* observamos que o uso do *PC* está atrelado ao valor temporal de atualidade, valor este que desde Alarcos Llorach tem sido denominado de *presente ampliado*.

Já em *ha muerto*, de acordo com Bello, podem estar implícitos fatores tanto temporais quanto afetivos ou psicológicos. Isto porque a morte de alguém pode tanto estar incluída em um marco temporal que faz parte da atualidade do falante (*este año, esta semana, hoy, recientemente, etc*) quanto pode ser algo que, apesar de haver ocorrido a muito tempo, é projetado psicologicamente pelo falante como próximo no seu momento presente.

Ao traçar este paralelo entre as caracterizações de Bello e os estudos mais

recentes, pretendemos reconhecer o mérito deste autor, que já naquela época percebeu — embora carecesse da nomenclatura adequada — aspectos que, como veremos no decorrer deste trabalho, são fundamentais para a compreensão dos diferentes significados decorrentes da oposição *PS/PC*.

2.3 José Álvaro Porto Dapena

Porto Dapena (1989) não foi incluído em nossa bibliografia por acaso, pois sua análise da oposição *PS/PC* apresenta alguns elementos novos. O autor parte da questão problemática deixada pela *RAE* (1973) à qual já nos referimos anteriormente, ou seja, se tanto *canté* quanto *he cantado* são temporalmente “pretéritos” e aspectualmente “terminados”, como diferenciá-los semanticamente? Vejamos como este autor coloca tal questão:

¿Constituirán, como quieren algunos, formas semánticamente coincidentes o, por el contrario, existirá entre ellas verdadera oposición de acuerdo con las enseñanzas de nuestra gramática normativa tradicional? La verdad es que, según la variedad del español o contexto de que partamos, ambas posturas pueden ser idénticamente aceptables.

En ciertas variedades del español — como es el caso, dentro de la Península, del castellano hablado en Galicia y Asturias, y, fuera de ella, en el de extensas zonas de América —, esta oposición es prácticamente inexistente, dándose una clara preferencia por el uso del pretérito indefinido aun en aquellos casos en que, según la norma castellana, sería de esperar un pretérito perfecto (PORTO DAPENA, 1989, p. 64,65).

Porto Dapena conclui o questionamento da citação anterior afirmando que a oposição *PS/PC* mantém-se plenamente vigente no espanhol normativo peninsular e inclusive — sobretudo no registro escrito — em amplas zonas extra-peninsulares.

Porto Dapena apresenta alguns valores semânticos que caracterizam ambos tempos verbais. Começa sua análise destacando o fato de que o *PC* é compatível com advérbios e expressões temporais que indicam um período ou lapso de tempo do qual faz parte o momento do enunciado e, conseqüentemente, incompatível com

complementos circunstanciais que de algum modo implicam uma oposição ou ruptura com o presente, circunstância em que prefere-se o *PS*. Sendo assim, justifica-se o uso do *PS* em (2.3) e do *PC* em (2.4):

(2.3) Ayer llovió mucho en Madrid.

(2.4) Hoy ha llovido mucho en Madrid.

Entretanto, o autor observa que esta não é a única oposição entre tais formas verbais, pois o *PC* também pode aparecer acompanhado de advérbios como *últimamente*, *recientemente*, *hace unos momentos*, que embora façam referência a um momento muito próximo do presente, este não está, necessariamente, incluído neles. Vejamos o exemplo abaixo:

(2.5) Últimamente le ha dado por la bebida.

De acordo com o autor, em (2.5) “el perfecto indicaría un tiempo pretérito inmediato” (p. 66). Entretanto, aponta que este traço de [+ imediatez], que é próprio do *PC*, parece falhar em contextos como:

(2.6) He escrito este libro hace muchos años.

Segundo Porto Dapena, em (2.6) o uso do *PC* poderia ser justificado pelo fato de que o efeito ou resultado da ação, ou seja, o livro, continua no momento da enunciação. O autor discorda do *valor resultativo* que tem sido atribuído a contextos como (2.6). Para ele, “el perfecto no expresa propiamente el resultado, sino que lo implica o presupone” (p. 67). Por isso, considera que a denominação *pre-resultativo* seria mais adequada para casos como o de (2.6). Acrescenta ainda que o traço

característico do *perfecto* (usando sua terminologia) não consiste apenas em ser *pre-resultativo*, isto é, em implicar um resultado, pois além disso terá que coincidir temporalmente com o presente, conforme o exemplo a seguir:

(2.7) Felipe se ha roto un brazo.

Para o autor, (2.7) apresenta um valor *pré-resultativo* porque implica que *Felipe tiene un brazo roto* no presente.

Observa-se que o que diferencia a análise de Porto Dapena dos estudos realizados por Bello e pela *RAE* é o fato de que ele, além de preocupar-se com uma diferenciação semântica mais precisa de ambos os pretéritos, inova ao propor o valor *pré-resultativo* para o *PC*.

2.4 Oposição aspectual × oposição temporal *PS/PC*

Piñero (2000)⁵ analisa os fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que determinam a opção do falante culto de Gran Canaria por um ou outro tempo verbal e estabelece a situação desta variante do espanhol com relação a outras zonas urbanas espanholas e latino-americanas.

A partir de uma revisão teórica das análises que tratam da oposição *PS/PC*, a autora observa que os estudos gramaticais que, desde meados do século XVI, reconhecem a existência de características distintivas entre tais formas verbais, basearam esta oposição em dois critérios essenciais. De acordo com esta caracterização fundamental, a forma composta se diferencia por uma *marca de relação com o presente*.

⁵ O trabalho realizado por Piñero (2000) sobre o uso da forma composta em Las Palmas de Gran Canaria insere-se em um projeto de grande amplitude que é o *Projeto de estudo coordenado da norma lingüística culta do espanhol falado nas principais cidades do mundo hispânico*.

Estes dois tempos verbais também já foram entendidos como representativos da oposição *determinação/indeterminação* temporal, ainda que no início o *PC* tenha sido considerado o portador dessa *determinação* e mais tarde tal consideração tenha recaído sobre *PS*. Assim, construções como

(2.8) Hoy he cantado,

no passado, foram consideradas portadoras de tempo *determinado* por causa do marcador temporal *hoy*. Por outro lado, construções como

(2.9) Un día canté,

(2.10) Yo no me acuerdo cuando ella vino,

já foram consideradas formas *indeterminadas* por não especificar o ponto, no passado, em que ocorreu a ação.

É interessante notar que o termo *indefinido* usado frequentemente nas gramáticas atuais tem sua origem neste antigo valor de indeterminação atribuído ao *PS*. Entretanto, na década de 50 este último critério — de valor *indeterminado* para o *PS* — desaparece definitivamente dos estudos gramaticais, uma vez que estes voltam a basear a oposição *PS/PC* na relação com o presente própria do composto.

Um exemplo desta tendência de relacionar o *PC* ao presente são os estudos realizados por Criado Val (1969 apud PIÑERO, 2000, p. 30), uma vez que, a partir da análise de uma seleção de textos literários, este autor conclui que o *PS* indica, temporalmente, passado ‘más o menos remoto’ e, aspectualmente, possui valor *pontual* ou *momentâneo*. Já o *PC* indica passado próximo e valor aspectual *perfectivo*, ou seja, considera-se o fato como terminado. Observa-se que, mais uma vez, temos uma incoerência conceitual, pois Criado Val baseia a oposição aspectual em dois

conceitos completamente diferentes. Em outras palavras, opõe os valores *pontual* × *acabado*, que são de natureza aspectual diferente. Desta forma, uma oposição mais coerente seria: *pontual* × *durativo* ou *terminado* × *não-terminado*.

Alarcos Llorach⁶ (apud Piñero) considera que o *PS* e o *PC* não se distinguem pelo valor aspectual, uma vez que ambos são perfectivos — empregados para fatos considerados acabados — mas sim por seu significado temporal: 'el perfecto compuesto nos da la idea de un presente ampliado hacia el pasado, por el contrario, la forma simple nos indica una acción producida en un punto o línea excluidos del que llamamos *presente ampliado*' (ALARCOS LLORACH, 1970, apud PIÑERO, p. 31). O autor estabelece o valor destas formas baseado num fator contextual como é a presença ou ausência de modificações temporais. Naqueles casos em que as modificações temporais não aparecem no contexto, temos que supor, segundo Alarcos, que o falante situa-se psicologicamente em uma unidade de tempo cujo significado o levará a escolher uma ou outra forma de pretérito.

Esta noção de *presente ampliado* continua vigente na maioria das gramáticas da língua espanhola, desde as tradicionais como a *RAE*, até as descritivas funcionalistas (GÓMEZ T., 2000) e, inclusive, em estudos que propõem uma análise formal do tema (MORENO-TORRES, 2000). Vejamos como cada abordagem dá continuidade à noção de *presente ampliado* apresentada por Alarcos Llorach.

Como foi dito no início deste capítulo, para a *RAE* o *pretérito perfecto compuesto* significa a ação passada e perfeita ou terminada que apresenta alguma relação com o presente ou momento da enunciação. Como exemplos deste valor tem-se sentenças como *Hoy me he levantado a las siete; Ha caído durante todo el día una espesa nevada; Yo he estado siempre en Buenos Aires*. A *RAE* também aponta que o *PC* é empregado para ações distantes do presente, cujas conseqüências ainda duram. Assim, dizer que *la industria ha prosperado mucho* significa que se mantém no

⁶ ALARCOS LLORACH, E. "Perfecto simple y compuesto". In: *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1970, p. 13-49.

presente os efeitos daquela prosperidade; dizer que *la indústria prosperó mucho* enuncia simplesmente um fato passado sem conexão com o presente.

De acordo com a *RAE*, às vezes a relação com o presente também pode ser afetiva: assim, diante de uma mesma situação dizemos que *mi padre ha muerto hace tres años*, se aquele fato repercute em meu sentimento atual; por outro lado, *mi padre murió hace tres años* não passa de uma notícia desprovida de emotividade.

Gómez T. (2000), em sua gramática de cunho funcionalista, mantém-se fiel à *RAE*, pois as descrições de uso que apresenta também estão vinculadas a fatos passados que têm relação com o marco temporal no qual o falante se encontra:

Con esta forma verbal nos referimos también a hechos pasados pero que tienen relación con la zona temporal en la que se encuentra el hablante. La diferencia, pues, con el pretérito indefinido es que los hechos expresados por este último están fuera de la zona temporal del hablante [...].

Ahora bien, la relación con el ahora del hablante puede ser puramente psicológica (GÓMEZ T., 2000, p. 150).

Moreno-Torres⁷ (2000, p. 86), ao considerar que o *PC* nos permite descrever uma situação inserindo-a em um intervalo de tempo que inclui o presente, parte da noção de *presente ampliado* para propor uma representação formal da oposição *PS/PC*. O autor compara três teorias de tal oposição, analisando-as através da DRT (Teoria de Representação do Discurso) de Kamp e Reyle (1993).

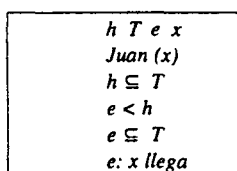
A partir de uma proposta de análise da oposição *PS/PC* baseada em três teorias diferentes, Moreno-Torres conclui que entre as teorias comparadas — Teoria do Estado Resultante, Teoria do Ponto de Referência e Teoria do Presente Ampliado —, a Teoria do Presente Ampliado foi a que permitiu o emprego de uma meta-linguagem mais completa e coerente. Isto porque, segundo ele, esta teoria possibilita a representação formal de fatores como a temporalidade, o aspecto e a relevância atual.

Vejamos um exemplo da aplicação da DRT para a oposição *PS/PC* proposta

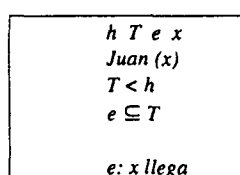
⁷ Este autor já utiliza a denominação *pretérito simple/ pretérito compuesto*.

por Moreno-Torres:

(2.11a) Juan ha llegado.



(2.11b) Juan llegó



Nas formalizações acima, h é o instante da enunciação, T é o marco temporal, e é o evento descrito e x corresponde a Juan. Desta forma, em (2.11a) lê-se: o momento da enunciação h está incluído no marco temporal T ; o evento e é anterior ao instante da fala e está incluído em T . Já em (2.11b) o marco temporal T é anterior ao momento da fala h e o evento e está incluído em T .

A representação acima é uma pequena amostra do trabalho desenvolvido por Moreno-Torres envolvendo a noção de *presente ampliado* e sua inclusão neste capítulo tem como intuito demonstrar a abrangência e atualidade desta terminologia no espanhol peninsular.

Apesar de demonstrar a flexibilidade que a DRT apresenta ao permitir que o tempo, o aspecto e a relevância atual sejam representados formalmente, Moreno-Torres não menciona em nenhum momento a questão do uso do *PC* nas construções interrogativas e embora a DRT tenha demonstrado um grande alcance na representação formal de alguns dos valores atribuídos a este tempo verbal, vale lembrar que fatores como o contexto e a pressuposição dos falantes não foram considerados.

2.4.1 Estudos da oposição *PS/PC* no espanhol das Canárias

Piñero (2000) observa que nenhum dos estudos sobre o espanhol reconheceu as ilhas Canárias como uma das regiões espanholas em que o uso da oposição verbal da

qual estamos tratando traz certas peculiaridades. Por outro lado, não é o que ocorre com os estudos específicos em torno do espanhol das Canárias, nos quais, defendendo diferentes posturas, seus respectivos autores vêm admitindo em maior ou menor grau uma característica específica no uso destas formas verbais que se manifesta, essencialmente, em uma preferência pelo *PS* em certos contextos nos quais o espanhol peninsular selecionaria o *PC*.

A partir da análise de seus dados, Piñero considera que nas Canárias o *PS* foi ampliando seu campo de uso e se apropriando de valores que a norma padrão atribui ao *PC*, o que, conseqüentemente, reduziu a freqüência deste último.

Piñero observa ainda que diversos autores apontam a preferência pelo uso do *PS* como uma característica distintiva do espanhol das Canárias, porém considera que esta manifestação no terreno ligüístico seria fruto da função de ponte cultural entre a Espanha e a América exercido durante séculos por este arquipélago. Esta observação de Piñero mostra-se bastante convincente, pois, devido a sua localização geográfica entre a Espanha e a América, as Canárias acabaram tornando-se um espaço de transição entre essas duas culturas.

Os dados apresentados na tabela 2.1 reforçam a idéia de que o menor uso do *PC* nas Canárias refletiria o papel histórico de “ponte” cultural e lingüística desempenhado por este arquipélago ao longo do tempo.

2.4.2 Análise quantitativa

Piñero (2000, p. 42) apresenta a tabela que reproduzimos a seguir:

Estudos inseridos no Projeto	
Madrid	1,40 : 1
Las Palmas de Gran Canaria	2,10 : 1
Santiago de Chile	2,91 : 1
San Juan de Puerto Rico	3 : 1
México	4,60 : 1

Outros estudos	
Buenos Aires	6,90 : 1
Salta	2,82 : 1

Tabela 2.1: Frequência relativa *PS:PC*

De acordo com os números apresentados acima, o resultado de Las Palmas (para cada 2,1 ocorrências do *PS* tem-se apenas 1 ocorrência do *PC*) situa esta cidade em uma zona intermediária entre o espanhol peninsular e o espanhol da América. México e Buenos Aires chamam a atenção pela grande frequência do *PS*, fato este que aguçou nosso interesse em analisar os fatores que determinam o uso desta pequena parcela da forma composta que sobrevive.

Além de fazer uma análise quantitativa baseada em critérios sociais como sexo e idade, Piñero também analisa seus dados qualitativamente. Desta forma, entre os fatores contextuais tradicionalmente levados em conta na distinção das parcelas significativas de cada um dos tempos verbais, foi o exame dos indicadores extra-verbais de tempo e aspecto que proporcionou mais informação sobre o comportamento de tais tempos.

O estudo qualitativo destes indicadores extra-verbais, cujo conteúdo semântico precisa o valor da ação verbal, foi realizado partindo-se dos três critérios que costumam definir esta oposição: a) a inclusão ou exclusão do momento da enunciação; b) a ação repetida frente à ação única e b) a ação durativa frente à ação pontual. Quanto ao primeiro critério, comprovou-se que a maioria das seqüências que incluem o

momento do discurso combinam-se com o *PC*, porém há um número significativo de contextos (24,44%) nos quais, distanciando-se da caracterização própria do espanhol padrão peninsular, estas seqüências combinam-se com o *PS*.

Conseqüentemente, no espanhol culto de Las Palmas de Gran Canaria o *PS* ampliou seu campo de uso, pois figura em contextos nos quais faz referência a um passado próximo, ainda que esteja acompanhado por unidades de tempo que incluem o momento da enunciação, contextos nos quais o espanhol peninsular empregaria o *PC*. A autora também observa que o *PS* diminui notavelmente em determinados contextos.

Em alguns casos, como ocorre com os advérbios *todavía* e *aún* e com expressões que contenham a palavra *hasta* seguida de uma unidade de tempo que inclui o presente, tais modificadores se comportam de forma homogênea tanto na Espanha quanto na América, selecionando preferentemente a forma composta.

Quanto ao segundo e terceiro critérios utilizados para a análise, ação única frente à ação repetida e ação pontual frente à ação durativa, respectivamente, os dados obtidos mostraram-se secundários, uma vez que o critério que predomina na determinação do uso do *PC*, nas Canárias é o de relação com o momento da enunciação.

Piñero constata que o caráter afirmativo ou negativo da oração é o fator que permite detectar maiores diferenças entre ambos os tempos, pois, apesar do predomínio absoluto das orações afirmativas no *corpus*, é evidente a preferência da oração negativa pelo *PC*. Neste sentido, observa que o grupo dos advérbios *todavía* e *aún* manifesta uma clara preferência por contextos negados e, logo, pelo emprego da forma composta.

O trabalho de Piñero mostra-se relevante para o desenvolvimento de nossa análise, uma vez que apresenta dados quantitativos que refletem o estado em que se encontra o uso do *PC* em diversas capitais do mundo hispânico e ressalta a diferença de uso do *PC* na península e na América hispânica.

2.5 Os significados do *PC* no espanhol da América

Gutiérrez Araus (2001), em trabalho apresentado no *II Congreso Internacional de la Lengua Española* que ocorreu em Valladolid, se propõe a fazer uma caracterização das funções do *PC* no espanhol da América. Para a realização de tal estudo, toma como base informações providas por monografias das diferentes variedades desta língua e analisa dados da modalidade falada e escrita a fim de detectar funções em comum dentro do espanhol americano e aspectos em que difere da variante peninsular.

Embora a autora analise estudos da oposição *PS/PC* realizados em grande parte da América hispânica, nos focaremos nos estudos de maior representatividade.

2.5.1 O espanhol mexicano

Em seus estudos sobre os formas *PS* e *PC* no espanhol mexicano, Lope Blanch (apud GUTIÉRREZ ARAUS) centra a oposição *canté/he cantado* no aspecto verbal: perfectivo e pontual para *canté* e durativo e/ou reiterativo para *he cantado*. O fato de *he cantado* referir-se a fenômenos que começaram no passado e permanecem no presente, o induz a pensar que se trata de aspecto durativo, exemplificando com: *Este mes estudié mucho* (já acabei de estudar), comparado a *Este mes he estudiado mucho* (ainda continuo estudando). Gutiérrez Araus propõe a substituição do termo *imperfectivo* proposto por Lope Blanch pelo termo *continuativo-resultativo*, por entender *continuativo* como pertencente ao plano do discurso atual, e não ao plano inatual ou narrativo.

A autora observa que o uso *continuativo-resultativo* também ocorre no espanhol da Espanha: em “*todos los que me querían murieron*”, narro algo que pertence ao meu passado, já em “*todos los que me querían han muerto*”, comento que essas mortes estão no meu presente psicológico.

2.5.2 O espanhol colombiano

Gutiérrez A. aponta que o trabalho mais importante sobre as formas verbais que nos interessam no espanhol colombiano é o de H. Berschin (1975), pois este autor realiza um estudo contrastivo de dados obtidos em Madri e em Bogotá. Primeiro analisa a compatibilidade com os advérbios *ayer/hoy*, para medir o valor de *antepresente* e o valor *continuativo-resultativo* com frases em que *hasta ahora* está explícito ou implícito. Os resultados numéricos de referido estudo revelam que também na Colombia sobrevive o uso que Gutiérrez Araus denomina de *continuativo-resultativo*, sendo que esse uso está diretamente relacionado ao valor representado por *hasta ahora*. Berschin (apud GUTIÉRREZ ARAUS) conclui que o tipo [+ *hasta ahora*] constitui o único emprego do *PC* no espanhol colombiano.

2.5.3 A presença do *PC* na Argentina

Segundo Gutiérrez Araus, o panorama do uso das formas *canté/he cantado* na Argentina é variado. Entretanto, ela afirma que é possível dividir a distribuição desses modelos verbais em duas zonas claramente diferenciadas. Por um lado tem-se ao norte do país: Tucumán, Salta, etc, e, por outro lado, Buenos Aires e o litoral. Assim, Vidal de Battini (1966, p.189 apud GUTIÉRREZ A.) considera que o uso do composto predomina no noroeste do país. No centro, há uma alternância das formas simples e composta, enquanto que no resto do país, particularmente na região de Buenos Aires, prefere-se o *PS*.

Sobre o espanhol falado em Buenos Aires, Kubarth (1992 apud GUTIÉRREZ ARAUS) realiza um estudo baseado em critérios socioculturais. A partir da descrição de seus resultados, conclui que em Buenos Aires a forma composta não está relacionada à anterioridade imediata ao momento da fala e nem é usada em momentos culminantes ou emotivos da narração (uso enfático), entretanto, aparece como forma

resultativa com relevância do presente. Seus dados também mostram que nos socioletos altos e nas gerações mais velhas, o *PC* é considerado de prestígio, enquanto que as gerações jovens, sem especificação de classe social, empregam menos tal forma verbal.

2.6 Análise de Gutiérrez Araus

Gutiérrez Araus (1997) aponta que a oposição *canté/he cantado* apresenta características especiais em cada uma das duas grandes variedades da língua espanhola: por um lado, o espanhol peninsular, e por outro, o espanhol da América. Segundo esta autora, a oposição *PS/PC* não difere em todos os usos da Espanha e da América. Embora no discurso possam aparecer outros usos, os quais a autora denomina de secundários, o sistema lingüístico do espanhol apresenta três grandes linhas para a oposição *PS/PC*. São elas:

- Valor de passado *continuativo-resultativo* no presente
- Valor de *antepresente (presente ampliado)*
- Valor de passado *ênfaticador*

Quanto ao primeiro, o valor *continuativo-resultativo*, a oposição funciona de forma homogênea em todo o domínio hispânico. Entretanto, os outros dois valores caracterizam apenas uma das duas variedades, ou a peninsular ou a americana. O valor de *antepresente* e/ou *presente ampliado* opõe o *PS* e o *PC* no espanhol peninsular e não no espanhol da América, posto que neste último o contraste entre tais formas verbais não é determinado por marcadores temporais. Já a oposição *PS/PC* para o valor de *passado ênfaticador*, segundo Gutiérrez Araus, ocorre apenas no espanhol da América.

2.6.1 Valor de passado *continuativo-resultativo* do PC

De acordo com Gutiérrez Araus, em todo o domínio hispânico a forma *he cantado* assumiu o valor de passado cuja ação, mesmo pertencendo ao passado, continua no presente e se apresenta como *não-terminada*, ou seja, como uma ação ou estado cujos efeitos ou resultados perduram no momento da enunciação:

(2.12) Su padre se ha desgastado con tanto trabajo. (está desgastado)

(2.13) Han reconstruido el palácio. (está reconstruído)

(2.14) Él se ha labrado um flamante porvenir. (está lavrado)

Normalmente, o valor *continuativo-resultativo* do PC ocorre em contextos nos quais possam aparecer tanto o advérbio *siempre* quanto o advérbio *nunca* e seus equivalentes semânticos (*en toda su vida, jamás, desde hace mucho tiempo, etc.*). A autora nos fornece os seguintes exemplos deste uso no espanhol da América:

(2.15) Los escritores, por lo general, *han sido* y son grandes fumadores. Pero es curioso que no hayan escrito libros sobre el vicio del cigarrillo, como sí *han escrito* libros sobre el juego, la droga o el alcohol (J. RAMÓN RYBEIRO: *Cuentos*).

(2.16) Entre las cosas que *siempre me han gustado* están correr, echar carreras (fala de Caracas).

Da mesma forma, se um falante, tanto da Espanha quanto da América, afirma que:

(2.17) Beatriz *ha mentido* toda su vida,

quer dizer que o dizer mentiras de Beatriz, fenômeno iniciado em um momento do

passado, continua, e prevê que seguirá adiante. Por outro lado, se alguém diz:

(2.18) Beatriz *mentió* toda su vida,

pode ser que Beatriz já não viva — que sua vida pertença ao passado —, ou que já não minta mais. Gutiérrez Araus observa ainda que no espanhol da América um enunciado como:

(2.19) Este año *hemos leído* muchos libros,

pode indicar que os falantes em questão pensam seguir lendo livros, pois a ação de ler livros continua no presente. Entretanto, dizer:

(2.20) Este año *leímos* muchos libros,

significaria que a possibilidade de continuar a atividade de ler livros está descartada.

No sistema verbal do espanhol peninsular um enunciado como (2.20) não seria normativo, pois a referência temporal *este año* — marco de presente — é incompatível com o emprego do *PS*. Segundo Gutiérrez Araus, em algumas variedades americanas do espanhol, como no espanhol do México, o valor *continuativo* da forma composta é muito forte, podendo ser escutado como um cumprimento habitual a um amigo que não se vê a um ano:

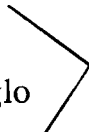
(2.21) Pepe, ¿cómo *has estado*?

O uso do *PC* em (2.21) deve-se ao fato de que em *has estado* inclui-se o presente *estás* e o passado *estuviste* (durante o ano passado).

2.6.2 O valor de *antepresente* do PC

Conforme aponta Gutiérrez Araus (1997), tanto o PC quanto o PS são empregados para aludir a um tempo passado, anterior ao momento atual. A maior ou menor distância cronológica entre o fato expressado e o momento da enunciação não é decisivo na oposição PS/PC no espanhol peninsular; o que determina tal oposição é o fato de que o evento ou estado seja ou não situado pelo falante em um momento concreto que pertença, claramente, a uma *perspectiva temporal atual*.

Considerando que os elementos do enunciado que designam circunstâncias de tempo sejam os advérbios e as locuções adverbiais, um marco de presente não é um determinado dia, mês, ano, século, etc., de modo absoluto. Numa *perspectiva temporal atual*, o marco de presente se dá de forma relativa, pois tudo depende do ponto de referência fixado: se a referência é o “século”, a *perspectiva atual* será o século, fixado com referências concretas de presente como o determinante demonstrativo *este*, os adjetivos *atual*, *presente*, ou equivalentes:

- (2.22) En este siglo
 En el siglo actual
 En el presente siglo
- 
- se ha desarrollado mucho la medicina.

Em contraste com (2.22), o PS aparecerá dentro de referências situados em uma *perspectiva não-atual* e será marcado pelos determinantes demonstrativos *ese*, *aquela* e os adjetivos que fazem alusão ao passado:

- (2.23) En aquel siglo llamado de las Luces *aparecieron* grandes filósofos.

A partir dos exemplos apresentados, observa-se que o termo *antepresente* utilizado por Gutiérrez Araus se refere, na verdade, ao uso que tem sido chamado, desde Alarcos Llorach, de *presente ampliado*.

Porto Dapena ao referir-se ao valor de *antepresente* afirma que

El uso de esta forma verbal se extiende, sin embargo, a los casos en que el tiempo de la acción no incluye el momento presente, pero se halla muy cercano a él; de donde el nombre de *antepresente* que le aplica Bello. Ello explica, por otro lado, su aparición con adverbios o expresiones equivalentes como *recientemente, últimamente, ya, esta mañana (tarde, noche), hace poco*, etc (PORTO DAPENA, (1989, p. 78)

De acordo com a descrição de Porto Dapena, atribui-se o valor de *antepresente* ao *PC* quando o tempo da ação designada por este encontra-se muito próximo do presente sem, entretanto, estar incluído nele, como se pode observar em construções como (2.24):

(2.24) *Ya he comprado los panes / Já comprei os pães.*

2.6.3 O valor de passado *ênfaticador* do *PC*

Segundo Gutiérrez Araus, este uso do *PC* é específico do espanhol da América. De acordo com a autora, o falante emprega a forma composta com valor *ênfaticador* quando quer dar maior ênfase, maior força emotiva a uma ação que concluiu no passado e que constitui ponto culminante de uma série de acontecimentos apresentados com a forma simples:

(2.25) *Inesperadamente apareció un hombre frente a la casa, se acercó a la puerta, llamó al timbre y, al abrir Isabel, ¿sabes lo que le ha dicho?*

Às vezes não aparece incluído em uma série, más com elementos enfáticos de outro tipo como em:

(2.26) *Pero el único escritor que ha tratado el tema del cigarrillo*

extensamente, con una agudeza y un humor insuperable *es* Ítalo Calvino (J. R. RYBEIRO, Cuentos).

- (2.27) *No ha pasado* por este pueblo un hombre más inteligente, ni más bueno, ni más sábio que el padre Franciosini (M. OTERO SILVA: *Casas muertas*).

Embora no exemplo (2.26) a presença do adjetivo “único” possa sugerir um valor *ênfatizador* para o *PC*, observamos que há outros elementos que poderiam justificar uma interpretação aspectual deste tempo verbal: a) o advérbio “extensamente” apresenta um componente de duração e, por isso, poderia contribuir para o valor *continuativo* do *PC*; b) a presença do verbo “ser” no presente do indicativo nos induz a pensar no valor aspectual do *PC*, ou seja, o valor de passado *continuativo*. Assim, em português teríamos:

- (2.28) Mas o único escritor que *tem tratado* o tema do cigarro extensamente, com uma agudeza e um humor insuperável *é* Ítalo Calvino.

É interessante notar que se em (2.26) tivéssemos o verbo “ser” no passado como em

- (2.29) Pero el único escritor que *ha tratado* el tema del cigarrillo extensamente, con una agudeza y un humor insuperable *fue* Ítalo Calvino,

seria mais provável a ocorrência do valor *ênfatizador* atribuído pela autora à construção *ha tratado*. Porém, ao utilizar o verbo “ser” no presente, o falante sugere que no momento da enunciação de (2.26) Ítalo Calvino está vivo e, portanto, segue tratando do tema *del cigarrillo*. Também na construção (2.27) se poderia vislumbrar um valor *continuativo* se considerarmos que pode haver informações implícitas dadas pelo contexto, tais como: *No ha pasado por este pueblo (nunca, jamás, en toda su*

existencia, desde que naci, etc.) un hombre (...).

De acordo com a autora, também haveria o uso do *PC* com valor enfatizador em um contexto no qual haja uma marca pragmática de interesse e cortesia no trato interpessoal:

(2.30) He tenido mucho gusto en conocerlo.

Ainda sobre o valor *enfatizador*, Albagli (1997) realiza uma análise da oposição *PS/PC* em Mendoza — centro-oeste da Argentina — na qual identifica tal uso do *PC*. Albagli aponta que no uso *enfatizador* o verbo pode indicar admiração, surpresa, dúvida, marcadas, na maioria das vezes, por uma pergunta ou exclamação. Vejamos um dos exemplos apresentados por esta autora:

(2.31) ¡Pero, Díos mío! ¿qué *ha hecho* usted?

É importante observar que Gutiérrez Araus não considera o valor *enfatizador* do *PC* como um uso do sistema verbal; para esta autora ele é antes um valor discursivo que é produzido de forma sistemática.

2.7 Cartagena

Cartagena (1999) realiza uma análise da oposição *PS/PC* na qual contempla, entre outros fatores, a origem histórica dos diferentes usos destes dois tempos verbais no espanhol.

De acordo com este autor, tanto o *PS* quanto o *PC* apresentam uma relação de anterioridade ao momento da fala. Ambos indicam ações perfeitas, ou seja, terminadas. A diferença está no fato de que a forma simples indica mera anterioridade com relação

ao momento da fala, do qual se separa constituindo um âmbito próprio no passado, diferente da atualidade do falante, enquanto que a forma composta indica anterioridade dentro do âmbito do presente, pertencendo, assim, à atualidade do falante.

Cartagena observa que, apesar de sutil, a diferença entre os tempos em questão se dá claramente na língua literária e se mantém com bastante regularidade na língua falada da península. Entretanto, observa-se que na Galícia há uma neutralização a favor do uso predominante da forma simples. Tal neutralização ocorre, certamente, por influência externa do galego-português. O mesmo ocorre em Astúrias e León devido a evoluções dialetais internas. Por outro lado, na fala vulgar de Madrid, é a forma composta que tende a prevalecer sobre a forma simples.

Ao tratar dos estudos realizados por Lope Blanch (1961)⁸ e Moreno de Alba (1978)⁹ para o uso do *PC* no espanhol mexicano, o autor descarta as descrições de tempo imperfectivo relacionadas aos valores durativos e reiterativos. Isto porque, para ele, não faz sentido falar de um 'perfecto imperfectivo', uma vez que a perfeição gramatical indica simplesmente que um evento terminou antes do momento zero da fala. Porém, como argumentamos no início deste capítulo, o valor perfectivo da forma composta é bastante relativo.

Cartagena aponta ainda que todos os casos coincidentes no uso peninsular, americano e canário do *PC* correspondem ao valor de passado dentro do âmbito da atualidade do falante, sendo que a oposição com o *PS* indica sempre a consideração do processo passado fora de tal âmbito. Entretanto, a diferença está essencialmente no fato de que a anterioridade imediata se manifesta na forma peninsular através do *PC* e na americana e canária através do *PS*.

Partindo das considerações anteriores, o autor resgata a questão da origem histórica das diferenças no uso do *PC* nas diferentes regiões de língua espanhola. Desta

⁸ LOPE BLANCH, Juan Manuel. "Sobre el uso del pretérito en el español de México". In: *Estudios sobre el español de México*. México: UNAM, p. 131-143, 1961 (2ª ed. de 1983).

⁹ MORENO DE ALBA, José Carlos. *Valores de las formas verbales en el español de México*. México: UNAM, 1978 (2ª ed. de 1985).

forma, e a partir de uma perspectiva histórica, tem-se que o *pretérito compuesto* foi invadindo paulatinamente o domínio do *pretérito simple* na norma peninsular (CARTAGENA, 1999). De seu emprego meramente *continuativo* no âmbito do presente no espanhol medieval como em

(2.32) Nelson *ha imaginado* cosas fantásticas,
(Nelson tem imaginado coisas fantásticas)

aos poucos, passa a designar tanto ações concluídas no passado que guardam certa importância na atualidade do falante

(2.33) Todos los que me querían se *han muerto*,
(Todos os que me amavam morreram)

quanto ações concluídas imediatamente anteriores ao momento da fala

(2.34) Ahorita *he visto* las llaves sobre la mesa.
(Vi as chaves sobre a mesa agora mesmo)

Ou ainda o valor de *presente ampliado*

(2.35) Esta semana Martín *ha trabajado* mucho.

que é o valor que tem o uso mais estendido no espanhol europeu atual.

De acordo com Cartagena, na Hispano-América, a difusão das funções referidas acima foi muito mais lenta, conservando-se o uso pré-clássico do *PS* para a expressão de ações concluídas imediatamente antes do momento da fala.

É importante ressaltar que a intensidade de tal difusão varia de região para região, pois no cone sul observa-se uma diminuição do uso da forma composta em comparação com o México e Cuba, por exemplo. Já a norma canária evidencia seu

caráter intermediário por estar diretamente sujeita à influência peninsular. Assim, no conjunto da língua espanhola, trata-se de evoluções paralelas e diferentes da mesma herança.

De qualquer forma, nos encontramos diante de uma oposição gramatical que se mantém em plena vigência no espanhol atual, em comparação com o que ocorreu em outras línguas românicas como o italiano e o francês, nas quais tal oposição experimentou uma redução a favor da forma composta, que se usa para designar toda ação passada. Nessas línguas, a forma simples ficou relegada ao uso literário (Piñero, 2000).

2.8 Algumas considerações

Embora seja possível delinear o quadro dos principais valores do *PC* na Espanha e nas Canárias, observa-se uma falta de uniformidade na especificação de seus usos na América. A falta de uma caracterização mais abrangente do uso do *PC* deve-se, em grande parte, à variedade de países que compõem a América hispânica e, conseqüentemente, à variação lingüística existente entre estes países (cf. GUTIÉRREZ ARAUS, 2001). Sendo assim, tanto a freqüência quanto o valor atribuído ao *PC* podem variar de região para região e inclusive dentro do mesmo país, como é o caso da Argentina.

Os estudos sugerem que na América o *PC* praticamente não é usado com o valor de *antepresente* ou de *presente ampliado*¹⁰, porém se mantém o valor *continuativo* que, como apontado por Cartagena, é o valor primitivo do *pretérito compuesto*, uma vez que já era empregado no espanhol medieval.

Gutiérrez Araus aponta o valor *continuativo-resultativo* do *PC* como o uso mais estendido no espanhol da América, porém pensamos que seria mais adequado a

¹⁰ Citamos os dois termos, posto que, como observado anteriormente, autores como Bello e Gutiérrez Araus empregam o termo *antepresente* ainda quando a ação descrita não ocorre imediatamente antes do momento presente ou em contextos nos quais o termo *presente ampliado* também poderia ser usado.

denominação *continuativo* e/ou *resultativo*, uma vez que nem sempre haverá a ocorrência desses dois valores em um único evento. Vejamos os seguintes exemplos:

(2.36) Martín siempre *ha imaginado* historias fantásticas.

(2.37) Ellos se *han preparado* para el examen (estão preparados).

(2.38) Letícia se *ha cortado* el pelo (o cabelo está cortado).

O valor *continuativo* parece ser o mais adequado para construções como (2.36), pois o fato de que *Martín siempre ha imaginado historias fantásticas* não traz nenhum resultado visível ou que se possa constatar no presente. A construção (2.37) permite a interpretação *continuativa-resultativa*. *Continuativa* porque a preparação para um exame é algo que exige um tempo minimamente longo — que pode ser uma semana, um mês, um ano ou toda uma vida — e *resultativa* porque o resultado pode ser constatado, seja através de uma mudança de atitude ou pelo próprio resultado do exame. Já em (2.38), a interpretação mais imediata seria a *resultativa*, isto porque o resultado de alguém ter “cortado o cabelo” é algo visível, ou seja, que pode ser constatado concretamente.

Além dos valores *resultativo* e/ou *continuativo*, Gutiérrez Araus aponta o valor *ênfaticador* do *PC*, que, como vimos anteriormente nas construções (2.26) e (2.27), carece de uma definição mais precisa, já que os exemplos apresentados pela autora dão margem a outras interpretações. Entretanto, acreditamos que, além dos usos mencionados por Gutiérrez Araus, pode haver pelo menos mais um valor determinado por alguns contextos semântico-pragmáticos específicos e que pode estar sendo classificado genericamente de *ênfaticador*. Esta hipótese surgiu da observação de que o uso do *PC* em contextos interrogativos, por vezes, parece não coincidir com nenhum dos valores especificados anteriormente. Vejamos um exemplo procedente do Peru e que faz parte do nosso *corpus* extraído do Banco de Dados da *RAE*:

- (2.39) A: — ¿Y *has leído* la [novela] de Goldemberg?
 B: — No.
 A: — Y de otras literaturas, ¿te interesa algo especialmente?
 B: — O sea, *he leído* de otras literaturas, ¿no?, de literatura italiana o española, pero no tengo un interés así en especial por ese tipo de literatura.

Em (2.39), a pergunta com a forma composta, *has leído*, parece não apresentar nenhum dos valores apontados por Gutiérrez Araus para o uso do *PC* na América, pois a presença do complemento-objeto determinado descarta a interpretação do valor *continuativo*. Também não podemos atribuir a tal construção o valor *resultativo*, pois como observamos no exemplo (2.38), o valor *resultativo* decorre de algo que pode ser concretamente observado como em:

- (2.40) ¿Te *has cortado* el pelo?

Por fim, observa-se que a pergunta em (2.39) não apresenta nenhuma das características apontadas por Gutiérrez Araus para o valor *enfaticador*, pois, segundo esta autora, o falante usa o *PC* com valor *enfaticador* quando quer enfatizar uma ação que concluiu no passado e que é o ponto culminante de uma série de acontecimentos apresentados com o *PS*, ou ainda com outros marcadores enfáticos como os adjetivos e os advérbios.

Como confirmado pelos estudos apresentados neste capítulo, aqui na América, o uso do *PC* normalmente não está atrelado à temporalidade. Sendo assim, como podemos explicar a presença deste tempo em *¿Y has leído la [novela] de Goldemberg??* Antes de apresentarmos nossa hipótese para esta pergunta, faz-se necessário analisar algumas questões relacionadas à própria natureza do termo interrogação e às construções interrogativas possíveis na língua espanhola. Este será o tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

AS CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS NO ESPANHOL

3.1 Introdução

Antes de entrarmos na análise da oposição *PS/PC* nas construções interrogativas, propriamente ditas, faz-se necessária uma maior delimitação do tema, pois entendemos que “o estudo da oposição *PS/PC* nos contextos interrogativos” é uma proposta muito ampla e o tempo disponível para este trabalho é limitado. Portanto, um recorte preciso é fundamental para a objetividade da análise pretendida.

Uma das formas possíveis de estabelecer determinado objeto é pela exclusão, ou seja, definindo o que não faz parte desse objeto. Por isso, apresentaremos uma descrição dos tipos de construções interrogativas possíveis na língua espanhola para que, desta forma, possamos especificar quais dessas construções vão compor nosso objeto de estudo.

A fim de buscar as ferramentas que vão nos ajudar a construir a base de sustentação para a hipótese de que em determinadas construções interrogativas o *PC* apresenta um valor que difere dos valores já descritos para o espanhol da América — *continuativo*, *resultativo* e *ênfaticador* —, nos apoiaremos em Escandell (1999), o qual realiza uma análise dos enunciados interrogativos na língua espanhola que contempla tanto os aspectos semânticos quanto os aspectos pragmáticos.

Uma das questões que impulsionam o trabalho desenvolvido por Escandell é a diferenciação dos termos “interrogação” e “pergunta”, uma vez que normalmente tais termos são usados como sinônimos. Na seqüência delimitamos, seguindo Escandell, o

3.1.1 Interrogação ou pergunta?

De acordo com Escandell (1999), as orações interrogativas constituem uma classe sintática bem definida, embora possam compartilhar um mesmo conteúdo proposicional com outros tipos de orações como as declarativas e as imperativas. Sendo assim, este autor se propõe a explicitar e caracterizar o significado que está sistematicamente associado às interrogativas.

Pensando na relação entre os conceitos de “interrogação” e “pergunta”, Escandell observa que é comum definir-se uma oração interrogativa como aquela que serve para perguntar algo, e acrescenta:

Sin embargo, esta caracterización no es satisfactoria: desde el punto de vista descriptivo es fácil mostrar que tal equiparación no se corresponde con la realidad. Si la finalidad de una pregunta es solicitar al destinatario que proporcione una información de la que se carece, resulta claro que ni todas las interrogativas son preguntas, ni todas las secuencias que pretenden que el destinatario dé una determinada información tiene que presentar, necesariamente, una formulación interrogativa (ESCANDELL, 1999, p. 3931).

Desta forma, os enunciados de (3.1) são exemplos de orações interrogativas quanto à estrutura sintática. Entretanto, nenhuma delas satisfaz as condições necessárias para que seja considerada uma pergunta:

- (3.1) a. ¿Acaso no cumplimos con nuestro deber?
 b. ¿En qué año tuvo lugar la batalla de Lepanto? (dito por um professor)
 c. ¿Me puede poner un café con leche? (dito a um garçom)
 d. ¿Por qué no eres más simpático con ella?

Escandell considera que ao enunciar (3.1a) não se espera nenhuma resposta, pois tal construção parece conter a resposta em si mesma. Em (3.1b), o que leva o falante a interrogar seu interlocutor não é o desconhecimento da resposta, já que o

contexto em que a pergunta está inserida sugere exatamente o contrário. O exemplo (3.1c) ilustra um pedido que não espera uma resposta verbal e sim uma determinada ação. Por fim, em (3.1d), não se trata de averiguar o motivo de certo comportamento do interlocutor; se trata, antes, de expressar uma crítica a esse comportamento.

Do exposto acima, o autor conclui que não é adequado estabelecer uma equiparação absoluta entre as noções de “interrogação” e de “pergunta” e que seria mais conveniente utilizar o termo “oração interrogativa” apenas para referir-se aos aspectos estritamente gramaticais — tanto sintáticos quanto semânticos — deste tipo de construção. Já a denominação de “pergunta” deveria ser reservada para aqueles enunciados interrogativos emitidos com a finalidade de obter do interlocutor uma informação.

O autor observa, ainda, que a caracterização semântica das orações interrogativas deve ser suficientemente restringida para destacá-las entre as outras e, ao mesmo tempo, suficientemente ampla para permitir explicar que uma mesma estrutura possa servir a objetivos discursivos às vezes tão diferentes.

Embora Escandell não mencione os estudos do filósofo John Austin (1962), sua interpretação para os exemplos acima aproxima-se muito dos trabalhos deste último, que deram origem à Teoria dos Atos de Fala. Nossa comparação nasce não apenas da semelhança mas da estranheza causada pelo fato de Escandell não se referir a tal teoria, pois, de acordo com Pinto (2001, p. 57), os estudos de Austin “procuraram refletir sobre a possibilidade de uma teoria que explicasse questões [perguntas], exclamações e sentenças que expressam comandos, desejos e concessões”. Pinto acrescenta ainda que a Teoria dos Atos de Fala “concebe a linguagem como uma *atividade* construída pelos/as interlocutores/as, ou seja, é impossível discutir linguagem sem considerar o ato de estar falando em si — a linguagem não é assim descrição do mundo, mas ação” (p. 57).

Também Allan (2001, p. 16) considera que os estudos de Austin partem da idéia

de que o falante realiza uma ação ao produzir um enunciado. Sendo assim, vejamos os exemplos de atos de fala apresentados por Allan:

- *constatar um fato ou uma opinião*: A semântica pode ser difícil.
- *confirmar ou negar algo*: Não é verdade que Marilyn Monroe cometeu suicídio.
- *fazer uma predição*: Vai chover esta noite.
- *fazer uma promessa*: Eu estarei com você em cinco minutos.
- *fazer um pedido*: Que horas são?
- *convidar*: Você pode jantar comigo no próximo sábado?
- *dar uma ordem*: Sai!
- *dar permissão*: Sim, claro que você pode sair cedo hoje.
- *nomear alguém ou algo*: Eu o nomeio “QE3”.

Ainda sobre a Teoria dos Atos de Fala, Graciela Reyes (2000, p. 79-85) aponta que a teoria de Austin diferencia o *significado* e a *força*: o significado é o que um enunciado diz e a força é o que um enunciado faz (prometer, jurar, declarar, negar, pedir, etc.). Assim, Austin denomina *locutivo* aquele ato que produz o significado e de *ilucutivo* aquele ato que faz algo usando palavras. Por último, o *ato perlocutivo* é aquele que produz efeitos no interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, alertá-lo, etc..

Para exemplificar o funcionamento dessa teoria, vejamos os casos seguintes:

(3.2) La televisión está demasiado alta.

Em (3.2) temos o significado, que é o que o enunciado diz literalmente, e a *força ilocutiva*, que é o que o enunciado sugere. Desta forma, normalmente, quando alguém observa que o volume da TV está muito alto, na verdade, está pedindo que ele seja diminuído. Ou seja, uma *declaração* em determinados contextos ganha força de *pedido*. Também uma interrogação pode ser interpretada como um pedido:

(3.3)...¿Puedes venir?

Em (3.3), assim como no exemplo (3.1c) apresentado por Escandell, o que temos é uma interrogação com *força ilocutiva* de pedido. Sendo assim, observa-se que, de fato, a análise de Escandell pode ser relacionada à Teoria dos Atos de Fala.

3.1.2 As orações interrogativas como estruturas abertas

Todas as orações interrogativas têm em comum a propriedade de conter uma incógnita, uma variável; isto é, todas as interrogativas são expressões abertas, incompletas (ESCANDELL, p. 3932). Escandell divide as orações interrogativas em três tipos: *parciais*, *totais* e *disjuntivas*. Assim, nas interrogativas parciais a incógnita corresponde ao pronome, ao adjetivo ou ao advérbio interrogativo utilizado:

- (3.4) a. ¿Quién llegó antes?
 b. ¿Qué color te gusta más?
 c. ¿Cuándo irá Juan a tu casa?

Nas interrogativas totais, a variável corresponde ao caráter afirmativo ou negativo da resposta:

- (3.5) a. ¿Ha conseguido usted hablar con el encargado?
 b. ¿Lo compraste ayer?

Tal variável vem acompanhada pela entonação que caracteristicamente diferencia este tipo de oração das declarativas correspondentes. Portanto, toda oração interrogativa predetermina o tipo e a categoria do elemento que pode fechar a proposição: nas interrogativas parciais, tal elemento deverá ser da mesma categoria da palavra

interrogativa; nas totais a resposta deverá ser *sim* ou *não*.

As interrogativas disjuntivas constituem um tipo especial, pois se caracterizam por restringir, de forma expressa e por meios lexicais, as respostas possíveis:

- (3.6) a. ¿Vienes ahora o pasamos a buscarte más tarde?
 b. ¿Piensas decírselo o no?

A própria formulação da interrogação propõe uma alternativa, ou seja, oferece um conjunto específico de possibilidades do qual espera-se que seja extraída a resposta.

É interessante observar que há ainda um quarto tipo de estrutura aberta, pois como aponta Escandell:

Las estructuras que, como las interrogativas, contienen una incógnita o una variable reciben en semántica el nombre de ‘funciones proposicionales’ o ‘enunciados abiertos’. Dada su naturaleza ‘incompleta’ o ‘defectiva’, no pueden expresar proposiciones y, por lo tanto, no pueden ser evaluadas en términos de verdad o falsedad: por ejemplo, de una pregunta podemos decir que era pertinente, adecuada, comprometedora, insolente, o fuera de lugar, pero nunca que era verdadera o falsa. La función proposicional se ‘cierra’ — y pasa, entonces, a constituir una proposición — cuando se especifica un valor para dicha variable (ESCANDELL, p. 3933).

Conforme o exposto acima, do ponto de vista semântico, uma interrogativa não é mais que uma estrutura aberta. Como toda fórmula aberta, a interrogativa admite uma solução: o que normalmente denominamos de “resposta” é o elemento que serve para fechar esse conteúdo proposicional.

As razões pelas quais o falante decide utilizar uma fórmula aberta são muito variadas: para manifestar desconhecimento real, expressar uma dúvida, avançar uma hipótese, insinuar sem afirmar explicitamente, etc.. Escandell afirma ainda que na ausência de um contexto determinado, emitir uma oração interrogativa equivale simplesmente a expressar uma função proposicional aberta.

O objetivo com que a interrogação é feita e as circunstâncias que levaram a sua emissão constituem aspectos pragmáticos do significado. Do mesmo modo, dizer que uma fórmula admite uma solução não supõe afirmar que a resposta deve ser, necessariamente, de natureza verbal. Também não implica a presença de um interlocutor, nem a necessidade de que seja este quem dê uma resposta e, por último, não requer que o emissor desconheça a solução.

O fato de que em muitas situações seja necessário que haja um interlocutor e que este dê uma resposta, ou que os conhecimentos e objetivos do falante sejam fundamentais para explicar certos usos, são aspectos que estão fora do terreno da semântica e, portanto, não contradizem a caracterização anterior. Todos estes requisitos são de natureza pragmática e simplesmente sinalizam para a necessidade de levar em consideração os elementos extra-lingüísticos quando se pretende caracterizar os atos verbais realizados através dos enunciados interrogativos.

3.1.3 Perguntas

Escandell (p. 3973) define pergunta como sendo “una petición de información realizada por medio de una oración interrogativa directa. Al formularla, el emisor pretende obtener del destinatario una respuesta verbal que proporcione un determinado valor para la incógnita contenida en el enunciado interrogativo”. Vejamos o seguinte exemplo:

(3.9) ¿Cuándo termina el plazo de presentación de solicitudes?

A caracterização de uma oração interrogativa como um pedido de informação exclui da categoria de pergunta os enunciados não interrogativos utilizados com este fim, inclusive aqueles que contêm uma oração interrogativa indireta. Assim, apesar de

que as seqüências de (3.10) possam ser utilizadas com o propósito de obter uma resposta informativa do interlocutor, apenas a primeira, de acordo com a caracterização de Escandell, pode ser considerada uma pergunta:

- (3.10) a. ¿Qué hora es?
 b. Dime qué hora es.
 c. Me gustaría saber la hora.

Para os casos (3.10b) e (3.10c) seria mais adequado empregar a denominação genérica de “pedido de informação”.

A interpretação como “pedido de informação” só é possível quando o enunciado pode ser caracterizado formalmente como uma interrogativa não marcada, ou seja, quando o enunciado não apresenta elementos prosódicos ou sintáticos próprios das construções interrogativas. Desta forma, a interpretação como “pedido de informação” requer a ausência de marcas formais específicas e apenas precisa de um conjunto mínimo de pressupostos contextuais.

A descrição da pergunta como um pedido de informação faz referência apenas a um objetivo de caráter muito geral, uma vez que não faz alusão a outros aspectos relevantes: não diz nada, por exemplo, sobre as razões pelas quais o falante formula sua pergunta, nem sobre o grau de conhecimento real com relação à incógnita posta em questão. Quando se leva em consideração estes aspectos se obtém outras distinções de natureza pragmática (ESCANDELL, p.3974). Tais distinções de natureza pragmática serão tratadas na próxima seção.

3.1.4 Interrogação epistêmica

Escandell propõe que os enunciados interrogativos nos quais a variável

representa um valor desconhecido constituem uma classe bastante ampla à qual atribui o nome de *interrogação epistêmica*, sendo que dentro desta classe mais ampla é possível identificar vários subtipos. Desta forma, o autor divide a interrogação epistêmica em quatro tipos: (a) perguntas reais, (b) perguntas de exame, (c) interrogativas problemáticas e (d) interrogativas deliberativas.

As *perguntas reais* constituem o exemplo típico de perguntas. Nelas a presença da variável interrogativa está diretamente vinculada a um desconhecimento real por parte do falante, pois este não sabe qual elemento deve substituir a incógnita que expõe. O traço que diferencia as perguntas reais de outros enunciados da mesma classe está relacionado, portanto, ao grau de conhecimento do falante e seu desejo de obter do seu interlocutor uma determinada informação. De acordo com Escandell:

Estas son, efectivamente, las dos condiciones pragmáticas definitorias de una pregunta 'real'. El desconocimiento de la respuesta es una condición 'preparatoria', previa a la emisión del enunciado, y que atañe a un estado de cosas necesario para que el acto verbal se realice y tenga sentido. El deseo de obtener la información solicitada constituye, por su parte, la condición 'de sinceridad' de las preguntas, y es consustancial con su propia emisión: por el mero hecho de hacer una pregunta, el emisor manifiesta expresamente su deseo de conocer la información que solicita. Lo importante en este caso, es la actitud exteriorizada — la actitud que comunica abierta y explícitamente —, y no los sentimientos albergados por el hablante: de este modo, por ejemplo, las preguntas que formulamos por simple cortesía, exteriorizando un interés por el destinatario que realmente no sentimos, aunque resulten de hecho insinceras, no pierden por ello su condición de preguntas (ESCANDELL, 1999, p. 3975).

As *perguntas de exame* são formuladas para verificar se o interlocutor conhece a solução ou não. Como perguntas, pretendem que o interlocutor dê a resposta à variável que contém um valor determinado. Sua especificidade deriva do contexto que a cerca, de acordo com o qual geralmente quem formula a pergunta sabe a resposta e apenas quer verificar se o interlocutor também a conhece. A título de ilustração vejamos o exemplo abaixo:

(3.11) ¿En qué año llegó el hombre a la luna? (o professor ao aluno).

As interrogativas são *problemáticas* quando ao formulá-las o falante parte do pressuposto de que ninguém pode dar uma resposta concreta:

(3.12) ¿Cómo acabar con la guerra en el mundo?

Já como exemplo de interrogativa *deliberativa* tem-se:

(3.13) ¿Dónde he puesto las llaves?

Neste tipo de construção interrogativa o falante dirige-se a si mesmo, perguntando-se sobre algo que, de fato, não tem a resposta.

3.1.5 Interrogativas exclamativas

As interrogativas *exclamativas* são construções que fazem referência a um fato que está evidente para os interlocutores. Observe-se os exemplos:

- (3.14) a. ¿Ya has vuelto? (dito a alguém que acaba de regressar)
 b. ¿Te has cortado el pelo? (dito à alguém que sai do salão com um novo corte de cabelo evidente)

Conforme Escandell, a condição de que o fato questionado faça parte do conhecimento compartilhado pelos interlocutores exige que este conhecimento esteja relacionado à situação factual imediata; não basta que seja um conhecimento compartilhado anterior. Por isso, as mudanças observáveis no contexto extralingüístico são consideradas antecedentes adequados, porém também o são os enunciados verbais imediatamente anteriores.

3.1.6 Interrogativas retóricas

São formalmente *retóricas* aquelas interrogativas que contêm algum dos marcadores relacionados com a negação. Através destes enunciados o falante comunica que não é totalmente imparcial com respeito ao conteúdo proposicional do seu enunciado, mas que favorece explicitamente uma determinada opção: a que apresenta o significado contrário ao que aparece em seu enunciado.

Inseridas na classe das construções interrogativas retóricas estão as denominadas interrogativas *confirmativas* que normalmente utilizam uma formulação negativa:

- (3.15) a. ¿No crees que ha jugado sucio con nosotros?
 b. ¿No es un niño precioso?

A inversão argumentativa que as construções de (3.15) produzem deriva da própria natureza da negação, que deixa fora do âmbito da interrogação a pressuposição afirmativa que o enunciado contém. Isto explica que a orientação semântica deste tipo de enunciado seja necessariamente contrária à formulação superficial. Assim, a orientação dos enunciados de (3.15) é a apresentada em:

- (3.16) a. Crees que ha jugado sucio con nosotros.
 b. Es un niño precioso.

Do ponto de vista comunicativo, são construções que procuram obter uma confirmação do interlocutor.

A presença de termos que dão a idéia de negação em sentenças interrogativas sem negação explícita, segundo Escandell, limita formalmente as respostas gramaticais, de modo que só é possível a formulação que retoma a negação. A

negação é produto da própria forma do enunciado, pois apenas a resposta negativa apresenta-se plenamente gramatical. Por isso, em enunciados como (3.17), o falante está favorecendo de forma explícita a proposição enunciativa negativa correspondente — a que aparece em (3.18):

(3.17) ¿Quién ha movido un dedo por ti?

(3.18) Nadie ha movido un dedo por ti.

A mesma inversão argumentativa pode ocorrer também nas interrogativas afirmativas. Neste caso, não há marcas explícitas que indiquem a natureza retórica do enunciado:

(3.19) a. ¿Quién puede desear ir a la cárcel?

b. ¿Hay algo más importante que la libertad?

A inversão argumentativa⁵ em (3.19) não é produzida em virtude da presença de algum elemento gramatical, mas sim pela existência, na mente dos falantes, de um conhecimento prévio compartilhado.

Resumindo o exposto, Escandell argumenta que uma interrogação é retórica com respeito a um conjunto de conhecimentos de mundo quando esta implica a existência de uma resposta direta à interrogação feita.

A fim de oferecer uma síntese das questões tratadas neste capítulo, propomos os seguintes esquemas:

⁵ A inversão faz com que tais construções tenham a força de asserções de significado contrário: *Nadie puede desear ir a la cárcel* y *No hay nada más importante que la libertad*.

ASPECTOS SINTÁTICO-SEMÂNTICOS	
As construções interrogativas (como proposições abertas) dividem-se em três tipos:	<p>INTERROGATIVAS TOTAIS:</p> <p><i>¿Ha conseguido usted hablar con el encargado?</i></p>
	<p>INTERROGATIVAS PARCIAIS:</p> <p><i>¿Quién llegó antes?</i></p>
	<p>INTERROGATIVAS DISJUNTIVAS:</p> <p><i>¿Vienes ahora o pasamos a buscarte más tarde?</i></p>

Figura 3.1: Aspectos sintático-semânticos das construções interrogativas.

ASPECTOS PRAGMÁTICOS	
OS ENUNCIADOS INTERROGATIVOS DIVIDEM-SE EM:	<p>INTERROGAÇÃO EPISTÊMICA:</p> <p>PERGUNTAS REAIS:</p> <p>- expressam o desconhecimento do falante.</p> <p>Ex.: <i>¿Has conseguido hablar con él?</i></p>
	<p>PERGUNTAS DE EXAME:</p> <p>- formuladas para verificar o conhecimento do falante sobre determinado tema.</p> <p>Ex.: <i>¿Quién descubrió América?</i></p>
	<p>INTERROGATIVAS PROBLEMÁTICAS:</p> <p>- ao formulá-las parte-se do pressuposto de que ninguém possui uma resposta concreta.</p> <p>Ex.: <i>¿Cómo acabar con la guerra en el mundo?</i></p>
	<p>INTERROGATIVAS DELIBERATIVAS:</p> <p>- o falante interroga-se sobre algo que, de fato, não tem a resposta.</p> <p>Ex.: <i>¿Dónde he puesto mis gafas?</i></p>
	<p>INTERROGATIVAS EXCLAMATIVAS:</p> <p>- fazem referência a um fato que está evidente para os interlocutores.</p> <p>Ex.: <i>¿Te has cortado el pelo?</i></p>
<p>INTERROGATIVAS RETÓRICAS:</p> <p>- contêm algum dos marcadores implícitos ou explícitos relacionados com a negação.</p> <p>Ex.: <i>¿Quién ha movido un dedo por ti?</i> <i>¿No crees que ha jugado sucio con nosotros?</i></p>	

Figura 3.2: Aspectos pragmáticos das construções interrogativas.

Os esquemas apresentados nas figuras 3.1 e 3.2 têm como objetivo facilitar a compreensão da divisão proposta por Escandell e servirão como ferramentas na análise do nosso objeto, ou seja, as construções interrogativas que apresentam a oposição *PS/PC*. Na seqüência, nos apoiaremos na caracterização pragmática dos enunciados interrogativos, para realizar a análise da oposição *PS/PS* em um *corpus* formado por enunciados interrogativos que contêm esses tempos verbais.

3.2 A oposição *PS/PC* nas construções interrogativas

Como apontamos anteriormente, nosso propósito neste trabalho é analisar a oposição *PS/PC* nas construções interrogativas do espanhol americano, procurando identificar as diferentes interpretações semânticas decorrentes de tal oposição. Para viabilizar esta análise, foi necessário a formação de um *corpus* com construções interrogativas em espanhol. Antes de iniciarmos nossa análise, entretanto, faremos algumas considerações sobre a metodologia utilizada para a obtenção dos dados.

3.2.1 Os dados

Os dados utilizados no presente estudo foram obtidos a partir do *Corpus de Referencia del Español Actual (CREA)* que faz parte do banco de dados da *Real Academia Española (RAE)* o qual reúne dados provenientes de vários países. O acesso via internet possibilita a extração de informações para o estudo de construções, seus significados e contextos.

Ao começarmos nossa busca, observamos que os dados lingüísticos referentes à oralidade constituem apenas 10% do total do *CREA*. Além disso, o *corpus* está dividido da seguinte forma: 50% dos dados correspondem à Espanha e os outros 50% correspondem a toda Hispano-América, sendo que alguns países alcançam uma

representatividade muito pequena. Como nosso foco de estudo é o registro oral e com baixa formalidade do espanhol da América, nos deparamos com algumas restrições: a obtenção de um pequeno número de construções interrogativas com os pretéritos por país e, logo, a impossibilidade de proceder à análise com os dados provenientes de um único país, o que favoreceria a obtenção de resultados baseados em dados quantitativos. Estas restrições trazem algumas conseqüências, ou seja, a heterogeneidade de países e a escassez de dados acabam por inviabilizar um estudo que pudesse apontar a representatividade quantitativa da oposição *PS/PC* nas construções interrogativas em uma área específica da Hispano-América:

Entretanto, se por um lado as restrições apresentadas impossibilitam uma análise quantitativa, por outro, tem-se a possibilidade de analisar fragmentos maiores, que vão além da sentença. Tal fato favorece a utilização de métodos de análise inovadores — como o emprego das noções de *modalidade* e *pressuposição* e a aplicação da Teoria dos Espaços Mentais para representar as diferentes interpretações semânticas da oposição *PS/PC*, possibilitadas pelos aspectos lingüísticos e extra-lingüísticos — o que nos permite fazer uma análise mais aprofundada dos exemplos coletados.

3.2.2 A formação do *corpus*

Partiremos do conceito de *corpus* proposto por Sanchez (1995, citado por SARDINHA, 2000, p. 338-339), pois, de acordo com este autor, um *corpus* deve:

- ser composto de textos autênticos, em linguagem natural, o que exclui a produção de textos com o propósito de serem usados para a pesquisa lingüística e a criação de textos em linguagem artificial (quando se fala em autenticidade dos textos, subentende-se textos falados ou escritos por nativos);
- ter seu conteúdo escolhido criteriosamente, ou seja, os princípios da escolha dos

textos devem seguir um conjunto de regras estabelecidas pelos seus criadores de modo que o corpus coletado corresponda às características que se deseja dele;

- ser representativo.

Sardinha (2000, p. 342) aponta que este último pré-requisito é o mais problemático. Isto porque, “na essência, um corpus, seja de que tipo for, é tido como representativo da linguagem, de um idioma, ou de uma variedade dele”.

Como o próprio nome sugere, a representatividade de um *corpus* está diretamente ligada a sua extensão, porém a grande questão que se coloca é: qual é o tamanho mínimo para um *corpus*? De acordo com Sardinha o problema “é que a quantidade mínima de dados necessários para a formação de um corpus nunca foi estimada [...] sendo o critério de tamanho empregado subjetivamente na definição de corpus” (p. 345). Sendo assim, adiantamos que, pelos motivos já expostos, não visamos uma grande quantidade de dados ao formarmos o *corpus* para análise, uma vez que não é nosso objetivo estimar quantitativamente a representatividade da oposição *PS/PC* no espanhol dos países selecionados. Desta forma, nosso intuito neste trabalho é analisar detalhadamente a oposição *PS/PC* nas construções interrogativas coletadas, procurando determinar as diferentes interpretações semânticas a elas associadas.

Feitas as considerações anteriores, passamos aos critérios utilizados para a nossa busca no banco de dados da *RAE*:

- Período: 1980 – 2003
- Países: Costa Rica, Peru, Bolívia, Porto Rico e Venezuela
- Modalidade: entrevistas
- Registro: oral
- Formalidade: baixa

Os países não foram escolhidos aleatoriamente, pois além de serem os países que apresentaram o maior número de casos, estão claramente divididos em 3 zonas

lingüísticas: como representante da zona lingüística central temos a Costa Rica; o Peru e a Bolívia fazem parte da zona andina e, por fim, Porto Rico e Venezuela incluem-se na zona caribenha. Tivemos que excluir da nossa lista, o que foi motivo de frustração, países que seriam particularmente interessantes para a análise em questão, tais como a Argentina e Cuba. A Argentina por ser, como demonstrado por Piñero (2000), um dos países da América que apresenta a menor freqüência do *PC* e Cuba por suas peculiaridades lingüísticas e culturais. Infelizmente, a Argentina praticamente não dispõe de dados que se enquadrem nos critérios estabelecidos, ou seja, entrevistas com baixa formalidade, e Cuba não possui corpus representativo.

Também a escolha pela modalidade *entrevista* não foi casual, pois deve-se ao fato de que é nesta modalidade que aparecem o maior número de construções interrogativas com registro oral e com baixa formalidade. O interesse por documentos que apresentam tais características deve-se ao fato de que as produções orais e com baixa formalidade — do espanhol americano — tendem a distanciar-se mais do espanhol peninsular e que, conseqüentemente, podem apresentar diferenças na oposição *PS/PC* de forma mais acentuada.

Devido à pequena quantidade de documentos que continham construções interrogativas no pretérito, optamos em fazer a nossa busca a partir de tais construções. Assim, partindo dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular (*tú*) e terceira pessoa do plural (*ustedes*), que marcam a informalidade no espanhol americano, e das conjugações do verbo *haber* em tais pessoas, elaboramos uma lista para fazer a busca das formas do *PC*. Como o *PC* é formado pelo presente do verbo *haber* + o participio do verbo usado, utilizamos comandos como: [*has* ou *han* dist/1 *a*ido* ou *ado*], sendo que a letra que vem antes do asterisco vai de A a Z. Também os verbos com participios irregulares foram incluídos em nossa busca a partir da utilização do comando [*has* ou *han* dist/1 + verbos irregulares]¹¹.

A partir da localização das construções com o *PC*, selecionamos o maior

¹¹ Seguem em anexo exemplos de busca e também os parágrafos coletados.

número possível de construções interrogativas em tal tempo. Como a busca é feita por parágrafos, a oposição com a forma simples somente é possível naqueles parágrafos em que há a alternância dos dois pretéritos. Ou seja, o foco da nossa busca é o *PC* e, desta forma, partiremos do princípio de que a oposição explícita com o *PS* surge do próprio contexto lingüístico. Porém, nos casos em que tal oposição não se dá explicitamente com marcadores lingüísticos, assumiremos que fatores extra-lingüísticos como o contexto no qual o enunciado está inserido e a pressuposição dos falantes são os encarregados de fornecer os sentidos possibilitados pelo contraste *PS/PC*.

Ressaltamos que a seleção das construções interrogativas que apresentam a oposição *PS/PC* foi feita por meio de uma busca objetiva e que apenas após a obtenção dos exemplos procedemos à análise propriamente dita.

3.2.3 Análise dos dados

Primeiramente, apresentaremos os resultados obtidos por país para em um segundo momento fornecermos um panorama mais geral. Desta forma, tem-se:

- Costa Rica:
 - 7 documentos analisados;
 - 12 casos de oposição *PS/PC* em construções interrogativas.
- Peru:
 - 6 documentos analisados;
 - 13 construções interrogativas com a oposição verbal em questão.
- Bolívia:
 - 7 entrevistas analisadas;
 - 16 construções interrogativas.

- Porto Rico:
 - 2 entrevistas;
 - 2 construções interrogativas.
- Venezuela:
 - 19 entrevistas;
 - 34 casos de interrogativas.

O total de construções interrogativas soma 76, sendo que 60 (79%) dessas construções apresentam oposição aspectual e 16 (21%) não permitem tal oposição. Passamos agora a relacionar todas as construções interrogativas que compõem o nosso *corpus*, sendo que apresentamos em anexo os parágrafos dos quais elas foram extraídas, com os respectivos países e datas.

Oposição aspectual PS/PC:

1. — *¿Has viajado mucho?*
— Yo he viajado mucho a Panamá.
2. — *¿Nunca has hecho el intento de irte?*
— *¿Ha habido* o no ha habido una pérdida de valores, una devalorización más bien de los valores, entre comillas?
3. — *¿No has hablado con ningún profesor tuyo de la escuela?*
4. — *¿No has hecho ninguna exposición?*
— No, todavía no.
5. — *¿Y alguna vez has estado o presenciado un accidente?*
— Sí. Este, dos veces recuerdo.
6. — *¿Alguna vez le han faltado al respeto?*
7. — *¿Y alguna vez has estado o has visto un accidente?*
— *¿De tránsito?*

— De lo que sea. Puede ser de tránsito.

— Sí, yo recuerdo una vez cuando yo vi el propio día que yo llegué a Heidelberg a estudiar, (...).

8. — ¿No *ha viajado*? ¿No *se ha aprovechado* en este tiempo de viajar, de ir a conocer las Europas?

9. — ¿Alguna vez *has estado* en peligro de muerte?

— Sí.

— ¿Y qué *pasó*?

— Hace veintiún días estuve en peligro de muerte.

10. — ¿Y en la Universidad N.N. qué cursos *has dictado*?

— En la Universidad N. N. he dictado cursos de Historia de América, de Historia del Perú y de Historia Universal.

11. — ¿Y qué otro sitio *has estado* por ahí?

— Cajamarca, bueno, estuve en un fundo en la Perla, (...).

12. — ¿Y en otras ciudades, *has estado* en el sur?

— ¿Y fuera del Perú *has viajado*?

13. — ¿En qué sitios *has estado* en la sierra, aparte de Tarma?

14. — ¿Cuánto tiempo *has estado* ahí?

— Bueno, estudiando, ya te digo, tres años y en los cuales me he dedicado parte al estudio, a la formación teórica, y en parte también a la investigación.

15. — Y en todo este tiempo, ¿tú no *has tenido*, digamos, no has sentido ninguna resistencia por el hecho de que eras mujer?

16. — Te iba a preguntar sobre salarios. ¿Tú *has notado* alguna diferencia? (está relacionado à construção “en todo este tiempo” do exemplo anterior).

17. — ¿Qué hacías antes de tener al bebe, esos tres años que *has estado* casada?

18. — ¿Tú crees que *ha cambiado* la ciudad de La Paz?

19. — Y en tu forma de vivir, ¿*ha afectado* el cambio de la ciudad?

20. — *¿Has hecho muchos viajes?*
— Sí, he hecho muchos viajes a lugares extraordinarios.
21. — *¿Qué has estudiado?*
— Sí, yo he estudiado Historia, ¿no? *He estudiado* cinco años.
22. — *¿Qué otro tipo de conocimientos te ha traído esta tienda?*
23. — *¿Desde hace cinco años has estado siempre en lo mismo?*
24. — *¿Qué satisfacciones has encontrado al estudiar Arquitectura?*
25. — *¿Tú has notado un cambio social en La Paz los últimos diez años?*
26. — *¿Nunca has estado en México?*
27. — *¿Y nunca has actuado?*
28. — *¿Tú conoces gente que le ha pasado algo, o has oído algún cuento?*
29. — *¿Lo agarró y qué le hizo?*
30. — *¿Tú alguna vez has cosechado?*
31. — *¿Has hecho excursiones por el Ávila?*
32. — *¿Alguna vez has chocado?*
33. — *Y te has documentado bastante para hacer eso, ¿no?*
34. — *¿Y cómo ha sido la educación que tú le has dado?*
35. — *Y mire, este, ¿qué pasó el día que conociste a tu esposo?*
36. — *¿Y qué nos puedes decir de tus expectativas de niña? ¿Cuáles de ellas se han cumplido? ¿En que te ha defraudado la vida o en qué has pensado en ese sentido?*
37. — *¿Tú qué opinas de eso, te ¿tú has dado cuenta, lo has notado?*
— Bueno, yo he visto uno y cada vez que lo veo, me da rabia, (...).
38. — *¿Cómo te has dedicado a este deporte que necesita tanta constancia?*
39. — *¿Nunca te has leído las cartas?*
40. — *¿Y cosas buenas, no te has encontrado así, nada bueno?*
— Una sola vez me encontré cinco bolívares.
41. — *¿Y has estado buscando universidades en donde podrías hacer un postgrado?*

42. — ¿Tú nunca *has entrado* a la casa de la abuela?
43. — ¿Y cómo *fue* esa revuelta?
— De la de actubre. Eso fue horroroso.
44. — ¿Y no *has escuchado* cuentos sobre ese tema?
45. — ¿Y cómo *conseguiste* la moto?
46. — ¿Cuándo *sintió* usted eso?
47. — ¿Y tú lo *has visto* que *ha progresado*, que ha cambiado?
48. — ¿Y nunca te *has enfermado*?
49. — ¿Nunca *has estado* en una escuela estudiando?
50. — Pero bueno, ¿por qué no nos hablas un poco de esas soluciones, o de las que tú *has experimentado* como vías para la formación de la personalidad?
51. — Siempre *has vivido* ahí o ¿adónde?
— No. He tenido diferentes sitios, he vivido, por ejemplo, en Lima, en pasaje Iclán. Claro. Después en casas militares en N.N. Después en Pueblo Libre. ¿En qué otro sitio *he vivido*? En Lince, en Barranco, y ya.

Oposição não-aspectual PS/PC:

1. — ¿Y *has leído* la [novela] de Goldemberg?
— No.
— Y de otras literaturas, ¿te interesa algo en especial?
— O sea, he leído de otras literaturas, ¿no?
2. — ¿Por qué lo [el italiano] *has dejado*?
— Porque ya no lo practico.
3. — Y dime, ¿en qué otro colegio *has estudiado*?
— Estudié en el N.N., en San Isidoro, en Lima, toda ..., desde primera de primaria hasta quinto año de media.

4. — Y de todos los digamos, este ¿cuál te *ha gustado* más o has encontrado más ambiente, mejores amigos, qué se yo?
5. — ¿En qué colegio *has estudiado*?
6. — ¿Y qué *has seguido*?, ¿qué especialidad?
7. — ... y si uno se quejaba, le decían: ¿por qué te quejas? ¿Quién te *dijo* que tú ibas a ser feliz?
8. — ¿Cuánto *has recibido* tú, cuánto *has dado*?
9. — ¿Y *has estado* enfermo?
— ¿Quién?
— Tú.
— No. Si hubiera estado enfermo no estuviera aquí sentado, chica.
10. — ¿Y *supiste* de la representación de Aída en Luxor?
— Sí, por supuesto, inclusive tengo la mamá de un amigo que fue y le pedí que me trajera el programa de regalo,
11. — ¿Qué tipo de películas te gustan?
— A ver, ¿cuál es la última película que me *ha gustado*?
12. — Quisiera que me expliques cómo *has empezado* con este negocio.
13. — ¿Cuándo *ha muerto* tu padre?
— El año pasado, este año mi mamá, precisamente el mismo día, después del año, ¿no?
14. — ¿Cómo *ha tomado* tu mami la muerte de tu padre?
15. — ¿*Han hecho* ustedes algo para sacarla de ese estado, para alargarle la vida?
— No, no quería, ella no quería.

Como na maior parte das construções interrogativas do nosso *corpus* a oposição *PS/PC* ocorre regida por critérios aspectuais, na seqüência faremos algumas considerações acerca da categoria *aspecto* e de suas subclasses.

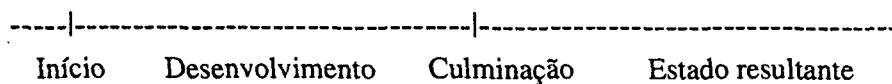
3.3 O que é oposição aspectual?

Antes tratarmos da oposição aspectual *PS/PC* nas interrogativas vamos fazer algumas considerações acerca do termo *aspecto*. É importante lembrar que o *aspecto*, assim como o tempo, é uma categoria gramatical. De acordo com Moreno-Torres (2000), sob esta denominação genérica de *aspecto* incluem-se fenômenos de natureza diversa e que se manifestam de diferentes formas nas línguas.

Dik (1989, apud MORENO-TORRES, p. 51) aponta as áreas de aspectualidade que apresentamos a seguir, sendo que cada uma delas manifesta-se em diferentes elementos morfo-sintáticos.

3.3.1 Modos de ação

É o tipo de evento ou de estado de coisas, tal como se associa ao verbo e seus argumentos. Quando aprendemos a usar um verbo, identificamos as situações que podem ser descritas com este verbo. Tem-se observado que tais situações têm uma estrutura interna, pois é possível dividi-las em fases. Moreno-Torres aponta que podemos encontrar uma ou mais dessas fases: *início*, *desenvolvimento*, *culminação* e *estado resultante*. Além disso, entre o *início* e a *culminação* podemos situar uma fase de *desenvolvimento*.

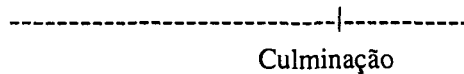


O verbo “construir”, por exemplo, associa-se à situações que têm um início (*começou a construir*), um desenvolvimento (*está construindo*) e uma culminação (*acabou de construir*). Este verbo também pode estar relacionado à situações que indicam um hábito (*costuma construir*) ou simples repetição (*frequentemente*

constrói). Por outro lado, associamos verbos como “abandar” à situações que não apresentam uma culminação.

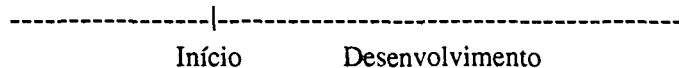
De acordo com a sua estrutura fásica os verbos podem ser divididos como¹²:

Achievements: descrevem situações constituídas exclusivamente por uma culminação (*alcançar a meta*). Seu esquema temporal seria o seguinte:



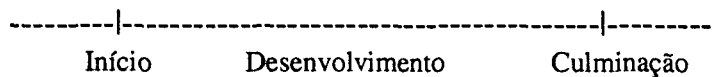
(3.20) O atleta alcançou a meta.

Atividades: descrevem situações constituídas exclusivamente por um desenvolvimento prolongado (*correr pelo parque*). Além disso, pressupõe um início.



(3.21) Martín corre pelo parque.

Accomplishments: descrevem situações constituídas por um desenvolvimento prolongado seguido de uma culminação (*correr até o poste*). Assim como as *atividades*, pressupõem um início.



(3.22) Martín construiu uma casa.

3.3.2 Aspecto perfectivo/imperfectivo

Segundo Moreno-Torres (2000), toda situação pode ser considerada a partir de

¹² Cf. classificação de Vendler (1967).

dois pontos de vista: como completa (vista de fora) ou em seu transcurso (vista de dentro). Vejamos os exemplos em espanhol apresentados pelo autor:

(3.23) Juan huyó hasta Francia (perfectivo).

(3.24) Juan está huyendo hasta Francia (imperfectivo).

O autor aponta ainda que quando a descrição é feita a partir do interior da situação, o ouvinte a interpreta como sendo um estado (homogêneo). Quando a descrição é feita de fora, o ouvinte interpreta a situação como evento (não homogêneo). Embora os exemplos apresentados por Moreno-Torres correspondam aos respectivos conceitos de *perfectivo/imperfectivo* dados por ele, tal diferenciação — como observamos nos exemplos apresentados por Gabardo (2001), no capítulo 2, para a oposição *PS/PC* — nem sempre é tão nítida. Retomemos tais exemplos:

(3.25) Este año llovió mucho.

(3.26) Este año ha llovido mucho.

Embora tanto o *PS* quanto o *PC* sejam considerados tempos perfectivos pela maioria das gramáticas espanholas, não é o que ocorre nos casos acima. Isto porque, como apontado por Gabardo, em (3.25) ao usar o *PS* o falante pretende dizer que a temporada das chuvas já acabou, evidenciando assim o aspecto perfectivo de tal construção. Por outro lado, em (3.26) o uso do *PC* sugere que a temporada das chuvas ainda não acabou, tendo-se, assim, o aspecto imperfectivo.

A partir do exposto acima, observa-se que as categorias aspectuais *perfectividade/imperfectividade*¹³ não deveriam ser tratadas em termos absolutos, pois, como ocorre nos exemplos acima, nem sempre a terminologia adotada e os conceitos utilizados correspondem ao real valor aspectual apresentado pela construção.

¹³ Sobre este tema, cf. Godoi (1992).

3.3.3 Aspecto quantificacional

O aspecto quantificacional está relacionado à capacidade de descrever um estado de coisas como hábito ou repetição de outro estado de coisas. Segundo Moreno-Torres, no espanhol, há diversos mecanismos que podem ser usados com essa finalidade. Assim tem-se os SNs plurais (*él ha construido casas*), o presente do indicativo (*él camina por el bosque*), o imperfeito (*él caminaba por el bosque*), o verbo *soler / costumar* (*él suele caminar por el bosque*) e advérbios como *habitualmente* e *siempre* (*siempre he vivido en esta ciudad*).

Nos interessa, particularmente, os sintagmas nominais plurais (SNs) e os advérbios ou construções que indicam reiteração, frequência ou hábito, pois são esses elementos que indicam ou contribuem para o valor aspectual *continuativo* do *PC*. Na seqüência, propomos uma divisão das construções interrogativas com *PS/PC* que apresentam oposição aspectual de acordo com os diferentes mecanismos que possibilitam o aspecto quantificacional:

- a) Construções com SN no plural: 10, 12, 12a, 13, 24, 31, 36, 36a, 36b, 41, 44, 50.
- b) Construções com advérbio de frequência: 2, 2a, 5, 6, 7, 8, 8a, 9, 23, 26, 27, 30, 32, 39, 42, 48, 49, 51.
- c) Construções com advérbio de quantidade: 1, 3, 4, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 25, 28, 28a, 33, 38, 40, 51.

Observamos que, em oposição ao valor *continuativo* do *PC*, possibilitado pelo aspecto quantificacional, nas construções 9, 29, 29a, 35, 43, 45, e 46 há a ocorrência do valor *pontual* para o *PS*. Verificamos também a existência de construções que não apresentam nenhum dos mecanismos especificados acima, são elas: 18, 19, 34, 37 e 47, respectivamente:

(3.27) — ¿Tú crees que *ha cambiado* la ciudad de La Paz?

(3.28) — Y en tu forma de vivir, ¿*ha afectado* el cambio de la ciudad?

(3.29) — ¿Y cómo ha sido la educación que tú le *has dado*?

(3.30) — ¿Tú qué opinas de eso? ¿Tú *has dado cuenta*, lo *has notado*?

(3.31) — ¿Y tú lo *has visto* que *ha progresado*, que *ha cambiado*?

Defendemos que tais construções não favorecem o valor *continuativo*, já que não apresentam os elementos necessários para tal leitura: SN plural, advérbios de frequência e advérbios de quantidade.

Ao buscarmos uma explicação para a presença do *PC* nessas sentenças, observamos que a maioria dos verbos ou perífrases verbais apresentam um traço semântico em comum: *são verbos de mudança*. Assim, tem-se verbos como: *cambiar*, *afectar*, *darse cuenta* e *progresar*, ou seja, são verbos que sugerem um valor *resultativo* ou um *estado resultante*. Assim, ao afirmar-se, por exemplo, que

(3.32) La ciudad de La Paz *ha cambiado*.

está implícito que a cidade de La Paz passou por um processo de mudança e que agora “está mudada”. O estado atual da cidade é um *resultado* de um processo anterior. Supomos que, assim como na construção assertiva, o valor *resultativo* permanece na forma interrogativa de (3.27). O mesmo ocorre com verbos como *afectar* (provocar algum efeito, alterar) em (3.28) e *progresar* (progredir) em (3.31), pois se a mudança da cidade alterou alguma coisa na forma de viver de determinada pessoa, tal forma de vida “está alterada”. O verbo *progresar* está inserido no mesmo campo semântico do verbo *cambiar*, uma vez que todo progresso implica em uma mudança de estado. Porém, é interessante observar que nem toda mudança de estado implica em um progresso. Imaginemos o seguinte contexto:

(3.33) Los rebeldes *han destruido* el centro de la ciudad de La Paz.

No exemplo acima, com base em nosso conhecimento de mundo, podemos concluir que a destruição de parte da cidade causou uma mudança em um determinado estado de coisas. Entretanto, também baseados em nosso conhecimento de mundo, sabemos que este tipo de destruição não leva a um processo de progresso, pelo menos não a um progresso econômico. Leva, antes, ao retrocesso.

Em (3.30) a combinação da perífrase *darse cuenta* — que é um *achievement* por sua pontualidade — com o verbo *notar*, cujo valor semântico demanda um certo tempo e por isso pode ser classificado como um *accomplishment*, também resulta em um estado. Ou seja, quando notamos ou observamos algo a nossa volta este algo passa a fazer parte do nosso conhecimento. Seguindo este raciocínio e partindo do pressuposto de que, como pessoas, somos também o resultado de tudo o que ouvimos, observamos e apreendemos, podemos supor que tudo o que observamos acaba sendo revertido em um estado resultante.

A única construção que não apresenta verbo de mudança de forma explícita é a (3.30), porém nota-se que a interpretação da sentença como um todo deixa transparecer um valor *resultativo*. O uso do verbo *dar*, diferentemente de verbos como *cambiar* e *progresar*, não traz implícito um valor semântico de mudança. Entretanto, se analisarmos o significado composicional da sentença, ou seja, a sentença como um todo, observaremos que a construção “dar educação” inserida na pergunta nos permite atribuir um valor *resultativo* à sentença. Isto porque, “dar educação” pode ser considerado como sinônimo de *educar* que é um processo que exige tempo. Porém, pensando na relação entre pais e filhos, há um determinado momento em que o processo de educar chega ao fim — e que geralmente coincide com a chegada da idade adulta — e a partir daí o que temos é o resultado da educação recebida. Para ilustrar tal fato, basta pensar que o comportamento de uma pessoa “normalmente” resulta do tipo de educação que esta recebeu.

3.4 A hipótese do uso modal

Partindo do fato de que na América Hispânica a oposição *PS/PC* não está atrelada aos marcadores temporais e de que as construções interrogativas com o *PC*, que tenham um sintagma nominal no singular, ou um complemento determinado, não favorecem a interpretação aspectual, passamos a apresentar nossa hipótese para aqueles casos aos quais não é possível atribuir os valores tradicionalmente descritos: *continuativo e/ou resultativo* ou *ênfaticador*.

Desta forma, levantamos a hipótese de que o contraste *PS/PC* — naquelas construções interrogativas que não permitem uma interpretação aspectual — apresentaria um valor modal motivado por fatores relacionados à crença e à pressuposição dos falantes.

Em suma, os exemplos que formam o nosso *corpus* apontam para a possibilidade da ocorrência da oposição *PS/PC* também pelo viés da modalidade¹⁴. Com o objetivo de exemplificar o funcionamento modal dessa oposição verbal, vejamos o seguinte caso:

(3.34) ¿Y has leído la [novela] de Goldemberg?

Em (3.34) a leitura aspectual (*Você tem lido o romance de Goldemberg?*) parece não ser a mais adequada, uma vez que o valor aspectual seria favorecido por marcadores de frequência como *alguna vez*, *algún día*, *últimamente*, *nunca*, etc., ou pela indeterminação do objeto direto, ou seja, se ao invés de *la [novela] de Goldemberg* tivéssemos *novelas de Goldemberg*.

Nossa hipótese é de que o uso do *PC* no exemplo acima está relacionado a uma dúvida real do falante — ele realmente não sabe se o seu interlocutor leu determinado livro — que pode ser deduzida do contexto no qual a pergunta está inserida. Assim, se

¹⁴ O capítulo 4 tratará os conceitos de modalidade e pressuposição de forma detalhada.

ao invés de (3.34) tivéssemos

(3.35) ¿Y leíste la [novela] de Goldemberg?

o verbo no *PS* seria um indicativo de que o falante supõe que seu interlocutor, de fato, “leu” tal romance, pois, como vimos ao longo do capítulo 2, o *PS* pode apresentar uma determinada ação como “acabada” e/ou “pontual”.

3.5 Considerações

No início deste capítulo apresentamos a classificação de Escandell (1999) para as construções interrogativas que será usada como base para nossa análise. Em um segundo momento, passamos a apresentar a metodologia utilizada para a formação do nosso *corpus*, assim como a classificação e análise dos dados coletados.

A classificação obtida divide as construções interrogativas do *corpus* em dois tipos: aquelas nas quais a oposição *PS/PC* é claramente aspectual e aquelas nas quais tal oposição não apresenta os requisitos necessários para que possa ser considerada aspectual. Podemos dividir as construções que apresentam valor aspectual em dois subtipos: aquelas que apresentam aspecto quantificacional e que, conseqüentemente, produzem um valor *continuativo* e aquelas que, devido à característica semântica do verbo, apresentam um valor *resultativo*. Estes dois valores aspectuais confirmam a classificação de Gutiérrez Araus (1997) que apresentamos no capítulo 2.

A análise dos dados também vem ao encontro do exposto por Moreno de Alba (1993), pois, de acordo com este autor, enquanto que no espanhol peninsular a oposição *PS/PC* não é predominantemente aspectual, no espanhol americano, de forma geral, as diferenças que caracterizam cada um dos pretéritos é de índole fundamentalmente aspectual. Ainda segundo este autor, devido ao uso peculiar dos pretéritos na América, é natural que o *PC* tenha menor frequência de uso do que o *PS*.

Entretanto, ressalta que esta menor frequência não significa que o *PC* seja uma forma em decadência, significa apenas que sua função denotativa é diferente e seu campo de ação mais reduzido.

Feitas as considerações sobre as construções que apresentam valor de natureza aspectual, a partir deste momento nosso foco de interesse estará voltado para aquelas construções que escapam à oposição aspectual. No próximo capítulo trataremos dos conceitos de *pragmática* e *semântica*, uma vez que estes serão fundamentais para a análise que propomos no capítulo 5.

CAPÍTULO 4

A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA

Como apontamos no capítulo anterior, nossa análise estará focada nos aspectos semânticos e pragmáticos que poderiam determinar o uso de um ou outro pretérito em contextos interrogativos específicos. Sendo assim, parece-nos conveniente explicitar as definições de alguns conceitos que serão utilizados para fundamentar nosso trabalho.

4.1 O escopo da Pragmática

Começemos pela definição, ou melhor, pelas aproximações do termo *Pragmática* propostas por Yule (1996). De acordo com este autor, a *Pragmática* está relacionada ao estudo do significado como comunicado por um falante (ou escritor) e interpretado por um ouvinte (ou leitor). Sendo assim, *a Pragmática é o estudo do significado do falante.*

Não se pode excluir deste tipo de estudo a interpretação do que as pessoas querem dizer em um contexto particular e como o contexto determina o que é dito. Desta forma devemos considerar como os falantes organizam o que eles querem dizer de acordo com a pessoa com a qual estão falando, onde, quando e sob quais circunstâncias. Por isso, *Pragmática é o estudo do significado contextual.*

Esta última definição inclui, necessariamente, como os ouvintes podem fazer inferências sobre o que é dito para chegar a uma interpretação do significado pretendido pelo falante. Tal estudo explora como grande parte do que não é dito é reconhecida como parte do que é comunicado. As considerações acima nos levam à terceira definição: *Pragmática é o estudo de como é possível comunicar mais do que se diz.*

Esta perspectiva levanta a seguinte questão: que fator determina a escolha entre o dito e o não dito? De acordo com Yule, a resposta básica está relacionada à noção de distância. A proximidade, se for física, social ou conceitual, implica uma experiência compartilhada. A partir da suposição do quanto o ouvinte está próximo ou distante, o falante determina o quanto precisa ser dito. Assim, este autor chega à quarta definição: *Pragmática é o estudo da expressão da distância relativa.*

Sintetizando o exposto por Yule, podemos definir *Pragmática* como o domínio da lingüística que se dedica a estudar:

- o significado do falante;
- o significado contextual;
- como podemos comunicar mais do que dizemos;
- a expressão da distância relativa.

4.2 A Semântica e a Pragmática

Não é novidade o fato de que tanto a Semântica quanto a Pragmática estudam o significado das construções lingüísticas. O fator diferencial está na forma como cada uma olha para tais construções.

Ao distinguir a Semântica da Pragmática, Yule considera que:

Semantics is the study of the relationship between linguistic forms and entities in the world; that is, how words literally connect to things. Semantic analysis also attempts to establish the relationships between verbal descriptions and states of affairs in the world as accurate (true) or not, regardless of who produces that description.

Pragmatics is the study of the relationships between linguistic forms and the users of those forms (YULE, 1996, p. 04). [Grifo do autor].

A distinção estabelecida por Yule entre a *Semântica* e a *Pragmática* nos induz a refletir sobre o fato de que o estudo da língua por uma única perspectiva, seja ela

semântica ou pragmática, pode ser uma tarefa bastante difícil de cumprir.

Desta forma, ao restringir seu escopo de estudo à relação existente entre as formas lingüísticas e as entidades no mundo, a *Semântica* busca uma maior sistematização e objetividade em suas análises. Porém ao não considerar o falante, que é o usuário das formas lingüísticas, acaba por não dar conta dos diferentes significados que determinada estrutura pode adquirir em uma interlocução, assim como das sutilezas existentes entre o dito e o não dito.

Já o estudo da língua pela perspectiva da *Pragmática* nos permite falar sobre os significados pretendidos pelas pessoas, suas suposições, seus propósitos e os tipos de ações (por exemplo, pedidos) que estão realizando quando falam. Entretanto, assim como a *Semântica*, o estudo exclusivamente pragmático da língua apresenta algumas limitações. A principal dificuldade enfrentada por aqueles que se propõem a estudar a língua pelo viés da *Pragmática* é analisar estes conceitos tão humanos de forma consistente e objetiva (YULE, op. cit., p. 4).

4.3 Pressuposição

Yule (id., ibid.) define *pressuposição* como algo que o falante supõe antes de manifestar-se; logo, a pressuposição está nos falantes e não nas sentenças. O *acarretamento* é algo que pode ser deduzido logicamente daquilo que é afirmado em uma fala. Assim, são as sentenças, e não os falantes, que apresentam o acarretamento.

Vejamos um exemplo de como identificar alguma informação potencialmente suposta que estaria associada com a fala seguinte.

(4.1) O irmão da Mariana comprou três cavalos.

Ao pronunciar (4.1) espera-se que o falante tenha as pressuposições de que uma pessoa chamada Mariana existe e que ela tem um irmão. O falante também pode

apresentar pressuposições mais específicas de que Mariana tem apenas um irmão e que ele tem muito dinheiro. Todas essas pressuposições estão no falante e todas elas *podem estar equivocadas*.

Por outro lado, a mesma sentença será tratada como tendo os acarretamentos de que o irmão de Mariana comprou algo, comprou três animais, comprou dois cavalos, comprou um cavalo, e outras conseqüências lógicas similares. Esses acarretamentos são extraídos da sentença, sem levar em consideração se as crenças do falante estão corretas ou não.

4.3.1 Pressuposição semântica × pressuposição pragmática

Nesta seção pretendemos explicitar as diferenças conceituais existentes entre a pressuposição semântica e a pressuposição pragmática para que assim possamos justificar nossa opção pela segunda.

De acordo com Yule, em muitas discussões sobre seu conceito, a pressuposição é tratada como uma relação entre duas proposições. Portanto, na sentença seguinte, se consideramos que (4.2a) contém a pressuposição p e (4.2b) contém a pressuposição q , então, usando o símbolo \gg para significar ‘pressupõe’, podemos representar a relação em (4.2c).

- (4.2) a. O cachorro da Mariana é bonito. (=p)
 b. Mariana tem um cachorro. (=q)
 c. $p \gg q$.

É interessante observar que quando produzimos o oposto de (4.2a) pela negação (=NÃO p), como em (4.3a), percebe-se que a relação de pressuposição não muda. Isto é, a mesma proposição q , repetida como (4.3b), continua sendo pressuposta por NÃO

p , como mostrado em (4.2c).

- (4.3) a. O cachorro da Mariana não é bonito. (NÃO p)
 b. Mariana tem um cachorro. (=q)
 c. NÃO $p \gg q$

Esta propriedade da pressuposição geralmente é descrita como *constância sob negação*. Isto significa, basicamente, que a pressuposição de uma declaração permanecerá constante mesmo quando tal declaração for negada. Sendo assim, uma declaração como “o rei da Espanha não é calvo” pressupõe que “a Espanha tem um rei”.

Diante das considerações anteriores surge a seguinte questão: como tratar a oposição entre a afirmação e a negação nos exemplos abaixo?

- (4.5) a. O rei da Espanha nos visitou.
 b. O rei da Espanha não existe!

Voltando à diferenciação entre pressuposição e acarretamento, Yule (id. Ibid., p. 32) afirma que, por ser uma consequência do que é dito, o acarretamento é mais forte do que a pressuposição. Desta forma, o poder do acarretamento também pode ser usado para cancelar pressuposições existenciais.

Normalmente, supomos que quando uma pessoa usa uma construção definida do tipo *o rei da Espanha*, ela pressupõe a existência da entidade descrita como em (4.5a). Porém, em qualquer seqüência com a forma “X não existe”, como em (4.5b), há o acarretamento de “que não há X”. Diante da contradição existente entre as declarações, será que o falante de (4.5b) continua pressupondo a existência da entidade descrita?

Segundo Yule, ao invés de pensarmos que o falante de (4.5b) simultaneamente acredita que há um rei da Espanha (= pressuposição) e que não há um rei da Espanha

(= acarretamento), deve-se reconhecer que o acarretamento é mais forte do que a pressuposição, o que nos leva a abandonar a pressuposição. Este predomínio do acarretamento explica o fato de que “it may be best to think of all the types of presuppositions illustrated [...] as ‘potential presuppositions’ which only become actual presuppositions when intended by speakers to be recognized as such within utterances” (YULE, 1996, p. 32). De fato, os falantes podem indicar que a pressuposição potencial não está sendo apresentada como uma suposição forte e cancelá-la por acarretamento.

Neste sentido, Gazdar e Levinson (1979, 1983, apud ALLAN, 2001:206) apontam a inviabilidade da pressuposição semântica, uma vez que a pressuposição está essencialmente baseada no falante no sentido de que interpretamos $A \gg B$ como “A indica que o falante pressupõe B”. Complementando a visão de Yule, Allan (2001) afirma que as pressuposições são pragmáticas porque elas podem ser canceladas, o que não ocorre com as relações lógico-semânticas, como é o caso do acarretamento.

4.3.2 Tipos de pressuposição

Na análise de como as suposições dos falantes são normalmente expressadas, as pressuposições têm sido associadas ao uso de um grande número de palavras, sintagmas e estruturas. Yule considera essas formas lingüísticas como indicadores de *pressuposições potenciais*, que poderão tornar-se reais em situações comunicativas contextualizadas.

Como podemos observar anteriormente, nas sentenças (4.2) e (4.3), a construção possessiva está associada à pressuposição de existência, porém a *pressuposição existencial* não está suposta apenas nas construções possessivas (por exemplo, ‘seu carro’ \gg ‘você tem um carro’). Podemos encontrá-la em qualquer sintagma nominal determinado como *o gato*, *a menina da janela* ou *o rei da Espanha*, uma vez que o falante supõe a existência das entidades nomeadas.

Yule observa que verbos como *saber*, *compreender*, *lamentar*, *estranhar*, assim como frases envolvendo *estar consciente*, podem ser tratadas como um fato e descritas como uma *pressuposição fatural*. Vejamos algumas sentenças que apresentam esse tipo de pressuposição:

- (4.6) a. Todos sabem que Felipe é sedutor. (>> Felipe é sedutor)
 b. Ela não compreendeu que ele estava triste. (>> Ele estava triste)
 c. Não é estranho que ela tenha saído cedo. (>> Ela saiu cedo)

Há outras formas que Yule considera desencadeadoras de pressuposições lexicais. Como regra geral, na *pressuposição lexical*, o uso de uma forma com seu significado declarado é convencionalmente interpretado com a pressuposição de que outro significado (não declarado) é entendido. Assim, de acordo com a caracterização de Yule, em (4.7) temos um exemplo de *pressuposição lexical*:

- (4.7) Ele parou de jogar (>> Ele jogava)

Desta forma, de acordo com Yule, no caso da *pressuposição lexical*, o uso de uma expressão particular leva à pressuposição de outro conceito (não declarado).

Observamos que no português a pressuposição se mantém quando passamos a mesma sentença para a forma interrogativa:

- (4.8) a. Ele parou de jogar? (>> Ele jogava)

Já no espanhol, pelo fato de o falante poder optar por usar o *PS* “paró” ou o *PC* “ha parado”, vamos propor algumas modificações.

- b. ¿Él paró de jugar?

c. ¿Él ha parado de jugar?

Para analisar as sentenças (4.8b) e (4.8c), partiremos do princípio de que tal oposição verbal é determinada por fatores semânticos e pragmáticos e pode apresentar interpretações semânticas distintas. Porém, diferentemente do que propõe Yule para a sentença afirmativa e que, como vimos, se mantém na forma interrogativa do português, propomos que a informação de que “alguém jogava” está dada pela sentença e que seria mais adequado considerá-la como um acarretamento e não como uma pressuposição.

De acordo com nossa hipótese, a opção por um ou outro tempo verbal, nestes contextos, estaria relacionada a uma suposição prévia do falante. Desta forma, o uso do *PS* em (4.8b) seria determinado pela suposição por parte do falante de que a pessoa em questão, de fato, “parou de jogar”, suposição esta que geralmente está baseada em conhecimentos prévios. Por outro lado, o fato de o falante formular a pergunta com o *PC* indicaria sua total incerteza com relação à interrupção da atividade de jogar.

Yule também aponta a existência de *pressuposições estruturais*. Neste caso, as estruturas de algumas sentenças têm sido analisadas convencionalmente como pressupondo que parte da estrutura já é tomada como verdadeira. Desta forma, “we might say that speakers can use such structures to treat information as presupposed [...] and hence to be accepted as true by the listener” (YULE, 1996, p. 28).

O autor cita como exemplo de pressuposição estrutural as construções interrogativas do tipo *wh-* do inglês que normalmente são interpretadas com a pressuposição de que a informação que está posposta à forma *wh-* é tomada como certa.

- (4.9) a. When did he leave? (>> Ele saiu)
 b. Where did you buy the bike? (>> Você comprou uma bicicleta)

Embora estejam baseadas em construções do inglês, as considerações de Yule também podem ser aplicadas ao português e o espanhol, uma vez que nestas línguas a forma *wh-* apresenta funcionamento sintático semelhante ao do inglês. Vejamos o caso do espanhol:

- (4.10) a. ¿Cuándo él salió? (>> Él salió)
 b. ¿Dónde usted compró la bicicleta? (>> Usted compró la bicicleta)

Este tipo de pressuposição pode induzir o ouvinte a acreditar que a informação apresentada é necessariamente verdadeira, ou seja, a pressuposição, neste caso, não fica limitada à pessoa que faz a pergunta, mas estende-se ao ouvinte por indução.

Ao longo deste capítulo procuramos dar uma visão geral das diferenças entre os termos *semântica* e *pragmática* assim como do significado e dos tipos de pressuposição descritos por Yule. Assim, estamos, aos poucos, construindo a base teórica que dará suporte a nossa argumentação.

Neste trabalho partimos da hipótese de que em certas sentenças interrogativas a oposição *PS/PC* está atrelada a fatores semânticos e pragmáticos específicos gerados pelo contexto,¹⁵ tais como a modalidade e a pressuposição. Por isso, na seqüência passamos a fazer algumas considerações acerca dos termos *modo* e *modalidade*, uma vez que estes, normalmente, são entendidos como sinônimos.

4.4 Modo e modalidade

Gili Gaya (2000) aponta que em qualquer oração podemos definir entre o conteúdo da representação e a atitude do falante diante de tal conteúdo: o que se diz e

¹⁵ Empregaremos o termo *contexto* como definido por Allan (2001, p. 20), pois para este autor o *contexto* denota qualquer um ou todos os quatro elementos seguintes: o mundo; o tempo de fala; o co-texto — o texto que precede e sucede uma construção da língua — e as situações de fala e interpretação.

como se diz. Entre os meios gramaticais que denotam a atitude do falante estão as formas de conjugação verbal denominadas tradicionalmente de *modos*. Os modos possibilitam expressar

... nuestro punto de vista subjetivo ante la acción verbal que enunciamos . Podemos pensar el verbo como una acción o fenómeno que tiene lugar efectivamente; nuestro juicio versa entonces sobre algo que consideramos real, con existencia objetiva. Podemos pensar también que el concepto verbal que proferimos es simplemente un acto mental nuestro, al cual no atribuimos existencia fuera de nuestro pensamiento” (GILI GAYA, 2000, p. 131).

Segundo o autor, quando dizemos *el libro está sobre la mesa, sabía que me habías escrito* ou *mañana no iré a verte*, afirmamos ou negamos fatos acreditando que ocorrem, ocorreram ou ocorrerão na realidade; por isso usamos o modo indicativo para enunciá-los. Porém, se dizemos *temo que el libro esté sobre la mesa, no sabía que me hubieras escrito, es posible que mañana no vaya a verte*, o fato de o livro estar sobre a mesa é apenas um temor, pois não o imagino como algo real; o fato de alguém ter escrito para mim era algo desconhecido, por isso não tinha realidade para mim. Já eu não ir ver alguém amanhã é pensado como uma possibilidade à qual não se atribui efetividade. Todos estes fatos estão enunciados no modo subjuntivo.

Travaglia, ao referir-se ao termo *modalidade*, faz o seguinte esclarecimento:

Preferimos utilizar o termo **modalidade** no lugar do termo **modo**, visto que este está comprometido com os “modos gramaticais” (indicativo, subjuntivo e imperativo), mas os dois termos são usados freqüentemente como sinônimos. Os “modos gramaticais” são apenas um dos meios de marcar a modalidade que pode também, por exemplo, ser marcada por advérbios (**talvez, provavelmente**, que marcam dúvida), ou uma oração principal com verbos do tipo de **crer, proibir, temer, ordenar**, e até mesmo pela entonação como afirma BALLY (1942: 10) (TRAVAGLIA, 1985, p. 314), [grifo do autor].

O autor aponta a possibilidade de outros elementos, além das conjugações verbais, poderem marcar a modalidade e indica algumas diferenças entre os termos *modo* e *modalidade*. Desta forma, entende por *modalidade* “a designação, na frase, da

atitude do falante com relação ao seu próprio enunciado, a explicitação da sua atitude psíquica diante da situação que exprime” (TRAVAGLIA, 1985, p. 315).

Observamos que Travaglia apresenta uma definição mais ampla ao considerar o *modo* verbal como apenas mais um mecanismo, entre tantos outros, capaz de expressar a *modalidade*. Embora Gili Gaya se limite ao *modo* obtido a partir das formas de conjugação, ambos concordam que é a atitude do falante em relação ao seu enunciado que está em questão.

4.4.1 Modalidade

Ridruejo (1999) afirma que a categoria lingüística que denominamos *modalidade* reúne as diferenças existentes entre enunciados quando estes expressam diferentes posições do falante, ou com respeito à verdade do conteúdo da proposição que formula, ou com respeito à atitude dos participantes no ato da enunciação.

- (4.11) a. O gato está sobre o tapete.
 b. O gato não está sobre o tapete.
 c. Tira os pés da mesa!
 d. Tomara que receba o que merece!

As diferenças entre os enunciados (4.11a-d) são consideradas como distinções de modalidade. De acordo com Ridruejo, enunciados como (4.11a, b) descrevem estados de coisas e ao serem contrastados com a realidade, podem ser caracterizados como verdadeiros ou falsos. Por outro lado, enunciados como (4.11c, d) refletem, respectivamente, uma ordem exercida sobre o interlocutor e o desejo do falante, porém sua verdade ou falsidade não pode ser submetida a julgamento, pois não fazem parte de um estado de coisas cuja realidade possa ser verificada.

A atenção dispensada à modalidade pela filosofia é muito anterior ao interesse da lingüística por tal tema. Ridruejo aponta que Aristóteles já diferenciava os juízos que denominava asseverativos dos semânticos. Os juízos semânticos, ainda que considerados plenamente significativos, não possuem um valor de verdade determinável.

De acordo com Ridruejo, Kant contribuiu de forma significativa ao estudo da modalidade ao considerar que os juízos asseverativos estão caracterizados também por uma modalidade precisa, assim como os juízos de contingência (ou problemáticos) e os de necessidade (apodíticos). Todo juízo, portanto, possui uma *modalidade*. Desta forma, observa-se que a partir de Kant predomina uma interpretação epistêmica na concepção filosófica de *modalidade*: a modalidade passa a representar a expressão do grau de certeza do falante sobre o que está sendo enunciado. Entre os lógicos atuais há uma tendência a considerar que os conceitos de ‘necessário’, ‘possível’ ou ‘impossível’, que representam tipos de modalidade kantiana, constituem apenas uma parte da noção de modalidade (RIDRUEJO, 1999, p. 3211).

4.4.2 A modalidade lingüística

Ridruejo aponta que, embora os estudos lingüísticos tenham seguido os lógicos no emprego da noção de modalidade, tais estudos reconhecem que as línguas não se acomodam necessariamente em suas distinções internas às diferenças lógicas. De um lado, porque se multiplicam em uma língua as expressões que podem refletir uma mesma modalidade lógica, e também porque um único recurso lingüístico pode expressar diversos tipos de modalidade.

Bybee e Fleischman (1995b, apud RIDRUEJO, p. 3212) consideram que a modalidade é um domínio semântico e que tal domínio engloba vários tipos de marcadores semânticos que têm como denominador comum atribuir um valor

semântico adicional ao valor semântico neutro de uma declaração. Estes marcadores semânticos são expressados em cada língua por uma grande variedade de categorias morfológicas, léxicas, sintáticas, e através de recursos prosódicos.

Ainda tratando da modalidade, Ilari (2002, p. 201) observa que “a gramática tradicional reconhece dois grandes componentes na sentença: o componente proposicional, constituído de sujeito + predicado (= *dictum*), e o componente modal, que é a qualificação de P, de acordo com o julgamento do falante (= *modus*)”. Desta forma, a modalidade está vinculada a uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai enunciar. Dessa avaliação prévia decorrem suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir e expressar certeza ou dúvida sobre determinado conteúdo.

4.4.3 Modalidade epistêmica e modalidade deôntica

De acordo com o exposto por Travaglia (1985) e Ridruejo (1999), a modalidade é uma categoria bastante ampla, uma vez que línguas como o português e o espanhol dispõem de diversos mecanismos para expressá-la. Dentro do termo genérico *modalidade* é possível encontrar diferenças fundamentais, diferenças estas que levaram a uma bipartição de tal termo em: *modalidade epistêmica* e *modalidade deôntica*. Desta forma, a modalidade epistêmica, que está relacionada às noções de conhecimento e crença (LYONS, 1980, p. 725, apud. RIDRUEJO, p. 3214), é definida como sendo a expressão do grau de compromisso que o falante assume com relação à verdade da proposição contida em um enunciado. A modalidade deôntica

... aporta, como la epistémica, una calificación de las condiciones en que se establece la verdad del predicado, que tampoco es simplemente aseverado o factual; pero, a diferencia de la anterior, supone una formulación de estas condiciones como pertenecientes a un sistema normativo en el que actúa bien el agente de la proposición, o bien directamente el hablante (LYONS, 1980, p. 754, apud. RIDRUEJO, op. cit., p. 3214).

Ridruejo, aponta que em construções de mandato (*¡Que venga Juan!*), de obrigação (*Juan debe venir*) e de desejo (*Ojalá venga Juan*), o conteúdo da proposição é modificado e não simplesmente asseverado.

A modalidade deôntica também implica uma certa modalização epistêmica a partir do momento em que a sentença à qual se refere apresenta caráter não factivo, ou seja, a expressão de um mandato ou de um desejo supõe desconhecimento ou incerteza por parte do falante no que diz respeito ao cumprimento do conteúdo de tal mandato ou desejo (RIDRUEJO, p. 3214).

Este mesmo autor afirma ainda que cada um dos dois tipos de modalidade pode ser expressado por diversos recursos lingüísticos. Assim, a modalidade deôntica manifesta-se pela entonação, pela sintaxe e pela variação do modo verbal e a modalidade epistêmica manifesta-se através dos advérbios, dos adjetivos, dos verbos modais e também da variação no modo do verbo. Além disso, observa-se que um mesmo mecanismo, gramatical ou lexical, pode transmitir ambas modalidades. Ridruejo apresenta como exemplo o verbo auxiliar *poder* que no espanhol, assim como no português, é usado tanto para transmitir modalidade deôntica de permissão ou capacidade quanto modalidade epistêmica de *incerteza*. Assim, em

(4.12) Nelson *puede* trabajar hasta más tarde.
(Nelson pode trabalhar até mais tarde)

tem-se pelo menos dois significados: Nelson é “capaz” de trabalhar até mais tarde ou “talvez” Nelson trabalhe até mais tarde.

No caso do exemplo (4.12), acreditamos que o contexto e a entonação dada pelo falante são fundamentais para eliminar a ambigüidade da sentença.

4.5 Indícios do valor modal para a oposição *PS/PC*

Tendo em vista as considerações anteriores sobre os diferentes tipos de modalidade, iniciamos nossa busca pelos indícios do valor modal para a oposição *PS/PC* a partir daquelas construções que apresentam elementos *dubitativos* que, como apontado por Ridruejo, remetem à *modalidade epistêmica de incerteza*, sem ser, necessariamente, interrogativas. Assim, observamos alguns indícios da suposta oposição modal *PS/PC* em construções dubitativas tais como:

- (4.13) Tiene diecinueve años, y como le dicen todo el tiempo que es lindo, que lo quieren, se viste resaltando sus cualidades físicas, con *ropa* que *tal vez* le *ha comprado o elegido* Ana, que viene detrás (Argentina, RAE).

No enunciado acima, a construção dubitativa *tal vez*, por ser um advérbio de dúvida, atribui um valor que, semanticamente, se interpreta como uma incerteza do falante. Entretanto, observamos que tal incerteza não está diretamente relacionada à realização do evento “comprar” ou “elegir” e sim à dúvida do falante sobre o suposto comprador — Ana —, ou ainda sobre o fato de que Ana pode ter apenas “elegido” a roupa que o jovem usa.

A presença do substantivo *ropa*, sem um quantificador (*la ropa, aquella ropa*), poderia induzir-nos a uma interpretação aspectual, atribuindo, assim, o valor *continuativo* ao *PC* em (*tal vez*) *Ana ha comprado ropa al joven*. Todavia, o próprio contexto lingüístico nos leva a descartar tal possibilidade ao explicitar, na relação composicional entre os elementos do texto, que se trata da roupa que alguém está usando em um momento específico. O verbo “vir”, no presente do indicativo (... *que viene detrás*), reforça a interpretação de que se trata da roupa que alguém está usando naquele momento em que Ana *viene detrás*. Sendo assim, temos uma indicação de que a situação descrita pelo fragmento retrata o momento específico em que Ana

acompanha o jovem.

Outro fator que dificulta a interpretação de *ha comprado o elegido* como eventos aspectualmente durativos ou iterativos, e que se estendem até o momento da enunciação, é a presença do advérbio *tal vez* que, por ser um advérbio de dúvida, normalmente combina-se com formas do modo subjuntivo em construções como *tal vez Ana le haya comprado ropa* (talvez Ana tenha comprado roupa para ele). Tais construções com o subjuntivo acabam por transferir o evento hipotético para o passado.

A partir das considerações acima, podemos imaginar as seguintes possibilidades para o fragmento (4.13):

- (4.13) a. Tiene diecinueve años, y como le dicen todo el tiempo que es lindo, que lo quieren, se viste resaltando sus cualidades físicas, con ropa que (...) le ha *comprado o elegido* Ana, que viene detrás.
- (4.13) b. Tiene diecinueve años, y como le dicen todo el tiempo que es lindo, que lo quieren, se viste resaltando sus cualidades físicas, con ropa que (?) *tal vez le compró o eligió* Ana, que viene detrás.
- (4.13) c. Tiene diecinueve años, y como le dicen todo el tiempo que es lindo, que lo quieren, se viste resaltando sus cualidades físicas, con ropa que (...) le *compró o eligió* Ana, que viene detrás.

Em (4.13a) a supressão do advérbio de dúvida *tal vez* possibilita a interpretação *resultativa* do PC em *ha comprado o elegido*, uma vez que o fato de o jovem estar usando aquela roupa pode ser o resultado de Ana ter comprado ou ter escolhido tal roupa.

Na construção hipotética (4.13b), a combinação de *tal vez*, que é um indicador de dúvida, com o PS — que indica ação pontual e acabada no passado e que, portanto, acaba refletindo a atitude de certeza do falante — resulta algo incoerente: Como é possível que indicadores de dúvida e certeza referentes a um único objeto coexistam?

Semanticamente esta coexistência não é possível, daí a inadequação de tal construção.

Por fim, em (4.13c) ao usar apenas o *PS*, suprimindo *tal vez*, o falante estaria manifestando sua certeza de que, de fato, foi Ana que comprou ou que escolheu a roupa que usa aquele jovem elegantemente trajado.

Na análise das diferentes possibilidades interpretativas da construção (4.13), buscamos evidenciar, por um lado, os elementos lingüísticos que inviabilizam a interpretação aspectual do *PC* e, por outro, buscamos apontar os indícios que poderiam justificar um possível valor modal para a oposição *PS/PC*. Porém, observamos que a natureza dos elementos que nos permitem supor um valor modal para a oposição, da qual nos ocupamos, pode variar. Assim, na construção interrogativa indireta apresentada abaixo, diferentemente das anteriores, são outros os elementos que nos remetem a uma possível oposição modal.

(4.14) *Yo me pondré en contacto con ella para conocer qué ha pasado*¹⁶.

No exemplo acima, poderíamos argumentar que é a construção *para conocer* que sugere o desconhecimento, por parte do falante, dos fatos ocorridos. Porém, tal afirmação esbarra no fato de que *para conocer* também poderia combinar-se com o *PS* (*pasó*).

Se a combinação de *para conocer* com os outros elementos da construção já indicaria o desconhecimento do falante, então que fatores poderiam explicar o contraste *PS/PC* em um contexto como este?

Com o objetivo de responder a pergunta anterior, começamos por eliminar a possibilidade de oposição temporal de *presente ampliado*, uma vez que, como vimos no capítulo 2, tal oposição se restringe ao espanhol peninsular. Quanto a um possível valor aspectual *durativo*, não há nenhum indicador aspectual explícito na construção que nos remeta a tal suposição.

¹⁶ Exemplo coletado, informalmente, de correspondência pessoal de uma falante cubana em 2003.

Desta forma, poderíamos supor que a combinação da construção *yo me pondré en contacto con ella para conocer que ...* com o *PS* ou o *PC*, em um nível superficial,¹⁷ não implicaria em um valor semântico diferente. Entretanto, defenderemos que em um nível mais profundo, o das relações mentais que geram os diferentes significados, a opção pelo *PS* ou pelo *PC* manifesta as atitudes de “certeza” ou de “dúvida”, respectivamente. De acordo com esta perspectiva, se ao invés de (4.14) tivéssemos

(4.14) a. *Yo me pondré en contacto con ella para conocer qué pasó,*

poderíamos interpretar a presença do *PS*, em *pasó*, como um indício de que, na realidade, o falante já está a par do ocorrido.

Observamos, entretanto, que este valor modal de “certeza” que o uso do *PS* deixa transparecer se dá, de certa forma, por analogia ao valor aspectual para a oposição *PS/PC*, uma vez que, como vimos nos capítulos anteriores, esta é a oposição que predomina na América. Sendo assim, como aspectualmente o *PS* apresenta valor *pontual* e o *PC* valor *durativo*, ao usar *pasó*, e não *ha pasado*, o falante revelaria estar a par, não apenas do fato ocorrido, mas inclusive do momento de tal ocorrência.

A partir da observação e análise dos exemplos acima, supomos que o mesmo processo que leva o falante a optar pelo uso do *PC* nas construções dubitativas poderia também estar atuando naquelas construções interrogativas para as quais não é possível atribuir nenhum dos valores aspectuais apresentados no capítulo 2. Isto significaria que é a atitude do falante, determinada por suas suposições prévias e o seu conhecimento de mundo, que orienta sua opção pelo *PS* ou pelo *PC*.

Desta forma, quando falamos em valor modal para a oposição *PS/PC* nos referimos à atitude epistêmica de “certeza” ou “dúvida” — desencadeada pela pressuposição do falante — a qual determina os mecanismos que o falante irá utilizar para manifestá-la linguisticamente.

¹⁷ Nos referimos ao nível das relações sintáticas.

Os exemplos apresentados anteriormente, assim como a análise dos mesmos, teve como objetivo a apresentação de evidências que possam fundamentar nossa hipótese do valor modal para a oposição *PS/PC* naquelas construções que não permitem a interpretação aspectual e que fogem à caracterização proposta por Gutiérrez Araus (cf. capítulo 2) para o valor *enfatizador*.

4.6 Análise das construções interrogativas

Uma vez estabelecidos os conceitos de *modalidade* e de *pressuposição*, a partir deste momento nos apoiaremos em tais conceitos para propormos uma análise da oposição *PS/PC* em algumas das construções interrogativas que compõem o nosso *corpus*.

Como observamos no capítulo 3, das 76 construções interrogativas do *corpus*, que apresentam a oposição *PS/PC*, 79% apresentam oposição aspectual e 21% não se enquadram nos critérios que possibilitariam tal oposição. Pelos motivos já expostos nos capítulos 2 e 3, nosso objeto de análise será essa parcela que não apresenta a oposição aspectual.

Ao iniciarmos nossa análise, percebemos que, muitas vezes, não é possível interpretar a oposição *PS/PC* sem ultrapassar os limites da sentença e, em alguns casos, até mesmo do parágrafo. Por isso, nesta análise, sempre que possível, recorreremos aos elementos presentes no contexto lingüístico que possam contribuir para a interpretação da oposição destes tempos verbais. Entretanto, ao não encontrarmos nenhum indício no contexto lingüístico que contribua para determinada interpretação, vamos supor que são fatores extra-lingüísticos, como a pressuposição do falante, que determinam a opção pelo *PS* ou pelo *PC*. Feitas estas considerações, passamos à análise do fragmento seguinte.

(4.15)

... A: ¿Qué cosas de la ciudad disfrutas tú o te beneficias de algo? ¿Cuáles son tus actividades y en qué te entretienes? B: ¿En qué me entretengo? Me gusta, por ejemplo, ir al cine. A: ¿Qué tipo de películas te gustan? B: A ver, ¿cuál es la última película que me ha gustado? Bueno, me gustan las con contenido social. A: ¿Te acuerdas de alguna? B: Por ejemplo, una que me ha impactado muchísimo es ¿cómo se llama? están Nicola y Bart. Nicola y Bart de, déjame pensar. A: ¿Dónde fue hecha esa película? B: En Estados Unidos. Hay A: ¿De qué se trataba? B: Es el como te digo, con contenido social. Se trata de dos italianos que llegan a Estados Unidos y se los complica en un caso de homicidio. Y a los dos se les sigue un proceso [...]. A: ¿El caso basado en en Sacco y Vanzetti? B: Exacto, Sacco y Vanzetti pues, Nicola y Bart, Sacco y Vanzetti, pues. Ya. *No me acordaba, ¿ves?* ... (RAE, Bolívia).

Ao analisarmos o fragmento acima, observamos que a construção interrogativa *¿cuál es la última película que me ha gustado?* aponta uma dúvida real do falante, uma vez que outros elementos do contexto lingüístico tais como as construções *¿cómo se llama?* e *No me acordaba* sugerem que o falante, de fato, não se lembra o nome do último filme que ele gostou.

A construção interrogativa com o *PC*, acima, de acordo com a caracterização de Escandell (1999), é uma forma de interrogação epistêmica denominada de *interrogativa deliberativa*¹⁸. Neste tipo de construção, o falante interroga-se sobre algo que, de fato, não tem a resposta. Assim, observa-se que as *interrogativas deliberativas* aproximam-se daquelas construções que Scandell denomina de *perguntas reais*, uma vez que ambas expressam o desconhecimento real do falante sobre determinado fato.

Como apontado no capítulo 3, as construções interrogativas nem sempre manifestam uma dúvida real do falante, como é o caso das *perguntas de exame* ou das *interrogativas retóricas*. Por outro lado, as construções interrogativas — chamadas de *perguntas reais* por Scandell — que admitem apenas “sim” ou “não” como resposta, manifestariam uma dúvida real do falante. Entretanto, em se tratando de construções que apresentam ou o *PS* ou o *PC*, defendemos que a opção por uma ou outra forma manifestaria alguma suposição prévia, ou a completa dúvida do falante,

¹⁸ cf. figura 3.2.

respectivamente.

Diante das considerações acima, observemos o próximo exemplo:

(4.16)

A: ¿Y tu primera borrachera? B: Mi primera borrachera la *tuvimos* cuando estaba en el cuartel y el primer cigarro me lo *fumé* en el cuartel. Yo nunca fumaba ni tomaba, éstos son los compañeros de uno, lo enseñan a uno en el cuartel: *tómate* una cervecita, y me *pusieron* a hacer la vieja y me *descubrieron*. Me *pusieron* a hacer ranas: cien para arriba y cien para abajo, que lo, parece que levantarás pesas. A: ¿Y tú manejas? B: Manejaba, sí, moto, pero no pude por lo del choque *fue* con un autobús y no me *dio* miedo los autobuses, digo, los carros, y me *dio* miedo la moto. A: Bueno. ¿Y has estado enfermo? B: ¿Quién? A: Tú. B: No. Si hubiera estado enfermo no estuviera aquí sentado, chica. Estuviera en mi casa durmiendo ahorita, descansando, viendo televisión, enyesado, porque no es el *primer* motorizado que yo *he visto que le ha pasado* un carro por encima. A: ¿A ti? B: Chocado. No, a un motorizado, a otro, descabezado, una lástima eso. Y muchos que han dejado las motos, ahora se montan en metro (RAE, Venezuela).

Em (4.16), há vários fatores a serem considerados para que possamos analisar o valor do PC em *¿Y has estado enfermo?*

Primeiramente, observa-se que o falante A, a partir da declaração do falante B, baseia-se em seu conhecimento de mundo, seus conhecimentos prévios, para fazer a pergunta. Assim, ao dizer que dirigia moto e que não dirige mais por causa do acidente, o falante B acaba induzindo o falante A a pensar que foi B quem sofreu o acidente, e não uma terceira pessoa. Seguindo este raciocínio — mas sem nenhuma indicação da gravidade, ou das seqüelas deixadas pelo acidente — o falante A lança a pergunta: *¿Y has estado enfermo?*

Somente após fazer a pergunta é que A descobre que, na realidade, B apenas viu um acidente de moto, que o impressionou ao ponto de fazê-lo desistir de dirigir este meio de transporte.

Desta forma, consideramos que em (4.16) o contexto lingüístico, somado ao conhecimento de mundo, induz o falante A a supor que foi B quem sofreu o acidente. Isto porque, normalmente, as pessoas ficam traumatizadas ao serem vítimas de um

acidente de trânsito grave, sendo que tal trauma pode resultar em alguma mudança de comportamento, como: recusar-se a dirigir, não andar de avião, etc.

Por outro lado, a pergunta com o *PC* revela a atitude de dúvida do falante A com relação à gravidade do acidente, uma vez que não há indícios concretos que o levem a alguma conclusão.

O enunciado (4.16) reflete bem a consideração de Yule (1996) de que seria melhor encarar as pressuposições como “potenciais”. De acordo com este autor, as pressuposições tornam-se reais somente quando os falantes pretendem que elas sejam reconhecidas como tais dentro dos enunciados. Sendo assim, consideramos que, no caso do enunciado (4.16), a pressuposição do falante A é desfeita no desenrolar do próprio contexto comunicativo.

A fim de concluir nossa análise do fragmento anterior, pode-se observar a presença de vários verbos no *PS*: *tuvimos, fumé, descubrieron, pusieron, dio e fui*. As situações referidas por tais verbos no *PS* revelam que, aspectualmente, eles apresentam valor *pontual*.

Já na oração ... *no es el primer motorizado que yo he visto que le ha pasado un carro por encima*, as formas com *PC* (*he visto e ha pasado*) podem manifestar um valor psicológico que pretende enfatizar algo que foi muito marcante para o falante e que, de alguma forma, “continua” muito presente em sua memória.

Até aqui, temos visto exemplos de uso do *PC* em contextos interrogativos que sugerem uma dúvida real do falante. Porém, com o objetivo de fazer o contraste, faz-se necessário analisar a ocorrência do *PS*, apontando as diferentes interpretações semânticas possibilitadas pela oposição *PS/PC*. Assim, encontramos construções como:

(4.17)

A: ... ¿Y cuál es la ópera que más te emociona? B: Bueno, eso es por etapas, creo yo, ¿no? A veces tú estás en una etapa así medio bueno, en mi opinión, ¿Realmente, la ópera que más me

gusta objetivamente es un *Ballo in maschera*, de Verdi, ¿no?, que de la cual tengo casi todas las versiones salidas que salieron en disco, ¿no? Pero hay óperas que que depende mucho del estado de ánimo. Bueno, la la misma musicalidad, hay óperas mucho más, digamos, dramáticas, y más pesadas, que a lo mejor te gustan oír las cuando estás un poquito deprimido, etcétera, ¿no?, y obras mucho más alegres como el principio de *La Traviata*, por ejemplo, algo así que estás contento y te pones a bañar y metes el casete. Entonces depende mucho, pero realmente la que más me gusta es *Ballo in maschera* de Verdi. A: ¿Y supiste de la representación de *Aída en Luxor*? B: Sí, por supuesto, inclusive tengo la mamá de un amigo que fue y le pedí que me trajera el programa, que no se olvidara de traerme el programita de *Las Pirámides ...* (RAE, Venezuela).

Em (4.17) a presença do *PS* em *¿Y supiste de la representación de Aída en Luxor?* sugere que o falante A pressupõe que, de fato, seu interlocutor estava informado sobre a representação da ópera *Aída* no *Luxor*. Como se pode notar no enunciado, o falante B é um amante de óperas e demonstra conhecimento sobre as composições de Verdi. A partir destas informações, o falante A supõe que, de fato, B “soube” da representação de *Aída* — uma vez que está é uma famosa ópera de Verdi — e, por isso, faz a pergunta com o *PS*.

Consideramos que a opção do falante pelo *PS* manifesta uma atitude epistêmica de “certeza”, que é desencadeada por seus conhecimentos prévios — que são as pressuposições.

Sobre este tema, Dall'Aglio-Hattner (1996,) aponta que, ao modalizar subjetivamente um enunciado, o falante revela-se como a origem da informação e também como aquele que apresenta um julgamento sobre a informação contida em tal enunciado. De acordo com esta autora, a avaliação epistêmica é feita com base no conjunto de conhecimentos e crenças que o falante possui. Porém, ocorre que esse conjunto de informações — que são as evidências — pode não ser explicitado pelo falante, segundo suas intenções comunicativas.

A partir do exposto acima, consideramos que ao usar o *PS* o falante modaliza subjetivamente a construção e, ao supor que seu interlocutor está informado sobre determinada representação, revela-se como a origem da informação. Sendo assim, a

avaliação epistêmica de certeza do falante teria sido determinada pelo conjunto de conhecimentos e crenças que este possui. Podemos considerar, então, que os relatos do falante B sobre sua paixão pela ópera passam a fazer parte deste “conjunto de conhecimentos” que levam o falante A a expressar, lingüisticamente, sua atitude de “certeza”. Por outro lado, se ao invés da construção com o *PS* tivéssemos:

(4.18) *¿Y has sabido/ te has enterado de la representación de Aída en Luxor?*

o emprego do *PC* indicaria uma dúvida real do falante, ou seja, não há suposições prévias, o falante não supõe que “sim”, nem que “não”.

Com o objetivo de representar as diferentes interpretações semânticas possibilitadas pela oposição *PS/PC* nos contextos interrogativos, nos apoiaremos no conceito de *Espaço Mental* da semântica cognitiva (FAUCONNIER, 1997), uma vez que esta perspectiva torna possível a relação entre a construção cognitiva do significado e os aspectos pragmáticos e semânticos gerados pelo contexto. Para que tal relação possa ser estabelecida, partiremos da suposição de que as construções lingüísticas resultam da combinação de aspectos pragmáticos e semântico-cognitivos. Assim, a pressuposição, somada ao conhecimento de mundo do falante, gera determinada atitude modal — que é cognitiva. Esta atitude modal, por sua vez, determina os mecanismos lingüísticos que serão usados pelo falante para expressá-la. Desta forma apresentamos o seguinte esquema:

Pressuposição + conhecimento de mundo → atitude modal
 atitude modal → mecanismos lingüísticos

CAPÍTULO 5

A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS

Neste capítulo passamos a apresentar a Teoria dos Espaços Mentais, uma vez que nos apoiaremos nesta teoria para propor esquemas que representem as diferentes configurações cognitivas que estariam refletidas na opção do falante pelo *PS* ou pelo *PC*. Como argumentamos no capítulo anterior, a representação da pressuposição do falante e da sua atitude modal, ocorrerá a partir das diferentes construções lingüísticas, como é o caso do contraste *PS/PC*, e das interpretações decorrentes de tais construções.

A Teoria dos Espaços Mentais, abordada por Fauconnier (1985; 1997), parte da idéia de que as correspondências ou os mapeamentos entre os domínios mentais estão no centro da faculdade cognitiva humana de produzir, processar e transferir o significado. Fauconnier considera que os mapeamentos — que são redes interligadas de pensamentos — introduzem novos espaços mentais, relacionando-os como os espaços já existentes.

Tal perspectiva nos fornece *insights* sobre a organização dos domínios cognitivos, uma vez que os processos da cognição e suas estruturas não estão à disposição do pesquisador e somente podem ser hipotetizados e inferidos das construções lingüísticas.

Fauconnier (1997) aponta que o principal objetivo da lingüística cognitiva tem sido especificar a construção do significado, suas operações, seus domínios, e como eles são refletidos na língua. Observa que as pesquisas nesta área tem avançado ao conseguir reproduzir, a partir das construções lingüísticas, os esquemas cognitivos que dão origem às construções gramaticais normalmente usadas pelos falantes.

Desta forma, a lingüística cognitiva tem descoberto que a língua visível

(concreta) é apenas a ponta do *iceberg* das operações invisíveis (abstratas) que ocorrem entre os domínios quanto pensamos, agimos ou nos comunicamos. Tais domínios são mentais e incluem o conhecimento cognitivo e os espaços mentais introduzidos localmente. Daí o interesse da lingüística cognitiva em especificar as operações e domínios que estão presentes na construção do significado e como estes estão refletidos na língua.

5.1 Estruturas e dados

Fauconnier aponta a possibilidade de usarmos os dados da língua como fonte de informação para reconstruir os processos cognitivos que ocorrem na mente do falante em um estágio anterior à exteriorização destes mesmos dados. Desta forma podemos usar as construções da língua para descobrir, inferencialmente, alguns processos cognitivos que estariam atuando para produzir os diferentes significados. A partir destas considerações, apresentamos a seguir algumas formas de conexão de domínios apontadas por Fauconnier.

De acordo com o autor, embora o vocabulário freqüentemente torne o mapeamento transparente, geralmente não temos consciência dele quando o usamos. As projeções de domínios de mapeamentos também podem ser introduzidas localmente, no contexto, neste caso elas normalmente não são percebidas como pertencendo à língua e sim como “criativas”, pois partem do raciocínio e da construção do discurso que está ocorrendo no momento. Entretanto, Fauconnier observa que não há diferença formal entre os casos lexicamente construídos e os casos que são conscientemente percebidos como inovadores. Sendo assim, observa-se que os espaços mentais devem ser vistos como uma categoria aberta, a qual é composta por construtos de memória e por *imputs* externos, gerados pelo contexto.

Sintetizando o que foi exposto anteriormente, para Fauconnier os mapeamentos

operam para introduzir e relacionar os espaços mentais. Tais espaços são estruturas que se multiplicam quando pensamos e falamos, permitindo a divisão das estruturas do nosso discurso em pequenas partes, como uma teia de aranha.

Ao dizer que “Letícia pensa que Martín é bonito”, por exemplo, construímos um espaço para representar a crença de Letícia. Ao enunciar a sentença “no ano passado Martín era bonito” e ao dizer que “Letícia pensa que no ano passado Martín era bonito”, construímos um espaço para “o ano passado” encaixado em um espaço de crença, que por sua vez está encaixado em um espaço base.

Na figura seguinte representamos a criação desses novos espaços e as relações estabelecidas entre eles.

(5.1) Letícia pensa que no ano passado Martín era bonito.

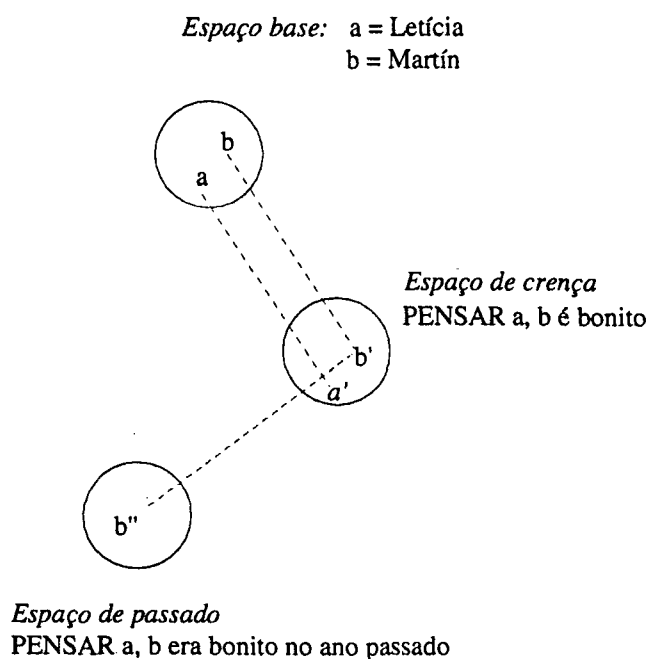


Figura 5.1: A introdução de novos espaços mentais.

5.2 A perspectiva da construção cognitiva

Ao tratar das conexões estabelecidas entre os espaços mentais, Fauconnier (1997) considera que caracterização dos domínios sobre os quais a projeção ocorre é essencial para a compreensão das construções cognitivas. Assim, os espaços mentais são os domínios que o discurso constrói para prover um substrato cognitivo para o raciocínio. Na seqüência, passamos a relacionar algumas assunções da abordagem cognitiva de Fauconnier (1997) que serão consideradas ao longo deste trabalho:

- As formas lingüísticas são instruções, parciais e indeterminadas, para a construção de domínios interconectados com estrutura interna;
- Esta construção ocorre em um nível cognitivo, que chamaremos de nível C, que é distinto da estrutura da língua;

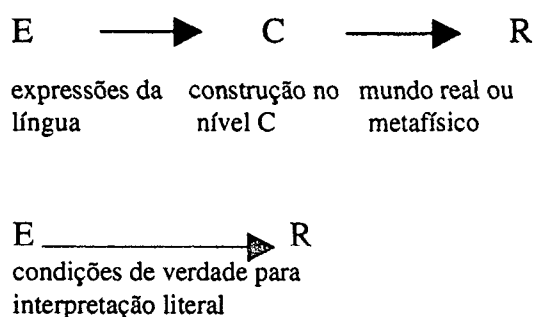


Figura 5.2: Os diferentes níveis da construção do significado.

- As construções no nível C não são representações de mundo, representações de modelos de mundo, ou representações de universos metafísicos, tais como os mundos possíveis;
- As construções do nível C, portanto, relacionam a língua ao mundo real. Isto porque tais construções provêm várias inferências e padrões de ação do mundo real;
- A visão cognitiva em questão é realista: métodos científicos padrão (dados

empíricos + hipóteses explicativas) são usados para mostrar que o uso e a interpretação da língua estão organizados de acordo com o primeiro esquema dado na Fig. 5.2, e não com o segundo;

- As construções no nível C são diferentes, e novas, para cada caso de uso da língua. Os espaços mentais e as conexões são construídas à medida que o discurso se desenrola e são uma função das expressões produzidas, do estado da construção cognitiva quando surge determinada expressão e do contexto do discurso, o qual condições pragmáticas tais como a relevância e os eventos do mundo real percebidos pelos participantes.

5.3 As configurações do discurso

Nas palavras de Fauconnier,

A language expression E does not have a meaning in itself; rather, it has a *meaning potential* and it is only within a complete discourse and in context that meaning will actually be produced. The unfolding of discourse brings into play complex cognitive constructions. They include the setting up of internally structured domains linked to each other by connectors; this is effected on the basis of linguistic, contextual, and situational clues. Grammatical clues, although crucial to the building process, are in themselves insufficient to determine it (FAUCONNIER, 1997, p. 38)¹⁹.

De acordo com essa perspectiva apresentada acima, o desenvolvimento do discurso é uma sucessão de configurações cognitivas. Cada configuração dá origem à próxima, determinada pelo contexto e pela gramática. Tais configurações têm o papel de dividir a informação, relacionando-a a diferentes domínios.

Os domínios construídos são parcialmente ordenados por uma relação de

¹⁹ Uma expressão de linguagem E não possui um significado em si; ela possui, muito mais, um significado potencial, e somente dentro de um discurso completo e em algum contexto um significado será de fato produzido. O desdobramento do discurso coloca em jogo construções cognitivas complexas. Elas incluem a montagem de domínios estruturados internamente e ligados entre si por conectores; isto é produzido com base em indicadores lingüísticos, contextuais e situacionais. Indicadores gramaticais, muito embora essenciais para o processo de construção, são em si mesmos insuficientes para determinar o significado.

subordinação: um novo espaço M' sempre é introduzido relacionado a um espaço M existente que está em foco. M é denominado o espaço de origem de M' .

A relação de subordinação entre os espaços está representada na figura a seguir.

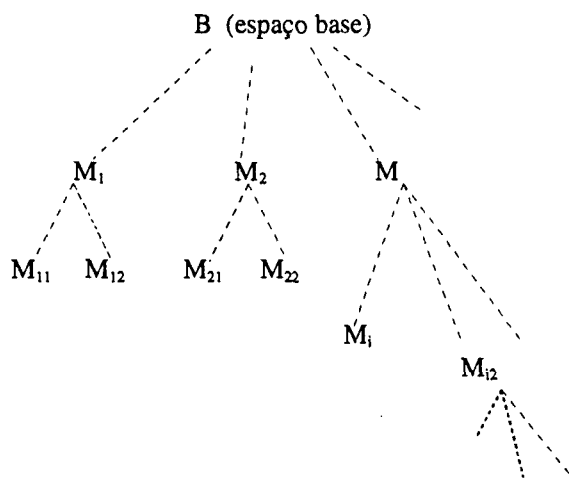


Figura 5.3: A relação de subordinação entre os espaços gerados por indicadores contextuais ou gramaticais

Sendo assim, novos elementos podem ser adicionados aos espaços por expressões lingüísticas ou por condições pragmáticas — objetos que estão salientes na interação que produz o discurso.

Fauconnier aponta alguns tipos de informações que são indicados por vários mecanismos gramaticais. Entre tais mecanismos destacamos os construtores de espaço que de alguma forma estão relacionados ao desenvolvimento do nosso tema: a crença; os tempos verbais e as construções pressuposicionais.

5.4 O tempo verbal como construtor de espaço

De acordo com a Teoria dos Espaços Mentais, o desenvolvimento do pensamento humano está intrinsecamente vinculado à inserção de novas configurações de espaços relacionados entre si e ao conhecimento prévio do falante. Assim, Fauconnier aponta que há duas dimensões do pensamento e da experiência humana

que são especialmente importantes: o tempo e a distância epistêmica, pois todas as línguas possuem recursos gramaticais consideráveis para indicar essas duas dimensões.

O autor acrescenta que

Although the cognitive systems that reflect these two dimensions are invariably complex, the guiding ideas are simple. In moving (mentally) from one mental space to another, we try to keep track of the time shifts and epistemic shifts between the spaces in focus. Relative time is simply a relation between times of events in two spaces. Epistemic distance is the “reality” status of one space with respect to another (FAUCONNIER, 1997, p. 72)²⁰.

Para tratar das relações temporais a partir de uma perspectiva cognitiva, Fauconnier introduz quatro elementos. Desta forma, qualquer configuração de espaço incluirá uma base, um *ponto de vista (pdv)*, um *foco* e um *evento*. Estes primitivos estão dinamicamente relacionados aos espaços do discurso.

A partir do desenvolvimento do discurso, o *pdv*, o *foco*, o *evento* e inclusive a *base* podem transferir-se de um espaço a outro ou fundir-se em um único espaço. De acordo com o autor, o espaço *base* funciona como uma âncora para a configuração, pois normalmente é o espaço do qual partimos e para o qual podemos voltar facilmente. A partir do espaço *pdv* outros espaços poderão ser construídos ou acessados.

O espaço *foco* como considerado por Dinsmore²¹ (apud FAUCONNIER, 1997), é o espaço em que usualmente o conteúdo está sendo construído e o espaço *evento*, que normalmente é o mesmo que o *foco*, corresponde ao tempo no qual o evento ou estado está sendo considerado.

²⁰ Embora os sistemas cognitivos que refletem estas duas dimensões sejam invariavelmente complexos, as idéias que os orientam são simples. Ao nos movermos (mentalmente) de um espaço mental para outro, nós tentamos manter um registro das mudanças epistêmicas e de tempo entre os espaços em foco. O tempo relativo é apenas uma relação entre os tempos de acontecimento de eventos em dois espaços. A distância epistêmica é o *status* de “realidade” de um espaço em relação a outro.

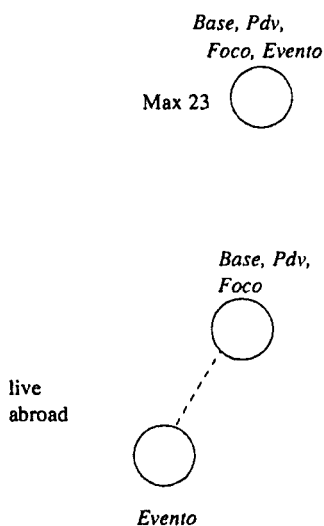
²¹ DINSMORE, J. **The inheritance of presupposition**. Amsterdam: John Benjamins, 1981.
 _____. **Partitioned representations**. Dordrecht: Kluwer, 1991.

O autor exemplifica o funcionamento, ou melhor, as conexões estabelecidas entre esses quatro elementos utilizando o pequeno discurso abaixo.

(5.2) Max is twenty-three. He has lived abroad. In 1990, he lived in Rome. In 1991 he would move to Venice. He would then have lived a year in Rome.

As construções dinâmicas dos espaços associadas com a produção ou compreensão dessa mini-estória estão relacionadas a seguir:

- Começamos com um único espaço, o qual é a *base* e também o *pdv* inicial e o *foco* e que contém a informação que *Max is twenty-three years old*;
- Mantendo aquele espaço em *foco*, acrescentamos a informação (presente) de que *Max has lived abroad*. Tal informação é apresentada via um espaço *evento* passado (*Max lived abroad*);
- Na próxima sentença, *in 1990*, há um construtor de espaço que introduz um novo espaço *foco*, no qual construímos o conteúdo *Max live in Rome*. Este também é um novo espaço *evento*, considerando o fato de “Max viver em Roma”.



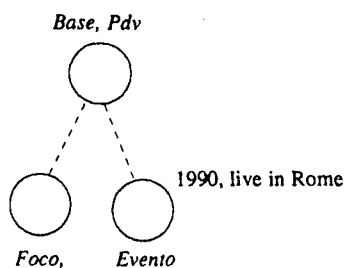
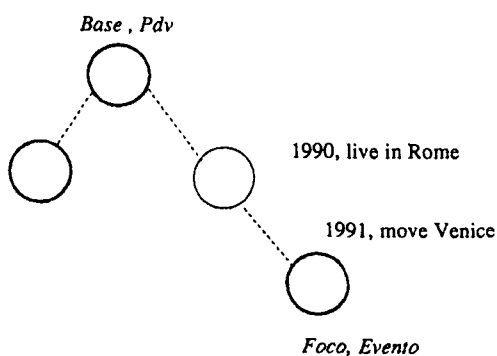


Figura 5.4: Configuração parcial para o exemplo (5.2).

- Este espaço de *foco* torna-se um *pdv* do qual observamos o próximo movimento de Max. Quando dizemos que *In 1990, he would move ...*, estamos apresentando 1991 como futuro em relação a 1990. O espaço de 1990 (*Max in Rome*) torna-se o *pdv* do qual cria-se o próximo espaço *foco* (e *Evento*), 1991, com o conteúdo *Max move to Venice*;
- A última sentença, *He would then have lived a year in Rome*, mantém 1990 como *pdv* e 1991 como *foco*.

De forma esquemática, a configuração do espaço se desenvolve com mudanças sucessivas do *evento*, *foco* e *pdv* como mostrado nas figuras 5.4 e 5.5. A vantagem desse tipo de organização é que permite a manipulação local dos espaços sem perder de vista a configuração completa.



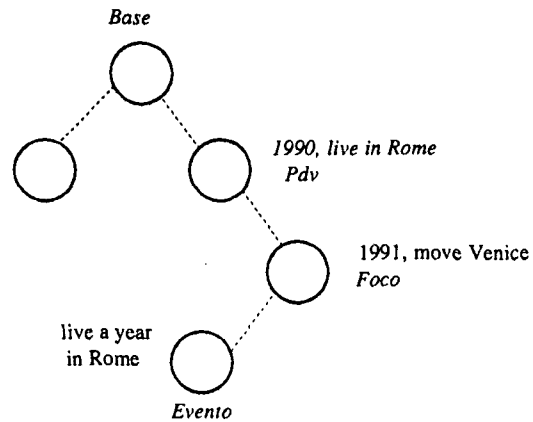


Figura 5.5: Configuração completa para exemplo (5.2).

Cutrer²² (1994, apud FAUCONNIER, p. 75-80) propõe categorias semânticas universais de tempo e aspecto para expressar algumas de suas combinações. Começamos pelas três categorias semânticas básicas de tempo: PASSADO, PRESENTE e FUTURO. Para ilustrar estes conceitos, apresentamos a caracterização dos espaços mentais construída por Cutrer para demonstrar as relações temporais no inglês:

a)

O PASSADO aplicado a um determinado espaço *evento* N indica que:

- N está em *Foco*
- A origem de N é o *Pdv*
- O tempo de N é anterior ao *Pdv*. (origem de N)
- Os eventos ou propriedades representados em N são FATOS (em relação ao espaço *Pdv*. de origem)

b)

PRESENTE aplicado a um espaço evento N indica que:

- N está em *foco*
- N ou a origem de N é o *pdv*
- a estrutura de tempo representada em N não é anterior ao *pdv* ou à *base*
- eventos ou propriedades em N são FATOS (em relação ao *pdv*.)

²² CUTRER, M. **Time and tense in narratives and everyday language**. Ph.D. diss., University of California, San Diego, 1994.

c)

FUTURO aplicado ao espaço evento K indica que:

- K não está em *foco*
- a origem de K é o *pdv*
- a estrutura de tempo para K é posterior ao *pdv*
- eventos ou propriedades em K são PREDIÇÕES (do *pdv*)

Ao referir-se às categorias gramaticais de tempo e aspecto, Dinsmore (1991, apud FAUCONNIER, 1997) considera que o *Perfect* (forma composta) introduz um novo espaço mental, sem transferir o *foco*. Seguindo o raciocínio de Dinsmore, Cutrer define a forma perfeita, no inglês, como segue:

d)

O PERFECT aplica-se a um espaço *Evento N* e indica que:

- N não está em *foco*
- a origem de N é o *pdv*
- o tempo de N é anterior ao *pdv*

Dinsmore (1991, apud FAUCONNIER, 1997, p. 82) apresenta uma interessante análise para a distinção do *present perfect* e do *simple past* do Inglês, mostrando, a partir da perspectiva cognitiva, porque sentenças como **Last year, he has lived in Venice* são consideradas agramaticais. Observemos as sentenças abaixo:

(5.3) Last year, he lived in Venice.

(5.4) He has lived in Venice.

(5.5) *Last year, he has lived in Venice.

Dinsmore, considera que a sentença (5.5) é agramatical porque o construtor de espaço passado *last year* indica que o espaço está em *foco* (o que é uma característica do *simple past*), enquanto que o *Present Perfect*, conforme a caracterização de Cutrer,

por ser composto, não permite que tal espaço esteja em *foco*, ocorrendo uma incompatibilidade entre os espaços.

Como vimos ao longo deste trabalho, assim como o Inglês, o Espanhol também faz a distinção entre o *Pretérito (Perfecto) Compuesto (PC)* e o *Pretérito Simple (PS)*. Desta forma, no Espanhol teria-se as seguintes sentenças:

(5.6) El año pasado, él vivió en Madrid.

(5.7) Él ha vivido en Madrid.

(5.8) *El año pasado, él ha vivido en Madrid.

Segundo a argumentação de Cutrer, em (5.6) o espaço de passado N está em *foco* e a origem de N é o *pdv*, que está no presente. Logo, o tempo de N é anterior ao *pdv*. O verbo *vivir*, no *pretérito simple*, representa um fato já concluído em relação ao espaço origem, que é o *pdv*.

Tomando como base a proposta de Fauconnier, a configuração mental de (5.6) seria:

PRESENTE

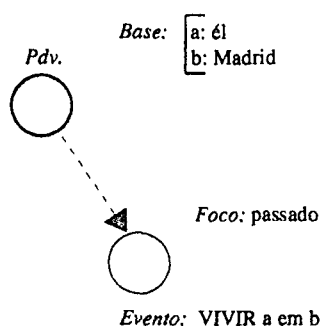


Figura 5.6: Configuração para a construção (5.6).

Para a configuração de (5.7), de acordo com Cutrer, o espaço N não está em *foco*. A origem de N é o *pdv* e o tempo de N é anterior ao *pdv*. Esta caracterização nos leva à construção seguinte:

PRESENTE

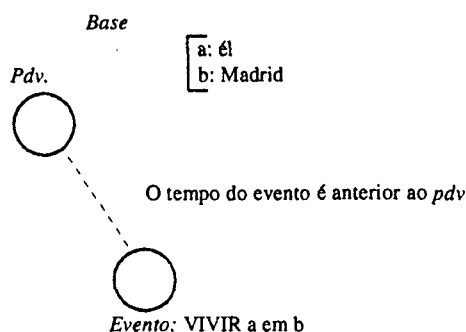


Figura 5.7: Configuração de acordo com Cutrer para o exemplo (5.7).

A característica aspectual do verbo *vivir*, que é um estado, permite interpretar *Él ha vivido en Madrid* também como: “Ele viveu e ainda vive nesta cidade”. Deste modo, a especificação de Cutrer de que o tempo de N é anterior ao *pdv* mostra-se insuficiente para a análise da construção em espanhol, pois, como vimos em (5.7), nesta língua o tempo de N pode estender-se até o *ptv*, que é o *presente* do falante.

Desta forma, propomos o acréscimo de mais um conceito ao esquema de Cutrer, adaptando-o ao *PRETÉRITO COMPUESTO (PC)*²³ do espanhol:

e)

O *PC*, ao ser aplicado a um espaço *evento* N indica que:

- N não está em *foco*
- a origem de N é o *pdv*
- o tempo de N é anterior ao *pdv*
- o tempo de N pode estender-se até o *pdv*, que é o *presente*

Assim, propomos a seguinte configuração para a construção *el ha vivido en Madrid*:

²³ Substituímos o termo *perfect* empregado por Cutrer para o inglês pelo termo em espanhol (*Pretérito Compuesto*), uma vez que, como observamos ao longo deste trabalho, no espanhol tanto o *PS* quanto o *PC* são considerados formas aspectualmente perfectivas — embora encontremos situações em que o termo *perfecto* mostra-se inadequado para o *PC*.

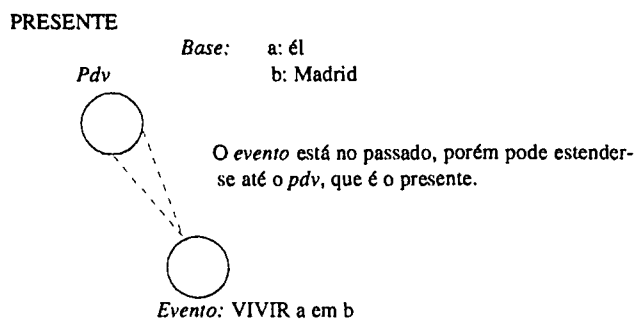


Figura 5.8: Caracterização de Cutrer adaptada ao espanhol.

A análise das relações temporais estabelecidas cognitivamente, proposta por Cutrer, nos forneceu o suporte conceitual utilizado para desenvolver as configurações dos exemplos (5.6) e (5.7). Deste modo, parece possível reunir as ferramentas elaboradas por Cutrer para representar as relações temporais e as configurações mentais propostas por Fauconnier, empregando-as na análise da oposição *PS/PC* do espanhol.

A partir do exposto até aqui, vejamos algumas configurações que teríamos se ao invés do verbo *vivir*, que se caracteriza aspectualmente como um estado, tivéssemos um verbo como *comprar*, que é um evento. No espanhol, a frase “Martín comprou um carro” pode ocorrer de duas formas:

(5.8) Martín compró un coche.

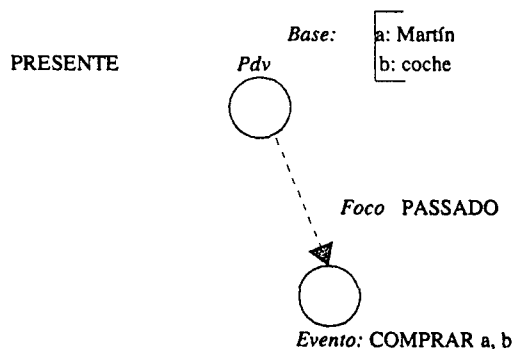


Figura 5.9: Configuração para o exemplo (5.8).

(5.9) Martín ha comprado un coche.

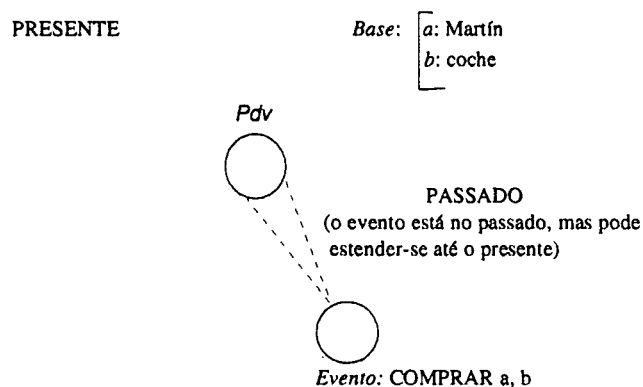


Figura 5.10: Representação do exemplo (5.9).

De acordo com a caracterização de Gutiérrez Araus (1997), o exemplo (5.9) poderia apresentar tanto o valor *enfático* quanto o valor *resultativo*, ou *pré-resultativo*, como o denomina Porto Dapena (1989). Entretanto, a interpretação precisa do significado pretendido pelo falante ao enunciar esta oração apenas seria possível se conhecêssemos o contexto no qual ela foi enunciada.

Sendo assim, imaginemos um contexto no qual Martín é um jovem trabalhador que consegue, por mérito próprio, comprar um carro. Certo dia, a mãe de Martín, orgulhosa do filho, conta para algumas amigas que *Martín ha comprado un coche*. O uso do PC, neste caso, revelaria o valor afetivo que a mãe atribui à conquista do filho.

Por outro lado, imaginemos o mesmo enunciado dito por uma vizinha, que, ao ver Martín chegando com o carro novo, vira-se para o marido, que está ao lado, e comenta: *Martín ha comprado un coche*. Supondo que tal vizinha não tem nenhuma relação afetiva com Martín, o uso do PC apresentaria um valor *resultativo*, ou seja, o carro é o resultado da compra de Martín. Como expusemos no capítulo 2, o valor *resultativo* apresenta como principal característica a ocorrência de uma mudança que pode ser concretamente observada.

Feitas as considerações acima, supomos que em (5.9) ao não se focalizar o espaço *evento* no passado, abre-se a possibilidade de que a relevância deste evento

estenda-se até o *pdv*, que é o momento da fala. Desta forma, podemos supor que a projeção de um evento do passado para o momento da fala (*pdv*) em (5.9) está relacionada à *relevância* que o falante atribui ao fato, ou ao resultado concreto deste fato, e não à continuação do evento no tempo, como é o caso do valor *continuativo* representado na figura 5.8. Por outro lado, na sentença

(5.10) Martín ha comprado coches.

temos o que Moreno-Torres (2000) denomina de aspecto quantificacional *habitual*, que apresenta um efeito *continuativo* (Martín tem comprado carros), isto é, Martín comprou e continua comprando carros. Esta interpretação torna a sentença uma *atividade*, diferente de (5.8) e (5.9) em que temos um *accomplishment*.²⁴ Para concluir, observamos que em (5.10) o SN no plural — *coches* — funciona como um quantificador que descreve o evento “comprar” como um hábito ou uma repetição, atribuindo, assim, o valor *continuativo* à construção.

5.5 Aplicação da Teoria dos Espaços Mentais à oposição *PS/PC*

Apresentados os principais conceitos que fundamentam a Teoria dos Espaços Mentais e observado a viabilidade de sua aplicação ao espanhol, passaremos à nossa proposta de análise.

Assim, retomando alguns exemplos aos quais atribuímos um caráter modal à oposição *PS/PC* e, na Teoria dos Espaços Mentais, propomos algumas representações para tais exemplos.

Ao aplicar a teoria aos dados, buscamos especificar, a partir da perspectiva cognitiva, as diferentes interpretações semânticas possibilitadas pelo contraste *PS/PC*

²⁴ Para maiores detalhes sobre os termos *atividade* e *accomplishment* ver a classificação aspectual proposta por Vendler (1967) e retomada em Dowty (1977) e Godoy (1992).

nos contextos interrogativos e/ou dubitativos. Desta forma, para representar o enunciado

(5.11) Yo me pondré en contacto con ella para conocer qué *ha pasado*,

propomos a seguinte configuração para as relações estabelecidas entre os diferentes espaços temporais:

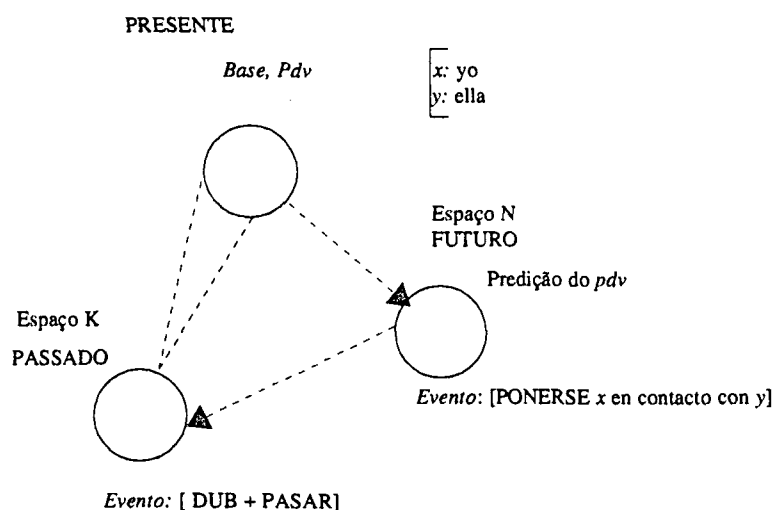


Figura 5.11: Configuração do exemplo (5.11).

Parafraseando a configuração acima, tem-se:

- o espaço *evento* do futuro é uma predição e sua origem é o *pdv*;
- a origem do espaço de passado K está no espaço de futuro N;
- o espaço de passado possui um espaço *evento* que não está em *foco*, o que permite que o evento deste espaço possa transitar entre o passado e o presente;
- o operador DUB substitui a construção *para conocer qué*, e sua combinação com *ha pasado*, como argumentamos na seção 4.5, reforça o sentido de dúvida da construção.

Na seqüência, apresentamos uma proposta de representação para o enunciado

- (5.12) Tiene diecinueve años, y como le dicen todo el tiempo que es lindo, que lo quieren, se viste resaltando sus cualidades físicas, con ropa que *tal vez le ha comprado o elegido Ana*, que viene detrás.

Tiene diecinueve años (...), se viste resaltando sus cualidades físicas con ropa que

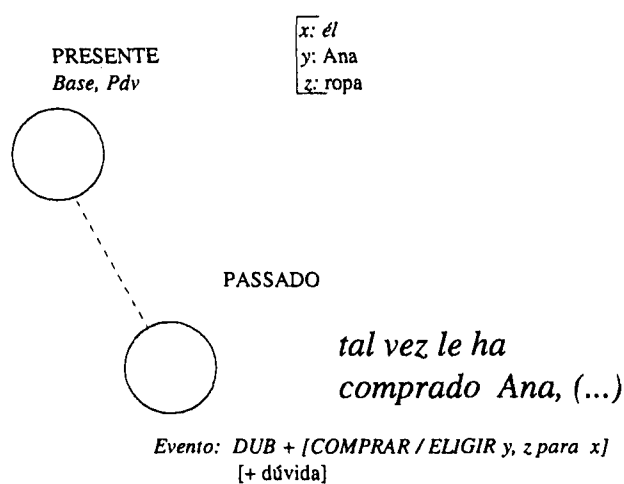


Figura 5.12: Representação do exemplo (5.12)

A paráfrase do esquema acima é:

- os espaços *base* e *pdv* estão no presente;
- o espaço *evento* de COMPRAR está no passado;
- o operador DUB substitui o indicador de dúvida *tal vez* e atua sobre o possível sujeito do evento COMPRAR, que é “Ana”, ou sobre o fato de Ana ter comprado ou apenas elegido a roupa.

O movimento entre o passado e o presente, no contexto anterior, não reflete a dúvida do falante sobre a realização do evento. Reflete antes, sua incerteza quanto a identidade do sujeito do evento COMPRAR ou, ainda, se Ana comprou ou apenas escolheu a roupa.

A aplicação da Teoria dos Espaços Mentais às construções anteriores teve como objetivo explicitar os mecanismos que possibilitam representar as diferentes configurações mentais que antecederiam a opção do falante pelo *PS* ou pelo *PC* naqueles contextos interrogativos que não permitem uma explicação pelo viés da aspectualidade.

5.5.1 Representações do valor modal nas construções interrogativas

Por fim, partir do exposto neste capítulo, passamos à representação das configurações mentais que estariam por trás da opção do falante pelo *PS* ou pelo *PC*, nas construções analisadas no capítulo 4 que, como argumentamos, não possuem marcadores que possibilitem uma explicação aspectual.

5.5.2 Interrogativa deliberativa

Passamos a propor uma representação para a construção interrogativa destacada no enunciado abaixo.

(5.13)

... A: ¿Qué cosas de la ciudad disfrutas tú o te beneficias de algo? ¿Cuáles son tus actividades y en qué te entretienes? B: ¿En qué me entretengo? Me gusta, por ejemplo, ir al cine. A: ¿Qué tipo de películas te gustan? B: A ver, ¿cuál es la última película que me ha gustado? Bueno, me gustan las con contenido social. A: ¿Te acuerdas de alguna? B: Por ejemplo, una que me ha impactado muchísimo es ¿cómo se llama? están Nicola y Bart. Nicola y Bart de, déjame pensar. A: ¿Dónde fue hecha esa película? B: En Estados Unidos. Hay A: ¿De qué se trataba? B: Es el como te digo, con contenido social. Se trata de dos italianos que llegan a Estados Unidos y se los complica en un caso de homicidio. Y a los dos se les sigue un proceso [...]. A: ¿El caso basado en en Sacco y Vanzetti? B: Exacto, Sacco y Vanzetti pues, Nicola y Bart, Sacco y Vanzetti, pues. Ya. No me acordaba, ¿ves? ... (RAE, Bolívia).

(5.13) a. *¿Cuál es la última película que me ha gustado?*

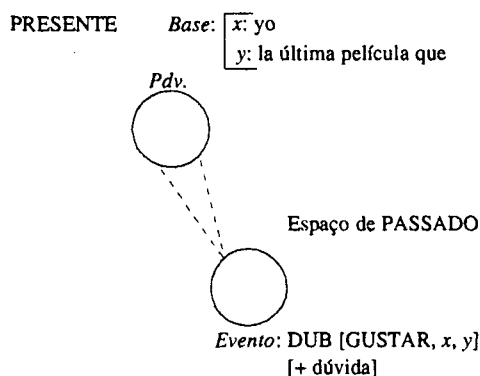


Figura 5.13: Representação para o valor modal do PC

A leitura da figura anterior é: os espaços *base* e *ponto de vista* estão no presente; o espaço evento de *gustar* está no passado e o operador DUB substitui a construção interrogativa *cuál es*.

Como argumentamos no capítulo anterior, esta construção interrogativa com o PC sugere que se trata de uma dúvida real do falante. Fato este que é reforçado por outros elementos do contexto lingüístico tais como as construções *¿cómo se llama?* e *No me acordaba* que confirmam que o falante, de fato, não se recorda do nome do último filme que ele gostou.

Assim, de acordo com a hipótese levantada neste trabalho, a opção do falante pelo PC revela uma dúvida real, uma vez que este tempo não possui um foco no passado e, por isso, permite que o evento ou propriedade referida por ele possa estender-se do passado até o presente, que é o momento da enunciação. A presença do verbo “ser” no presente reforça essa idéia de movimento do evento passado em direção ao presente, movimento este que refletiria a atitude de dúvida do falante.

Por outro lado, em

(5.13) b. *¿Cuál fue la última película que me gustó?*

ainda que com todos os outros elementos do contexto lingüístico que apontam para uma dúvida real (*¿cómo se llama? / No me acordaba*), o fato de os verbos *ser* e *gustar* estarem no *pretérito simple* indicaria um distanciamento da dúvida do falante. Assim, ao ser transferida para um ponto específico do passado, a dúvida acabaria sendo atenuada no momento da enunciação, fato este que, contrariando os indicadores de dúvida presentes no contexto lingüístico, revelaria um menor grau de dúvida do falante ao enunciar (5.13b).

5.5.3 A pergunta e as pressuposições

No enunciado abaixo, assim como em (1.13a), observa-se a presença do *PC* na construção interrogativa atrelada a uma dúvida real do falante. Porém, ao contrário daquela, nesta construção o falante dirige-se a outra pessoa:

(5.14)

A: ¿Y tu primera borrachera? B: Mi primera borrachera la tuvimos cuando estaba en el cuartel y el primer cigarro me lo fumé en el cuartel. Yo nunca fumaba ni tomaba, ésos son los compañeros de uno, lo enseñan a uno en el cuartel: tómate una cervecita, y me pusieron a hacer la vieja y me descubrieron. Me pusieron a hacer ranas: cien para arriba y cien para abajo, que lo, parece que levantarás pesas. A: ¿Y tú manejas? B: Manejaba, sí, moto, pero no pude por lo del choque fue con un autobús y no me dio miedo los autobuses, digo, los carros, y me dio miedo la moto. A: Bueno. ¿Y has estado enfermo? B: ¿Quién? A: Tú. B: No. Si hubiera estado enfermo no estuviera aquí sentado, chica. Estuviera en mi casa durmiendo ahorita, descansando, viendo televisión, enyesado, porque no es el primer motorizado que yo he visto que le ha pasado un carro por encima. A: ¿A ti? B: Chocado. No, a un motorizado, a otro, descabezado, una lástima eso. Y muchos que han dejado las motos, ahora se montan en metro (RAE, Venezuela).

Como apontamos no capítulo anterior, ao enunciar *¿Y has estado enfermo?* o falante não possui nenhuma evidência concreta de que seu interlocutor “esteve ferido”. Assim, sua pergunta com o *PC* indicaria a total ausência de suposições prévias quanto ao grau de gravidade dos ferimentos. Porém, tal pergunta nos revela a pressuposição

do falante A de que B teria sido a vítima do acidente. Dito isto, passamos a propor algumas configurações com o objetivo de representar a construção da pressuposição de A de que foi B quem sofreu o acidente:

A: *¿Y tú manejas?*

PRESENTE
Base, Pdv.

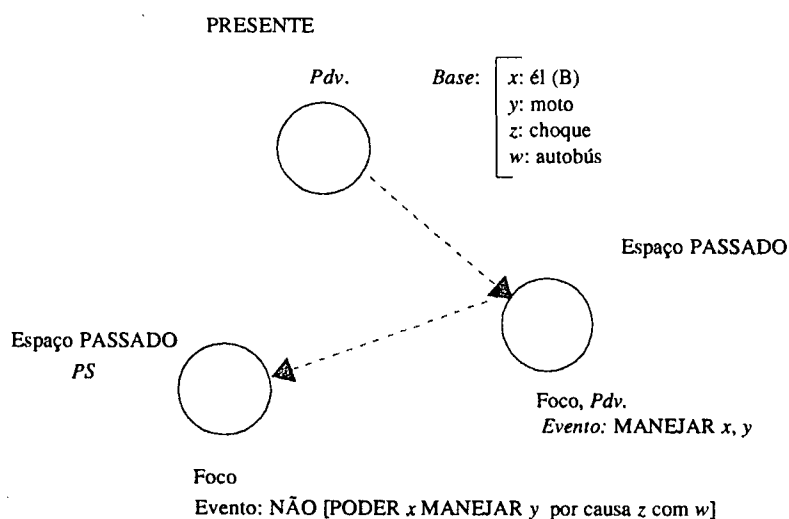


B: *Manejaba, sí, moto, pero no pude por lo del choque, fue con un autobús. No me dio miedo los autobuses, me dio miedo la moto.*

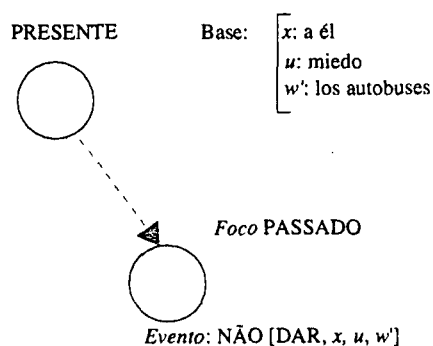
A partir desta declaração de B, A é levado a supor que

B manejaba moto, pero no pudo [seguir manejando moto] por lo del choque con un autobús,

o que resultaria na seguinte configuração:



No le dio (a B) miedo los autobuses,



le dio miedo la moto.

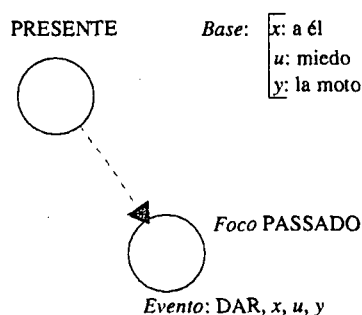


Figura 5.14: Propostas de representações para o exemplo 5.14.

A partir das relações entre os espaços apresentadas no esquema anterior, consideramos que, mentalmente, A pressupõe que B sofreu um acidente de trânsito. Desta forma, tem-se a seguinte construção subjacente:

Él (B) tuvo un choque.

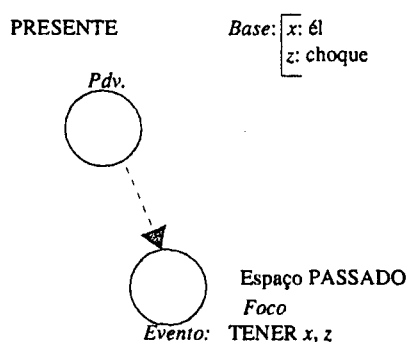


Figura 5.15: Representação da pressuposição.

É com base na suposição anterior, e na ausência de evidências físicas que lhe indiquem a gravidade do “choque”, que o falante A manifesta sua dúvida:

(5.14.1) *¿Y has estado enfermo?*

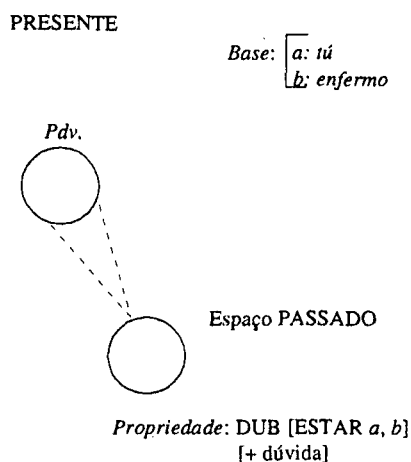


Figura 5.16: Representação para a construção interrogativa.

A resposta de B à pergunta de A acaba por destruir a suposição anterior que deu origem a tal pergunta. Ao responder com *Si hubiera estado enfermo no estuviera aquí sentado, chica [...] porque no es el primer motorizado que yo he visto que le ha pasado un carro por encima*, B não só revela que “não esteve enfermo/ferido” como também revela que a vítima foi uma terceira pessoa C.

De acordo com Fauconnier (1985), o condicional *si* funciona como um construtor de espaço que impõe contra-factualidade a algumas construções gramaticais. Sendo assim, consideramos que a construção *si hubiera estado enfermo* é contra-factual porque implica a construção “no he estado enfermo”.

Finalmente, em *no es el primer motorizado que yo he visto que le ha pasado un carro por encima*, B evidencia que não está falando de dele próprio, e sim de outra pessoa.

Em oposição ao exemplo (5.14), passamos a analisar a construção a seguir:

(5.15)

A: ... ¿Y cuál es la ópera que más te emociona? B: Bueno, eso es por etapas, creo yo, ¿no? A veces tú estás en una etapa así medio bueno, en mi opinión, ¿Realmente, la ópera que más me gusta objetivamente es un Ballo in maschera, de Verdi, ¿no?, que de la cual tengo casi todas las versiones salidas que salieron en disco, ¿no? Pero hay óperas que que depende mucho del estado de ánimo. Bueno, la la misma musicalidad, hay óperas mucho más, digamos, dramáticas, y más pesadas, que a lo mejor te gustan oír las cuando estás un poquito deprimido, etcétera, ¿no?, y obras mucho más alegres como el principio de La Traviata, por ejemplo, algo así que estás contento y te pones a bañar y metes el casete. Entonces depende mucho, pero realmente la que más me gusta es Ballo in maschera de Verdi. A: ¿Y supiste de la representación de Aída en Luxor? B: Si, por supuesto, inclusive tengo la mamá de un amigo que fue y le pedí que me trajera el programa, que no se olvidara de traerme el programita de Las Pirámides ... (RAE, Venezuela).

Como já argumentado no capítulo 4, a presença do *PS* na construção *¿Y supiste de la representación de Aída en Luxor?* indica a pressuposição do falante A de que seu interlocutor, o falante B, realmente estava a par da representação da renomada ópera *Aída*, uma vez que este mostra-se um profundo admirador e conhecedor deste gênero musical.

De acordo com o que viemos argumentando até aqui, esta atitude de maior certeza, ou de menor dúvida, que o falante A revela ao fazer a pergunta como o *PS* pode ser captada a partir das relações estabelecidas entre os construtores de espaço atrelados à temporalidade e ao aspecto. Assim, é possível representar a atitude modal do falante A em *¿Y supiste de la representación de Aída en Luxor?* da seguinte forma:

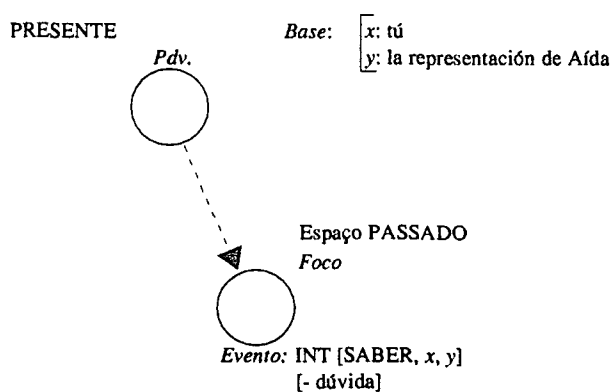


Figura 5.17: Representação modo-temporal.

Ao aplicar a teoria aos dados, buscamos especificar, a partir da perspectiva cognitiva, as diferentes interpretações semânticas possibilitadas pelo contraste *PS/PC* nos contextos interrogativos. A partir da análise das construções anteriores, verificamos que, muitas vezes, a oposição modal *PS/PC* surge da relação composicional entre estas formas verbais e diversos mecanismos lingüísticos capazes de indicar as atitudes de dúvida ou de certeza. Entretanto, como foi possível verificar, o contexto também desempenha um papel fundamental na opção do falante pelo *PS* ou pelo *PC*. A título de exemplificação, imaginemos os seguintes contextos:

- O falante A toma determinado livro emprestado do falante B e lhe garante que o devolverá tão logo possa comprar o seu próprio livro. Uma semana depois A vai à casa de B para devolver-lhe o livro. Diante desta situação é bastante provável que B, ao pressupor que A já comprou o livro, pergunte sobre tal compra utilizando a seguinte construção: *¿Compraste el libro?*

Ou

- O falante A toma determinado livro emprestado do falante B e lhe garante que o devolverá tão logo consiga comprar seu próprio livro. Seis meses depois, B encontra-se com A por acaso e depois algum tempo de conversa sem que A mencione o empréstimo, B não se contém mais e dispara a pergunta: *E você, comprou o livro?*

Neste último contexto, de acordo com nossa hipótese, em espanhol, provavelmente B faria a pergunta da seguinte forma: *Y tú, ¿has comprado el libro?* Isto porque a demora de A em devolver o livro não significa, necessariamente, que ele não tenha comprado seu livro. A pode ter esquecido de devolver o livro de B ou, até mesmo, pode ter perdido, e por isso não menciona o assunto. Diante de todas essas possibilidades, ao perguntar sobre a compra, A não apresenta nenhuma suposição prévia, o que indicaria sua total incerteza, tornando esta uma pergunta real.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma a resumir os aspectos discutidos ao longo deste trabalho, observamos que a oposição modal *PS/PC*, nos contextos especificados, pode ser determinada por indicadores gramaticais, léxicos ou ainda contextuais. Tal fato reforça nossa suposição inicial de que em determinados contextos lingüísticos e extra-lingüísticos, a opção do falante pelo *PC* indicaria uma atitude de incerteza. Sendo que tal incerteza pode estar relacionada não apenas à realização de determinado evento (*¿Has comprado el libro?*), pode também referir-se à determinação do sujeito (*¿A quién le ha tocado la lotería?*) ou ainda do objeto (*¿Qué ha comprado Martín?*). A Teoria dos Espaços Mentais, que sustenta nossa análise, revela a inexistência do espaço *foco* para o *PC*, uma vez que é este espaço que permite que vejamos um evento como concluído e o sujeito ou objeto como determinados.

Por outro lado, supomos que a opção pelo *PS*, nas construções interrogativas, está atrelada a uma construção mental anterior na qual tanto o espaço *foco* quanto o espaço *evento* situam-se em um espaço de tempo passado, considerado concluído. Tais operações seriam motivadas pela determinação, ainda que de forma suposta, do sujeito ou do objeto ou pela pressuposição do falante de que o evento, de fato, foi realizado. Neste caso, a interrogação estaria vinculada à aspectos retóricos, convertendo-se em um recurso discursivo, e não à uma dúvida real.

De qualquer forma, podemos concluir que a pressuposição do falante, gerada pelo contexto, desempenha um importante papel no contraste modal *PS/PC* daquelas construções interrogativas que não apresentam marcadores aspectuais.

Ao conseguirmos apontar os fatores semânticos e pragmáticos que atuam na opção do falante por uma ou outra forma verbal e as diferentes possibilidades de

interpretação, consideramos que atingimos o objetivo ao qual nos propusemos no início deste trabalho. Em um primeiro momento, apontamos a necessidade — do ponto de vista de quem estuda o espanhol como segunda língua — de compreender os fatores que determinam a opção do falante nativo pelo *PS* ou pelo *PC* naqueles contextos interrogativos que não permitem uma interpretação aspectual.

Desta forma, a hipótese levantada neste trabalho teve como objetivo verificar a possibilidade de uma interpretação modal para aqueles contextos interrogativos que escapam aos valores aspectuais tradicionalmente atribuídos a oposição *PS/PC* no espanhol da América. Fomos buscar nos estudos pragmáticos e semânticos o embasamento teórico que nos permitiu argumentar a favor do valor modal para tal oposição.

Consideramos que a principal contribuição deste trabalho aos estudos gramaticais da língua espanhola reside no fato de que este — apoiando-se nos conceitos de *modalidade* e *pressuposição* e na semântica cognitiva — se propõe a aprofundar um ponto até agora visto de forma genérica e superficial, quando não totalmente ignorado. Ao consultarmos materiais didáticos da língua espanhola, não é raro encontrarmos a oposição *PS/PC* em construções interrogativas descontextualizadas. Pode-se observar, ainda, que freqüentemente emprega-se o *PC* nas construções interrogativas que figuram como exemplo nestes materiais, pelo simples fato de serem interrogativas, sem qualquer explicação sobre seu valor, ou seus possíveis valores.

Como exposto ao longo deste trabalho, aqui na América, a oposição *PS/PC*, seja nas interrogativas ou não, normalmente está associada aos marcadores aspectuais. Verificamos que, quando a oposição *PS/PC* não está atrelada a esses marcadores aspectuais, são fatores pragmáticos e semânticos, tais como a pressuposição e a modalidade, que determinam a opção do falante por uma ou outra forma verbal.

Quanto às perspectivas para trabalhos futuros, apontamos a necessidade de

estudos que visem levantar dados quantitativos para regiões específicas e que possam verificar a aplicabilidade da hipótese levantada nesta análise para aquelas regiões que até o momento não possuem *corpus* significativo, como é o caso de Cuba.

Outro tema que carece de estudos mais aprofundados é a oposição *PS/PC* nos contextos negativos, sejam eles interrogativos ou não. E, para concluir, apontamos a necessidade de um estudo que possa verificar se a oposição modal se limita ao espanhol da América ou se pode ser encontrada também no espanhol peninsular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1994.
- ALLAN, Keith. **Natural language semantics**. Blackwell Publishers, 2001.
- BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana**. Madrid: EDAF, 1984 (16ª ed.).
- BUESO, Isabel et al. **Diferencias de usos gramaticales entre español peninsular y español de América**. Madrid: Edinumen, 1999.
- CARTAGENA, Nelson. Los tiempos compuestos. In: BOSQUE, I. (ed.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999.
- DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. Uma análise funcional da modalidade epistêmica. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 151-173, 1996.
- DIAS, Luzia Schalkoski. O pretérito perfecto compuesto no espanhol peninsular e no espanhol americano: a mesma semântica? In: **XVI CELLIP – anais**, Londrina, 2003.
- DIAS, Luzia Schalkoski. e GODOY, Elena. ¿Has hecho la lectura? o ¿Hiciste la lectura? In: **Congreso de Lingüística 2003**. La Habana, Cuba. Anais em CD-ROM.
- DOWTY, D. Toward a semantic analysis of verb-aspect and English imperfective progressive. **Linguistic and Philosophy**, 1, p. 45-77.
- ESCANDELL VIDAL, M. Victoria. Los enunciados interrogativos. Aspectos semánticos y pragmáticos. In: BOSQUE, I. y DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces, Aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge University Press, 1985.
- _____. **Mappings in thought and language**. Cambridge University Press, 1997.
- GABARDO, Tânia L. **Reflexões sobre tempo e aspecto nas línguas portuguesa e espanhola**. Dissertação (mestrado em Estudos Lingüísticos), UFPR, 2001.

GILI GAYA, Samuel. **Curso superior de sintaxe española**. 15^ª ed. Barcelona: Vox, 2000.

GODOY, E. **Aspectos do aspecto**. Tese de doutorado, UFPR, 1992.

GOMÉZ TORREGO, L. **Gramática didáctica del español**. Madrid: Ediciones SM, 2000.

GUTIÉRREZ Araus., María Luz. **Formas temporales del pasado en indicativo**. Madrid: Arco Libros, 1997 (2^a ed.).

_____. Caracterización de las funciones del pretérito perfecto en el español de América”. **II Congreso Internacional de la lengua española**. Valladolid, 2001.

Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/abref/congresos/valladolid>.

ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado. Volume II: Níveis de análise lingüística**. SP: Editora da UNICAMP, 2002.

KAMP, H. and REYLE, U.. **From discourse to logic**. Dordrecht: Kluwer, 1993.

MEJÍAS-BIKANDI, Errapel. Pragmatic presupposition and old information in the use of subjunctive mood in Spanish. **Hispania**, v. 82, p. 940-948, (ano?).

_____. Space accessibility mood in Spanish. In: FAUCONNIER, G. and SWEETSER. **Spaces, worlds, and grammar**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

MILANI, Esther Maria. **Gramática de espanhol para brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 1999.

MORENO DE ALBA, J. G. **El español en América**. 2^ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MORENO DE ALBAGLI, Nélica. El español hablado en Mendoza. Alternancia perfecto simple/perfecto compuesto. In: **Anales del Instituto de Lingüística**. Mendoza: Instituto de Lingüística, 1997.

MORENO-TORRES S., I. **La lógica en la gramática – el tiempo en español desde la teoría de representación del discurso**. Universidad de Málaga, 2000.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4^a ed. São Paulo: Ática, 2000.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. (org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2001

PIÑERO, P. G. **Perfecto simple y perfecto compuesto en la norma culta de Las Palmas de Gran Canaria**. Madrid: Iberoamericana, 2000.

PORTO DAPENA, J. A. **Tiempos y formas no personales del verbo**. Madrid: Arco Libros, 1989.

QUILIS, A. ; GUTIÉRREZ, M. L. ; ESGUEVA, M. Y RUIZ-VA, P. **Lengua española. Curso de acceso**. Madrid: Centro de Estudios Ramón Areces, 1989.

REYES, Graciela. **Ejercicios de pragmática**. Madrid: Arco Libros, 2000.

RIDRUEJO, E. Modo y modalidad. El modo en las subordinadas sustantivas. In: BOSQUE, I. (ed.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

ROJO, G. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE I. (ed.). **Tiempo y aspecto en español**. Madrid: Cátedra, 1990.

ROJO, G.; VEIGA, A. El tiempo verbal. Los tiempos simples. In: BOSQUE, I. (ed.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

SARDINHA, Tony Berber. Lingüística de córpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.**, Vol. 16, n. 2, 2000, p. 323-367.

SECO, Rafael. **Manual de gramática española**. Madrid: Aguilar, 1968.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão**. Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

YULE, George. **Pragmatics**. Oxford University Press, 1996.

VENDLER, Z. **Linguistics and Philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

Outros:

BANCO DE DADOS DA *REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE)*, disponível em
<http://www.rae.es>

ANEXO 1

EXEMPLOS DE BUSCA NO BANCO DE DATOS DA RAE

Este Edit View Go Bookmarks Tools Window Help

http://corpus.rae.es/creanet.html

Search Print

Home Bookmarks WebMail Radio People Yellow Pages Download Calendar Channels GNU Emacs FAQ

Nuestra versión de consulta del Banco de datos.

Consulta: has dist/1 e*ado

Criterios de selección:

Autor: P...	Obrar:
Cronológico: 1980 2003	Medio: (Todos) Libros Periódicos Revistas Miscelánea Cronológico
Temas: E2D7 - Propaganda. E2D8 - Otros. E2D9 - Radiofónico o televisivo. E1D1 - Noticias. E1D2 - Reportajes.	Geográfico: Perú Portugal Puerto Rico Rep. Dominicana Uruguay Venezuela

Buscar Limpiar

Consulta CORDE Ayuda

Real Academia Española 11:04

File Edit View Go Bookmarks Tools Window Help

Back http://corpus.rae.es/cgi-bin/crpsrvExdII Search Print

Home Bookmarks WebMail Radio People Yellow Pages Download Calendar Channels GNU Emacs FAQ

Párrafo nº 12.

ni nada, porque para el alcohol lo tenía loco. ¿Y tu primera borrachera? Mi primera borrachera la tuvimos cuando estaba en el cuartel y el primer cigarro me lo fumé en el cuartel. Yo nunca fumaba ni tomaba, ésos son los compañeros de uno, lo enseñan a uno en el cuartel: "tómate una cervecita", y me pusieron a hacer la vieja y me descubrieron. Me pusieron a hacer ranas: cien para arriba y cien para abajo, que lo parece que levantara pesas. ¿Y tú manejas? Manejaba, sí, moto, pero no pude por lo del choque fue con un autobús y no me dio miedo los autobuses, digo, los carros, y me dio miedo la moto. Bueno. ¿Y estado enfermo? ¿Quién? Tú. No. Si hubiera estado enfermo no estuviera aquí sentado, chica, estuviera en mi casa durmiendo ahorita, descansando, viendo televisión, enyesado, porque no es el primer motorizado que yo he visto que le ha pasado un carro por encima. ¿A ti? Chocado. No, a un motorizado, a otro, descabezado, a otro, lértimo eso. Y muchos que han dejado las motos, ahora se montan en el metro. ¿Y cómo conseguiste la moto? Bueno, comprada. Eso fue en el ochenta y qué?

AÑO: 1987
AUTOR: ORAL
TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 57
PAÍS: VENEZUELA
TEMA: 09.FORMALIDAD=baja, AUDIENCIA=interlocutor, CANAL=cara a cara

Párrafo nº 13.

apoyo económico sino el apoyo de la orientación. Cuando el amigo considera de que tu problema es su problema, cuando él agarra la bandera tuya para tratar de solucionar tus problemas, y cuando estás cometiendo un desacierto él trata de orientarte para que encamines de una vez esos pasos: ése es el amigo. Pero ¿cuándo sintió usted eso?, de Bueno, fíjete bien. De que haya un momento. Te lo estoy diciendo, desde los consejos, es decir, desde el consejo, cuando tu acudes al amigo para el consejo. Te lo vuelvo a decir, lo he visto desde muy pequeño, desde siempre. Siempre he contado o ha o han surgido momentos difíciles que encontrado a quien tú has acudido, que, bueno, o lo ha agarrado o muy olímpicamente el problema que tú estás contando, o te da un te da un consejo errático, pues, que él considera que es errado pero sin embargo te lo nunca se pone en el caso tuyo. ¿Que te diga cuándo lo sentí? No sé. Te digo, he creído siempre en la amistad y siempre he recurrido a mis amigos. Acuérdete que yo tengo una concepción de la amistad desde pequeño muy grande, para mí es lo más grande que pueda existir, y muy rico, muy millonario, muy poderoso, y. Claro, eso se ve que eso es la relación tan buena que tuvo con sus padres y con sus hermanos. Mis padres fueron para mí amigos, y la miseria es que uno de ellos se haya muerto cuando yo tenía apenas la edad de diez años. Que mi

AÑO: 1987
AUTOR: ORAL
TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 46
PAÍS: VENEZUELA
TEMA: 09.FORMALIDAD=baja, AUDIENCIA=interlocutor, CANAL=cara a cara

Párrafo nº 14.

él es muy rebelde así, no sé por qué, pero a la final le gustó. Que hasta a veces yo lo vengo a buscar y no se quiere ir y se quiere quedar jugando por ahí saltando, y está muy contento de venir para la escuela. ¿Y tú lo has visto que ha progresado, que ha cambiado? Bueno, sí, ahora, yo creo que ahora está más tremendo que antes, y habla así claro que él habla pero ahora se está expresando de una manera increíble que uno se queda loco. Si. Sí, por ejemplo, ¿qué hace? Bueno, que, por ejemplo, él le daba pena de hablar con uno pero ahora no, suelta las cosas así. ¿Y nunca te enfermado? No. Y la enfermedad a mí que me da a mí es el dolor de vientre, que eso es horrible. Cuántas veces cómo empieza eso, cómo es eso. Eso empieza claro, así con un malestar que uno no le da ganas de hacer nada. Entonces empieza el dolor, poco a poco, pero que cuando va pasando así las horas, empieza el dolor más fuerte y eso es horrible. Que yo me pongo hasta a llorar porque ése es un dolor horrible. Y tus amigas, ¿cómo son tus amigas? Bueno, son chéveres, la mi amiga es la novia de mi hermano, mi cuñada, que yo todo le

AÑO: 1987
AUTOR: ORAL

Done

Real Academia Española

File Edit View Go Bookmarks Tools Window Help

Back <http://corpus.rae.es/cgi-bin/crprvEX.dll> Search Print

Home Bookmarks WebMail Radio People Yellow Pages Download Calendar Channels GNU Emacs FAQ

Párrafo nº 4.

Educación. ¿Y tu mamá? Se dedica a la casa. Ajá. ¿Qué opinas de la situación política de ahora? ¿Te gusta la política o no mucho? Es gustarme no sé hasta qué punto, pero, sí, me interesa. ¿Y cuál es tu participación en política, o solamente pasiva? Pasiva. ¿Qué opinas tú de lo que está pasando ahora y qué anticipas que pase? Ay, es tan inestable la situación en este momento lo que más me molesta es que que los políticos en sí no tomen tan en serio a su pueblo, ¿no? Me molesta el hecho de que, por ejemplo, en una elección en las últimas elecciones... anado un frente que es la u-de-pe por una minoría. Porque en realidad es una minoría el treinta y dos por ciento, ¿no es cierto? Entonces, no son realmente elegidos por la mayoría. Y sin embargo, ellos sí se consideran así, elegidos por la mayoría. Entonces, no sé, es una cosa muy injusta, y no le hallo razón de ser. Protestan unos, protestan otros, dicen que ha habido fraude por un lado, fraude por el otro, pero, no sé. No están todavía deserrrollados, ¿no? Es una pena ver la situación ahora. Es difícil de saber lo que se viene, ¿no?, porque se dice que por las buenas o por las malas suben unos o suben otros, pero eso no es justo. Estamos tratando de llegar a una democratización y se ve que todavía el pueblo no tanto el pueblo como los políticos, no están preparados para esto. ¿Crees tú que en alguna época, alguna vez, van a

AÑO: 1992
 AUTOR: ORAL
 TÍTULO: L.P.A. Mujer de 25 años. Ama de casa (ha terminado un año de universidad)
 PAÍS: BOLIVIA
 TEMA: 09.FORMALIDAD=baja, AUDIENCIA=interlocutor, CANAL=cara a cara

Párrafo nº 5.

es de no ceder? Tal vez. Puede ser. Yo creo que sí. Porque les es muy difícil llegar a un acuerdo, ¿no? Si sí. ¿Tienes algún problema de salud? No, ninguno. ¿Ninguno? No, absolutamente. Te sientes muy bien. ¿Cuántas amigas tienes, y qué papel desempeñan en tu vida las amigas? Tengo muchas amigas, pero no puedo decirte que desempeñan un papel muy importante en mi vida. ¿No tienes no tienes alguna amiga muy íntima a quien le cuentes todo, o amiga? Nunca me... ¿usted tener una amiga muy íntima, a la que le cuente todo? ¿No tienes alguna otra persona a quien ¿quién es la persona que tú crees más cercana a ti? Yo creo que es Alberto. Alberto. Y aparte de Alberto, que existe una relación hasta cierto punto un poco distinta, ¿no tienes ninguna otra amistad o tu madre? A mi madre, sí. Con mi madre comparto muchas cosas. ¿No sientes ninguna distancia generacional? No, absolutamente. Mi madre considero que es una persona muy abierta, una persona que va muy con la época. ¿Tú sabes algo del movimiento feminista, de liberación femenina? Sí. ¿Y qué opinas al

AÑO: 1992
 AUTOR: ORAL
 TÍTULO: L.P.A. Mujer de 25 años. Ama de casa (ha terminado un año de universidad)
 PAÍS: BOLIVIA
 TEMA: 09.FORMALIDAD=baja, AUDIENCIA=interlocutor, CANAL=cara a cara

Párrafo nº 6.

no ha afectado, pero sin embargo, a mí me gusta más una ciudad chica. ¿O sea que La Paz está demasiado grande ahora? No, no es que está demasiado grande, pero, por ejemplo, esto de los edificios a mí no me convence mucho. Prefiero una ciudad como Cochabamba. En Cochabamba tú no encuentras edificios y tienes más áreas verdes. Me gusta más, es una ciudad con menos movimiento comercial, menos ¿cómo te puedo decir? menos ciudad, es más tranquila. ¿Qué cosas de la ciudad disfrutas tú o te benefician de algo? ¿Cuáles son tus actividades y en qué te entretienes? ¿En qué me entretengo? Me gusta, por ejemplo, ir al cine. ¿Qué tipo de películas te gustan? A ver, ¿cuál es la última película que me... ¿usted? Bueno, me gustan las con contenido social. ¿Te acuerdas de alguna? Por ejemplo, una que me ha impactado muchísimo es ¿cómo se llama? están Nicola y Bart. Nicola y Bart de dejarme pensar. ¿Dónde fue hecha esta película? En Estados Unidos. Hay ¿De qué se trataba? Es el como te digo, con contenido social. Se trata de dos italianos que llegan a Estados Unidos y se los complica en un caso de de homicidio. Y a los dos se les sigue un proceso de lo más injusto y al final se los condena porque se viene viene a ser esto este su caso se viene a convertir en

AÑO: 1992
 AUTOR: ORAL

Done

Real Academia Española

ANEXO 2

PARÁGRAFOS COM AS CONSTRUÇÕES ANALISADAS

COSTA RICA

Documento 1

(Parágrafo 1)

Sí, porque fijáte que es histórico eso. A la salida del Señoritas todo el liceo de Costa Rica apostado en las aceras. ¿Verdad que sí? Ahí se ven todavía la partida de vagabundos, ahí. Pierden los años por ir a ver las salidas del Señor. Sí, sí y ahora están ahora están todos aprovechados. Me da una risa porque hoy en la mañana estaba en la Caja del Seguro y dieron permisito para salir y cuando ya me venía, venía la turba del liceo con la turba del Señoritas, todo el mundo mezclado. Aprovechándose ahora del del decreto. Sí. Iban a tocarle la puerta ahí, a la directora del colegio, a ver qué iba a decidir. Mirá, y ahora, a propósito que estabas hablando de Panamá, **¿has viajado has viajado mucho?** Yo he viajado mucho a Panamá. Nada más. ¿Sí? Y me encantaría viajar mucho más, pero por circunstancias personales, por cuestiones de recursos económicos yo estoy organizando yo estoy organizándome una vida de solo. O sea, estoy viviendo solo. Y entonces eso eso demanda mucho gasto. Y esto no me permite a mí disponer para hacer viajes. Pero algún día Dios se va a acordar de mí, que me encanta viajar y me va a permitir ¿A dónde te gustaría ir? ¡, me encantaría cualquier país! Pero me yo tengo muchas ganas de conocer los Estados Unidos. Me encantan

(Parágrafo 2)

¿Sí? Y me encantaría viajar mucho más, pero por circunstancias personales, por cuestiones de recursos económicos yo estoy organizando yo estoy organizándome una vida de solo. O sea, estoy viviendo solo. Y entonces eso eso demanda mucho gasto. Y esto no me permite a mí disponer para hacer viajes. Pero algún día Dios se va a acordar de mí, que me encanta viajar y me va a permitir ¿A dónde te gustaría ir? ¡, me encantaría cualquier país! Pero me yo tengo muchas ganas de conocer los Estados Unidos. Me encantan los yo veo yo creo que yo viviría muy contento en los Estados Unidos. **¿Nunca has hecho el intento de irte?** Con una beca, con una He hecho el intento, claro. Incluso yo hablé con Luis Fernando, y él me apoyó en un permiso que me que me tuvieran que dar eventualmente, para una beca con el a-i-de. Pero yo sé, estas becas, imposible que me las fueran a dar, digamos, a mí. Porque la idea es que las personas sean de zonas rurales, o provenientes de zonas rurales. . Sí. Y, me imagino, de bajos recursos. Yo no sé, yo siento que este tipo de becas y de programas son como para amaestrar. Te marginan. Pero es que aun así. No, aun así, amaestran gente de la capital también.

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CR-1. Hombre de 30 años. Licenciado en Economía

Documento 2

no, ni mucho menos! Este yo tengo nada que tenga que ver con la filosofía, absolutamente, sino más bien somos muy prácticos, como decía hace un rato, un poco artesanales. Sin embargo, sí hay algo filosófico implícito. Por ejemplo, una reflexión sobre el hombre, que siempre yo la he visto en mi casa, los valores con respecto a la integridad de la persona. Esas cosas ya están implícitas ahí. Y vos creés que en las familias actuales esos valores **¿ha habido o no ha habido una pérdida de valores, una desvalorización**

más bien de los valores, entre comillas? Esa es una pregunta difícil, ¿verdad? ¿No se ve eso ahora? ¿De de la pérdida de valores? Sí. Sí, nosotros los tuvimos esa oportunidad que vos [Anterior]has[Siguiente] tenido de tener esos valores, modelos en la casa ¿los tienen los muchachillos ahora? Yo yo creo que habría que analizar un poco. Es delicada la pregunta y supongo que si querés, no la contestás. Si no importa, porque me interesa porque hay toda una problemática filosófica, con una problemática ética. Entonces, la ética a mí me interesa, las partes de . Y este A Eliam también le da la chocolatera, ¿verdad? Sí. Sí, sí, solo que a él le da un poco más fuerte . A mí, menos. Este

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CR-2. Hombre de 28 años. Licenciado en Filosofía

Documento 3

(Parágrafo 1)

ejemplo, todo esto que venden en el Museo de Artesanía, en en casas de artesanía. Sí sí sí sí. ¿O sea, en La Casona, por ejemplo? Sí, sí son es que depende. O sea, son cosas que también están al alcance de otro tipo de gente, que no le importan esas cosas. No le importan esas cosas y por ser valores mucho menores, ¿verdad? Ahora, por ejemplo en México, este la experiencia mía en México es que el paisaje no es arte. No sé. **¿Vos has tenido esa No. ¿No has hablado con ningún profesor tuyo de la escuela?** El paisaje no es considerado como arte. Para sacar una obra de arte ¿Pero por qué? No sé. Te lo digo porque yo como soy ignorante, para sacar una obra de arte hay que pedir un permiso especial, pero, si lo que traés en esa obra de arte es es un paisaje, no tenés que pedir ningún permiso. ¿qué es eso tan extraño? ¿Para aduanas y todo eso? . Sí. Sí que bueno son tan tan

(Parágrafo 2)

vino a la hora del almuerzo, me dice: "Adivináme cuántas te vendí". Le digo: "Yo no sé". "Todas", me dice. Claro, él se mueve, por eso mismo, porque se mueve en un ambiente donde sus clientes son gente que que adquieren esas cosas, pueden comprar una acuarela. Entonces le vendió dos a un muchacho, un compañero de él, de un hotel. Le vendió otra al socio de él, que tiene una oficina de arquitectura. Y otra no sé a quién. La cuestión es que me las vendió. La siguiente tanda se llevó y me vendió varias también. Y otras las guindó entonces le dije: "No, dejáte esas. Te las regalo para tu oficina", y guindó tres en la oficina. Y les encontró novio. Ahora está sin la pared vacía . **¿No has hecho ninguna exposición?** No, todavía no. Pensaba hacer una el año pasado, a finales, con los trabajos que tenía. Pero necesité trabajar más y no pude. O sea, para exponer hay que tener si uno va a exponer diez, hay que tener treinta para escoger diez y las desgraciadamente la limitación que tengo pues es tiempo. Entonces este tengo miedo. A veces digo: "¿Cuándo iré a exponer?" Y como que se me puede hacer largo el asunto. Sin embargo, este año, forzosamente tengo que exponer, no individual, pero es Es colectiva. Es colectiva, pero es la de graduación. La de la escuela. Sí, si Dios me lo

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CR-4. Mujer de 30 años. Estudiante de licenciatura en Artes con especialidad en Pintura.

Documento 4

a las personas no les gusta. Quieren encontrar algo de más fuerza a veces. Este líder que buscan los grupos en la actualidad es un líder con autoridad, con una autoridad conferida por el grupo pero también marcada por las imposiciones legales del puesto que se ocupa y por lo que los demás esperan de uno. Y, si alguien quiere mantenerse como líder, debe interpretar muy bien al grupo y debe satisfacer en mucho sus exigencias. De manera que entonces yo tuve que dejar aparte mis exigencias personales para satisfacer

exigencias de grupo y eso fue para mí muy difícil. Ya lo logré. Ya llegué a una madurez en que lo logré. Pero me costó mucho al principio, por la espontaneidad que yo tuve durante muchos años en mi manera de ser y que luego he tenido que cuidar con mi condición de director de una institución educativa. Eso implica un cambio de personalidad, un reajuste, ¿verdad? **¿Y alguna vez has estado o has presenciado un accidente?** Sí. Este dos veces recuerdo. Una, un accidente que fue una conflagración, un un siniestro, un incendio, y lo presencié muy cerca. Fue de grandes proporciones. Fue en barrio Keith, donde un compañero mío y yo estudiábamos y Eso era hacia el sur, ¿no? Eso estaba este de la iglesia Los Ángeles, como buscando unos ochocientos metros hacia el sur de la iglesia Los Ángeles, ¿verdad? También por el Ferrocarril Eléctrico al Pacífico, por donde queda la entrada al patio del andén, por ahí, por donde estaba Teletica Canal siete. Ya, ya. Hacia el sur, toda esa zona

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CR-6. Hombre de 46 años. Profesor universitario de Física y Matemáticas

Documento 5

(Parágrafo 1)

consideran malo. O, digamos, si una hija o un hijo tiene que salir de la casa y llegar tarde, pues no regañarlo por eso. Tener el respeto es la confianza se manifiesta mucho en tener la debida confianza, en la confianza que uno les ha depositado, en la educación que les ha dado. Y respeto inclusive si en la vida llegan a tener algún desliz. Y llamar desliz en nuestro medio realmente todo tiene relación con con el sexo, ¿verdad? Yo creo que si una hija mía, pues resultara embarazada extramatrimonialmente, lejos de expulsarla, hacer como hacen muchas familias, más bien acogerla y darle cariño y la comprensión para que el problema no se agrande. Respeto también significa, pues, darles la mejor educación posible para que ellos actúen libremente en la vida. ¿Cómo se comporta un niño sin respeto? Yo creo que no [Anterior]has [Siguiete] tenido esa experiencia, pero como educador Un niño sin respeto se comporta también sin respeto. El profesor que no respeta al alumno no será respetado también por el alumno. **¿Alguna vez le han faltado al respeto?** ¿Mis hijos a mí o No, alguna persona Bueno, es que eso es tan relativo, ¿verdad?, que uno le pueden faltar al respeto, pero si uno lo considera y no le hace caso a eso, ¿verdad?, lo olvida inmediatamente. Eso es muy relativo. ¿Qué es el respeto, verdad? Para eso uno tendría que tener ciertos patrones fundamentados y proceder en la vida con

(Parágrafo 2)

¿verdad?, del tico, ¿verdad? Puede ser eso. Porque algunos consideran que es que cada uno está en lo suyo. Sí. Cada estudiante sabe que vino aquí a estudiar, que le interesa una carrera y tiene que ser muy concretos. Veamos ahora esta este conato de huelga que hubo. En nada en nada paró. En nada paró. Que según ellos defendían causas muy nobles. Era un asunto económico muy serio. Sí, sí, pero aquí también las cosas se arreglan a veces en las mesas de discusión, y etcétera, ¿verdad? Sí, apatía o madurez, sí. Quién sabe, ¿verdad? **¿Alguna vez has estado o has visto un accidente?** ¿De tránsito? De lo que sea. Puede ser de tránsito. Puede ser alguien que cayó o Sí, yo recuerdo una vez cuando yo vi re el propio día que yo llegué a Heidelberg a estudiar, me hospedé en un colegio que se llamaba el Collegium Academicum y recuerdo que a mi cuarto yo le di posada en mi cuarto, esa noche, la noche siguiente, a un muchacho árabe marroquí, ¿verdad?, este que llegó ahí, me estuvo contando algunas cosas. Supe con el tiempo que no tenía nada de dinero. Me acuerdo que de vez en cuando le presté a algunos tiquetes para ir a almorzar al comedor estudiantil. Poco a poco al estudiante lo lo

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CR-7. Hombre de 50 años. Profesor universitario

Documento 6

caso mío entonces sí le sirve. Todo el tiempo le serviría la universidad. Entonces Además de terapia, ¿verdad? Sí. Porque a uno le sirve de terapia. Es es cierto. El mismo contacto con los estudiantes Eso como que a uno lo rejuvenece un poco, ¿verdad? Uno se siente bien, ¿no? Y además de que yo pienso que el pensionado que se retire totalmente de la actividad se enferma. De manera que yo Bueno, pero podría dedicarse a viajar. **¿No ha viajado? ¿No se ha aprovechado en este tiempo de viajar, de ir a conocer las Europas?** Bueno, pero es que usted sabe que que que hoy día viajar es es caro y entonces, aunque la pensión no es una gran cosa, pero ¿No ha viajado antes? Sí, viajé antes. Pero pero no tanto, un mes, quince días. Pero realmente así como como que a uno le sobra, cuando viene la cuestión de los nietos, que ya prácticamente son como como otra segunda Otra segunda generación de hijos.

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CR-11. Hombre de 64 años. Licenciado en Economía

Documento 7

por barrio Los Ángeles, ahí fue la primera y luego pasé a barrio Los Ángeles. Y ahí bueno, fui testigo de un incendio, y luego, siendo inspector de la Caja de Seguro y viajando, este nosotros teníamos un un una serie de visitas en la que nos daban chofer, en un vehículo de la Caja. Un niño salió por detrás de un autobús y lo atropelló otro vehículo. Entonces estaba en el suelo con su cráneo abierto. Entonces yo lo recogí y me lo llevé para el Hospital de Niños. El niño iba chorreando sangre. Al final los dos nos despertamos en el hospital, porque yo me descompuse también de llevarlo en ahí mismo. Sí, era un un una situación muy fea porque él estaba perdiendo demasiada sangre. Por cierto, se salvó. Pero sí, esos dos accidentes los recuerdo muy claro. **¿Alguna vez has estado en peligro de muerte?** Sí. **¿Y qué pasó?** Hace veintiún días estuve en peligro de muerte. Visité a una compañera mía, una arquitecta, que es la coordinadora de la carrera de Arquitectura del colegio San Agustín de la Universidad Autónoma de Centroamérica. ¿Aquella rumana, no? Exactamente, esa compañera. Resulta que estaba muy mal porque de un embarazo ectópico. Tuvieron que operarla y esa operación es muy grosera. Y entonces fui a visitarla. No me sentía yo muy bien porque estaba pasando una de esas gripes que nos han heredado los extranjeros, ya no son las gripes de antes, no gripes de tres días, sino gripes de tres meses y difícil que me pase. Y en el momento de la visita no me sentía muy bien.

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CR-6. Hombre de 46 años. Profesor universitario de Física y Matemáticas

PERU**Documento 1**

de este siglo diecinueve y el siglo veinte con la integración de América dentro del contexto mundial. ¿Qué cursos dictas actualmente? Actualmente dicto cursos de Historia Universal y de Historia del Perú. De Historia Universal en la Universidad N.N. en de los dos cursos que se dan en general en los ciclos de preespecialidad o lo que sería también estudios generales, que dividen la historia en dos cursos: el primero, que abarca la antigüedad hasta en la época medieval, y el segundo, que comienza presentando el tránsito del tiempo medieval a los tiempos modernos y que trata de llegar hasta el siglo veinte, aunque en la mayoría de los casos esto es imposible. **¿Y en la Universidad N.N. qué cursos has dictado?** En la Universidad N.N. he dictado cursos de Historia de América, de Historia del Perú y de Historia Universal. He dictado de Historia del Perú cursos de emancipación, luego cursos de emancipación y república, y un año en estudios generales de Ciencias Administrativas llegué a dictar también un curso general de Historia

del Perú que iba desde la época prehispánica hasta los tiempos actuales. Luego, de Historia de América el curso que habitualmente he dictado es el que comprende justamente siglo diecinueve, siglo veinte, y de Historia Universal también empecé a dictar el primer curso con un contenido semejante al de la Universidad Femenina, que empieza

AÑO: 1980

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LI-9. Mujer de 40 años. Historiadora

Documento 2

está al último, pero la novela en sí misma no no convence, en realidad. **¿Y has leído la de Goldemberg?** No. Y de otras literaturas, ¿te interesa algo especialmente? O sea, he leído mu he leído de otras literaturas, ¿no?, de literatura italiana o española, pero no no tengo un interés así en especial por ese tipo de literatura. **¿Qué lenguas conoces?** El español y el italiano. El italiano lo hablas y lo escribes. Lo hablo y lo escribo, aunque ya no con tanta fluidez como antes. **¿Por qué lo has dejado?** Porque ya no lo practico. Deberías leer un poco de italiano. Sí, eso trato de hacer a veces, cuando puedo o consigo alguna revista o texto en italiano. **¿Tus padres viven?** Mi madre vive, mi padre, no, es fallecido. **¿Qué edad tiene tu madre?** Cuarenta y siete años. **¿Ella se dedica a algo especial, alguna ocupación, trabaja?** No, no tiene una ocupación especial, simplemente su casa. No, no tiene trabajo fuera de ella. **¿Le gusta la lectura, las actividades culturales?** No.

AÑO: 1980

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LI-4. Mujer de 26 años. Profesora de Literatura

Documento 3

conociendo España, de viernes en la noche, que dormíamos sentados en el tren, tren de segunda, de estudiantes en esa época, y regresábamos el domingo en la tarde, para el lunes a las ocho de la mañana estar en clase. **¿Qué cursos llevabas?** Un curso que se llamaba Ciencias aplicadas a la educación, en lo cual había de todo, inclusive audiovisuales, una serie de mi profesión es educadora, pero después he entrado en medios de comunicación, o sea, lo que estudié en la Universidad de Columbia fue televisión educativa. O sea, voy a caballo entre dos profesiones: el de comunicaciones y el de educación. Y dime, **¿en qué colegio has estudiado?** Estudié en el N.N., en San Isidro, en Lima toda toda desde prime desde primero de primaria hasta quinto año de media. **¿Qué recuerdos guardas del colegio de la vida del colegio?** Del colegio de salida, del colegio, de arranque, el primer día fue aterrador para mí el ingresar a clase y que todo se hablaba en alemán. Yo entré de frente a primero de primaria porque en esa época no era muy frecuente que todos asistiéramos a lo que se llamaba el kindergarten, inclusive ni siquiera a la llamada transición o preparatoria, y como yo había aprendido a leer, escribir, sumar y restar en mi casa con mi abuela,

AÑO: 1980

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LI-8. Mujer de 39 años. Educadora especialista en Teleducación

Documento 4

(Parágrafo 1)

realidad se llama San Antonio, pero es de los franciscanos. Sí. Por eso le dicen San Francisco. Y la iglesia de Belén, ¿no la recuerdas? La de Santa Apolonia, la del cerrito. No, no, la de Belén. **¿Cuál es la de Belén?** Es una fantástica que tiene además una serie de claustros, hospitales. No, eso no me enseñaron. Es lo mejor de Cajamarca. Sí, bueno, eso no me enseñaron. **¿y qué otro sitio has estado por ahí?** Cajamarca bueno,

estuve en un fundo en la Perla, que es era de la mamá de mi cuñado. Con la reforma agraria le afectaron y realmente perdió todo el fundo fue lo único que conocí no he vuelto. Me falta conocer el otro fundo, de mi hermana, ¿no? O sea, tienen casa en Cajamarca pero tienen casa también en el fundo, un ranchito, que eso sí no lo conozco. ¿Dónde queda el fundo, cerca a la ciudad? No, queda a varias horas. ¿Hacia dónde? ,No sé, a mí me llevan. ¿No recuerdas hacia qué pueblo o hacia qué ciudad queda? No, ¿hacia dónde era?

(Parágrafo 2)

Bonitas cosas había ahí. Bonitas cosas, sí. El cementerio fue lo que me gustó. Muy lindo. Parecía una gran torta, su su gran Cristo así. Huaraz, y después conozco Huancayo dos veces, tres veces. ¿Y el valle del Mantaro no te gusta? Sí, toda la zona de Huancayo. Concepción, Concepción, Chupaca Ocopa, estuve hospedada en Ocopa. Pero más te gusta el valle de Cajamarca. Su campiña es más bonita, la campiña es más bonita. **¿Y en otras ciudades, has estado en el sur?** En el sur no conozco más que Ica, después nada más pues Ica, Chincha Pisco, toda esa zona hacia el sur. Después conozco, , Huánuco, Tingo María Debe ser interesante esa zona. , sí, Tingo María es hermosa realmente. **¿Y fuera del Perú has viajado?** No, nunca. ¿No te animas? O sea, no me ha entusiasmado nunca viajar, he preferido viajar dentro del país. Inclusive tuve oportunidad o sea, de quererme ir a a Centroamérica, que me gustaría conocer, pero preferí comprarme un automóvil y viajar por acá,

AÑO: 1980

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LI-3. Mujer de 25 años. Sicóloga industrial

Documento 5

(Parágrafo 1)

¿en este momento dónde vives? Digamos en qué barrio, qué zona. En San Isidro. Siempre has vivido ahí o ¿adónde? No. He he tenido diferentes sitios, he vivido, por ejemplo, en Lima, en pasaje Iclán. Claro. Después en casas militares de en la N.N. Después en Pueblo Libre. **¿En qué otro sitio he vivido?** En Lince, en Barranco, y Ya. ahora en San Isidro. Y de todos los digamos, este **¿cuál te ha gustado más o has encontrado más ambiente, mejores amigos, qué sé yo?** Bueno en normalmente, en los en los barrios que yo vivía, o sea, no trataba de buscar amigos. Yo tenía un grupo, ¿no?, y pero el mejor sitio se podría decir que ha sido, este, Barranco, que es penúltimo lugar, donde vivían buenos amigos, o sea que no son amistades que se crean en ese momento, sino que ya uno las tiene de varios años atrás, ¿no? Ya. O sea que tú, al decirme que has tenido grupos o amigos independientemente del barrio y Del colegio. Ya. O sea, básicamente **¿han sido del colegio?** Colegio, universidad.

(Parágrafo 2)

ambiente, mejores amigos, qué sé yo? Bueno en normalmente, en los en los barrios que yo vivía, o sea, no trataba de buscar amigos. Yo tenía un grupo, ¿no?, y pero el mejor sitio se podría decir que ha sido, este, Barranco, que es penúltimo lugar, donde vivían buenos amigos, o sea que no son amistades que se crean en ese momento, sino que ya uno las tiene de varios años atrás, ¿no? Ya. O sea que tú, al decirme que has tenido grupos o amigos independientemente del barrio y Del colegio. Ya. O sea, básicamente **¿han sido del colegio?** Colegio, universidad. **¿En qué colegio has estudiado?** En el Inmaculada, con los jesuitas. Después este en la Universidad N.N. Y también allí he tenido bastantes amigos. Y, bueno, después de trabajo, ¿no? Y diferentes amigos que se van creando pues, ¿no?, en los círculos que uno va parando, ¿no? Pero básicamente del barrio, o sea, lo del barrio es hasta cierta edad no más, ¿no? Claro. Después, ya uno no para tanto en las esquinas, en las bodegas, ¿no?, sino Claro. Y digamos, tú has entrado a la universidad **¿en qué año?** Salí del colegio y entré a la universidad al año siguiente. Sesenta y ocho he entrado. Y he

(Parágrafo 3)

colegio. Ya. O sea, básicamente ¿han sido del colegio? Colegio, universidad. ¿En qué colegio has estudiado? En el Inmaculada, con los jesuitas. Después este en la Universidad N.N. Y también allí he tenido bastantes amigos. Y, bueno, después de trabajo, ¿no? Y diferentes amigos que se van creando pues, ¿no?, en los círculos que uno va parando, ¿no? Pero básicamente del barrio, o sea, lo del barrio es hasta cierta edad no más, ¿no? Claro. Después, ya uno no para tanto en las esquinas, en las bodegas, ¿no?, sino Claro. Y digamos, tú [Anterior]has[Siguiente] entrado a la universidad ¿en qué año? Salí del colegio y entré a la universidad al año siguiente. Sesenta y ocho he entrado. Y he salido en el setenta y tres esta demora, porque la carrera se dura cinco años, se debe a recesos. Hubo un receso como de un año. Ya. Y perjudica pues al alumnado, ¿no? ¿En qué universidad? N.N. ¿En la nacional? Nacional N.N, sí. Ya, y **¿qué has seguido?** ¿qué especialidad?

AÑO: 1980

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LI-2. Hombre de 26 años. Ingeniero industrial

Documento 6

en la moto. Y me di cuenta de que es mucho más pesado para el copiloto es mucho más pesado. ¿Debe llegar uno con la espalda totalmente totalmente adolorida, no? Efectivamente, la espalda y allí donde la espalda también cambia de nombre. Sobre todo, eso. y ¿qué cosa es lo que más te gusta del Perú? Del Perú pero ¿en qué aspecto? Geográfico. Geográfico, yo diría que la sierra. La sierra es lo que más me gusta. **¿En qué sitios has estado en la sierra, aparte de Tarma?** Aparte de Tarma, he estado en Huaraz, en toda la sierra sierra norte, en realidad. He estado en Huancayo, he ido a Arequipa, si es que en realidad es sierra, creo que no le gusta mucho a los arequipeños. Pienso también que la he estado en la sierra de Cajamarca. ¿En qué sitios de la sierra de Cajamarca? En realidad, no recuerdo el nombre, he he entrado por Cajamarca. **¿Has estado en la misma ciudad de Cajamarca?** Sí, he estado en la ciudad de Cajamarca. Pero he ido a un pueblito,

AÑO: 1980

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LI-1. Hombre de 29 años. Administrador de empresas

BOLÍVIA

Documento 1

¿Qué estudias, Juanito? Estoy en la carrera de Historia en la Universidad de San Andrés. Y cuéntame, ¿cuáles son tus experiencias? **¿Cuánto tiempo has estado ahí?** Bueno, estudiando, ya te digo, tres años y en los cuales me he dedicado parte al estudio, a la formación teórica y en parte también a la investigación. Estoy en un proyecto de la carrera trabajando eventualmente, se puede decir. Es un proyecto sobre correspondencia diplomática mantenida entre la delegación boliviana en Chile y la cancillería de Bolivia. ¿Te gusta el trabajo de investigación? Sí, bastante. Es el futuro que veo para mi vida. ¿Qué vas a hacer? ¿Qué futuro ves en una carrera de historiador? ¿Vas a ser historiador e investigador? Sí. De historia, y ¿qué campo quieres, qué futuro tiene económicamente?

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LP-1. Hombre de 25 años. Estudiante universitario

Documento 2

(Parágrafo 1)

la Radio Y, yo metí una patita en B., y comencé lógicamente con esto. Y, en fin, ella viajó y dijo: "Bueno, Rosa se queda acá". Les dije: "Bueno, no me interesa esto". Entonces me pasaron a la redacción, pero no quisieron que me fuera, porque estaba en la redacción, y estuve un buen tiempo en las dos cosas. Y luego me quedé solamente en B., ¿no? Y acá estoy hace seis años. He tenido el área económica también en B., luego las de internacional, toda la cobertura del problema marítimo. He estado como enviada a Perú y Chile. Y de ahí puedo decirte creo que me fue bien. Tuve éxito en la cobertura del problema internacional. Fue un problema muy especial, muy difícil para Bolivia, ¿no? Entonces, me pasaron a la página editorial. Y en todo este tiempo, **¿tú no has tenido, digamos, no has sentido ninguna resistencia por tu por el hecho de que eras mujer?** Mirá, en el área económica, cuando empecé a trabajar en el área económica, que era seguramente algo nuevo que una mujer había mujeres periodistas, pero estaban en campos así tradicionales. Más sociales. más sociales. Entonces, el hecho que una mujer entrara, yo te puedo decir que sí. Inclusive me lo dijeron. Yo me acuerdo una vez, el presidente del Banco Central después que hablamos le hice un cuestionario, le hice una entrevista y me dijo: "Mire, señora, permíname que le diga, pero nunca pensé que usted me podría hacer preguntas tan inteligentes". Le dije: "Pero, ¿por qué?", dijo,

(Parágrafo 2)

tenido a su comienzo no no tengo para qué hacerme problema, porque yo tengo, escribo para otro lado, pero no deja de de Fastidiar un poco. fastidiarme, ¿no?, el hecho que que no está completa la cosa, y, creo que tienes razón, tiene un poco que ver con el tipo de trabajo que se hace, tiene que ver con el tipo de trabajo. Claro, porque yo opino que como es la responsabilidad, es la postura del periódico. Entonces, el director no lo va a confiar a nadie. Claro. Te iba a preguntar sobre salarios. **¿Tú has notado alguna diferencia?** ¿Hay diferencia de salarios por ser tú mujer? No, no, casi no casi no. Yo te voy a decir, inclusive, que que aquella actitud que yo tomé, la tomé también en función de eso, ¿no? Yo dije, bueno, posiblemente si no hubiera tenido esa sensibilidad de mujer, de decir: "¡Caramba! Estoy haciendo dos trabajos por uno". O sea, yo pensé: "A igual salario, igual trabajo". ¿No es cierto? Y planteé eso y me planteé a mí misma ese principio, ¿no es cierto? Tal vez lo hubiera seguido haciendo porque en realidad era mucho más interesante el trabajo así combinado, como te digo, ¿no?, combinado; o sea, hacía reportaje y hacía a la vez esta otra cosa, ¿no? Pero no creo que en sí porque seas mujer,

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LP-3. Mujer de 34 años. Periodista

Documento 3

(Parágrafo 1)

algo de la experiencia de tener tu hijo, puede ser desde el principio hasta ahora. El principio ha sido muy interesante porque he ansiado tener un hijo y en realidad lo he esperado tres años. Después de tres años de matrimonio, recién he podido tenerlo, y yo creo que esto ha influido mucho en la educación que le he dado porque es un niño hasta cierto punto, yo me doy cuenta que es muy sobreprotegido por la ¿cómo te puedo decir? por el ansia que sentíamos Alberto y yo de tenerlo. Después ya puedo decirte que la enorme responsabilidad que sentimos los dos de tener una vida en nuestras manos, es muy importante, y siendo Alberto ingeniero, a veces nos controlamos un montón de variables que no debería ser. Es hermoso, para nosotros, tenerlo a él. **¿Qué hacías antes de tener al bebe, esos tres años que has estado casada?** He estado en el teatro. Tomaba clases de arte dramático. ¿Y no te ha fastidiado dejar? No, en absoluto. Como te digo, él ha sido muy esperado. Sentía ansias de tenerlo. ¿Qué hacías en el teatro hasta ¿estudiabas? A ver, cuéntame. ¿Eso es un campo exclusivamente nuevo en La Paz? Es relativamente nuevo. Todo lo que sepas sobre teatro El problema, el principal problema que tiene en estos momentos el

teatro para no desarrollarse totalmente es que la gente dedicada a esto está muy mal vista. Porque el bohemio aquí en La Paz es mal visto, es ...

(Parágrafo 2)

o flores. **¿Tú crees que ha cambiado la ciudad de La Paz?** Sí, ha cambiado muchísimo, ahora en realidad la ciudad de La Paz antes tenía casas que, te puedo decir, de tres pisos máximo. Ahora hay cualquier cantidad de edificios en el centro. **¿De cuántos pisos?** Diecisiete, de dieciocho, veinte, treinta y dos pisos, etcétera. **¿Cuál es el edificio más alto?** En este momento, el Alameda. **¿Cuántos pisos tiene?** No sé exactamente cuántos, pero ese sí es el más alto. Y en tu forma de vivir, **¿ha afectado el cambio de la ciudad?** No, no ha afectado, pero sin embargo, a mí me gusta más una ciudad chica. **¿O sea que La Paz está demasiado grande ahora?** No, no es que está demasiado grande, pero, por ejemplo, esto de los edificios a mí no me convence mucho. Prefiero una ciudad como Cochabamba. En Cochabamba tú no encuentras edificios y tienes más áreas verdes. Me gusta más, es una ciudad con menos movimiento comercial, menos **¿cómo te puedo decir?** menos ciudad, es más tranquila. **¿Qué cosas de la ciudad disfrutas tú o te beneficias de algo?** **¿Cuáles son tus actividades y en qué te entretienes?** **¿En qué me entretengo?** Me gusta, por ejemplo, ir al cine. **¿Qué tipo de películas te gustan?** A ver, **¿cuál es la última película que me ha gustado?** Bueno, me gustan las con contenido social. **¿Te acuerdas de alguna?** Por ejemplo, una que me ha impactado muchísimo es **¿cómo se llama?** Están Nicola y Bart. Nicola y Bart de dejáme pensar. **¿Dónde fue hecha esta película?** En Estados Unidos. Hay **¿De qué se trataba?** Es el como te digo, con contenido social. SE trata de dos italianos que llegan a Estados Unidos y se los complica en un caso de de homicidio. Y a los dos se les sigue un proceso de lo más injusto y al final se los condenan porque se viene viene a ser esto este su caso se viene a convertir en problema político, **¿te das cuenta?** Entoces, se ve ahí la injusticia. **¿El caso basado en Sacco y Vanzetti?** Exato. Sacco y Vanzetti pues, Nicola y Bart, Sacco y Vanzetti, pues. Ya. No me acordaba, **¿ves?** ...

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LP.4. Mujer de 25 años. Ama de casa (ha terminado un año de universidad)

Documento 4

los veinte kilos, o los treinta kilos. ¡No me digas! De Estados Unidos para Bolivia, es es la norma americana. Entonces, no estoy exactamente con las cifras actuales, pero lo que sí te puedo decir es que uno tiene derecho a traer dos piezas, más una pequeña en la mano. La tercera empieza a pagar cuarenta dólares, la cuarta cincuenta dólares, y así cada una va subiendo proporcionalmente. O sea, una tarifa exclusiva única ya: treinta, cuarenta, cincuenta, sesenta, setenta dólares por las piezas adicionales. Bien, entonces de casualidad, yo vine con dos maletas. Durante tus estudios sobre las los elementos turísticos de Bolivia, **¿has hecho muchos viajes?** Sí, he hecho muchos viajes a lugares extraordinarios. Conozco todo lo que es por ejemplo todo lo que es zonas arqueológicas y que aún no están todavía explotadas para el turismo. Tenemos en Cochabamba, *Incallajta* y en Santa Cruz, *Samaipata*. Son dos lugares estupendos pero que todavía no se pueden llegar porque incluso no existen vías de comunicación cómodas para llegar allá. Describe un poquito, **¿qué son estas dos zonas?** Son son las dos últimas digamos dos últimos lugares donde llegaron toda la cuestión de Tiahuanaco que llegaron hasta por allá y se quedaron en el fuerte de Samaipata. Es como su nombre lo indica es un tipo de fortaleza

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LP-5. Hombre de 41 años. Gerente de empresa

Documento 5

(Parágrafo 1)

buñuelos, ponía buñuelos" o "hacía empanaditas" o ¿qué sé yo! Y entonces van con un objeto que para nosotros es exactamente igual que cualquier otro, pero que en ese momento adquiere una gran importancia. Así también una carta, por ejemplo. Nosotros de un desván podemos sacar cajones con libros, con libros de misa, con fotografías, con programas de los barcos, esos famosos programas de fin de siglo, ¿no?, en los que la gente que viajaba en barco, hacía meses, hacía vida en el barco, ¿no? Entonces, todo esto tú comienzas a ver esa gente despreocupada de antes de las guerras, ¿no? Esa gente despreocupada de comienzos de siglo que solamente le importaba comer, viajar, ¿no?, y gastar sus rentas y cerraba los ojos al resto del mundo. Todo esto pasa en una tienda de antigüedades. Dime, ¿qué tipo de conocimientos tú tienes educación universitaria y **¿qué has estudiado?** Sí, yo he estudiado Historia, ¿no? He estudiado cinco años. He egresado de la facultad, después de ¿Eso después de enviudar? Ah, sí, sí. Mientras mientras yo fui joven me casé muy joven. En Bolivia la gente se casa muy joven, en general, ¿no? Y entonces, yo tuve muchos hijos y no hice más que criar hijos. Entonces, cuando murió mi marido, yo no era más que madre y punto. Y pensé en ir a la universidad. Ya había salido bachiller, había hecho tres años de asistencia social, una profesión que me gustaba porque aquí hay tanto problema social que tú te desesperas por hacer algo. Y bueno, había la escuela y yo entré a la escuela. Trabajé en la cárcel, trabajé en

(Parágrafo 2)

social, una profesión que me gustaba porque aquí hay tanto problema social que tú te desesperas por hacer algo. Y bueno, había la escuela y yo entré a la escuela. Trabajé en la cárcel, trabajé en fábricas, en todo eso. Pero después de viuda, el año setenta y dos, entré a la universidad, con seis hijos, como que la tarjeta no alcanzaba para poner a mis hijos, porque ningún universitario había entrado con seis hijos. Entonces, me dieron dos tarjetas, y decía: "Continúa atrás", ¿no?, entonces, yo continuaba a mis hijos. Siempre me han creído la profesora, pero yo era alumna. Fui cinco años a la universidad, hice muy buenos estudios y egresé. Dime, **¿qué otro tipo de conocimientos te ha traído esta tienda?** Porque obviamente al recibir estos objetos y para saber inclusive su valor, estoy segura que [Anterior]has[Siguiente] empezado a interesarte en la historia del arte. He empezado a interesarme naturalmente en la historia del arte, en pintura, en las escuelas que vinieron de Europa hacia América, en todo este proceso famoso del art nouveau, del decoart. Entonces, hemos comenzado a leer, a estudiar, a comparar. Cerámica, por ejemplo. Nosotros habíamos nacido mirando cerámica precolombina, en todas las casas, aquí habían cosas, cacharos, ¿no?, pero no sabíamos la diferencia. Entonces, ya comenzamos a leer estudios de Ibarra Grasso, el mismo Postnasky, que tiene unos estudios en cuanto a dibujos y todo, que son perfectos, ¿no? Entonces, ya los ojos comienzan a ser los portadores de una cantidad de impresiones y que, en muchas, las hemos escrito, las hemos fotografiado, ¿no? Ya llevo siete años

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LP-8. Mujer de 54 años. Anticuaría y licenciada en Historia

Documento 6

se gasta la madera". Eso es chochera, ¿no? Entonces cuando la empleada me venía y me contaba esto como una queja, yo trataba de decirle, ¿ves?: "No, no, tú sigue limpiando, pero en ese momento pues la obedeces a mi mamá y no le discutas. Dale el gusto, después de un rato limpias". Y así todito el tiempo, he tenido que procurar en toda forma contentarla, ¿no?, que si no **¿Cuándo ha muerto tu padre?** El año pasado, este año mi mamá, precisamente el mismo día, después del año, ¿no? **¿Cómo ha tomado tu mami la muerte de tu padre?** Bueno, mi mamá vivía para mi papá, oye. Yo creo que en la vejez el matrimonio, a veces los dos se unen más, ¿no? Estaban pendientes el uno del otro y a mi mamá le [Anterior]ha[Siguiente] afectado muchísimo porque después que murió mi papá, ya no había un motivo para ella, ¿no? Entonces sí

y se ha dejado estar demasiado y ya no le interesaba seguir viviendo, y así fue que se murió, sin ninguna enfermedad, sino que simplemente quería morir y punto, ¿no? **¿Han hecho ustedes algo para sacarla de ese estado, para alargarle la vida?** No, no quería, ella no quería. Era de carácter más fuerte mi mami, ¿no? Se quedó solita a vivir en su casa allá arriba. ¡Cuántas veces bueno, acá no podía traerla, yo tengo dos dormitorios y no podía atenderla, ¿no? Mi hermana Teresa ha querido llevarla a Francia, Luci a Cochabamba, y ella no aceptaba. Tenía una idea, decía: "Tu papá me dejó acá y de aquí me van a sacar muerta". Pero ha muerto en Cochabamba, ¿no?

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LP-9. Mujer de 53 años. Ama de casa con estudios secundarios

Documento 7

(Parágrafo 1)

a un edificio generalmente, que se toma como ejemplo, no se lo va a explicar, sino hay que mostrarlo, las plantas, los cortes y las fotografías que uno tenga del edificio, ¿no?, sobre todo eso. Luego, también los alumnos hacen prácticas, por ejemplo, láminas. O sea, yo considero que la arquitectura es, sobre todo, gráficas, ¿no? Entonces, no quiero que hagan investigaciones. Comprendo que eso es para historiadores, usan láminas y sobre eso, además, detallan, ¿no?, determinado edificio. Entonces, me decías de tus clases. **¿Desde hace cinco años has estado siempre en lo mismo?** Sí, siempre en lo mismo. En realidad bueno, he empezado y fui simplemente como invitada, ¿no?, y luego fue que tuve la oportunidad de ir al Cuzco, con la con una beca de la de Naciones Unidas, para restauración de monumentos. Entonces, eso me [Anterior]ha[Siguiente] ayudado mucho también porque la parte que interesa más a Bolivia, en cuanto a arquitectura, es precisamente la parte del Renacimiento y Barroco, ¿no? O sea que empezó en España, en Europa en general, y ha venido directamente a América, ¿no? Entonces, en cambio, otras etapas son un poco diferentes de lo de sí, de lo de Europa, ¿no? Creo que la relación más directa es precisamente esa época, ¿no? Entonces, eso me ha servido mucho. Y después ya empecé con ya directamente de titular. Ahora, me gustaría dar más clases, pero ya sinceramente no tengo tiempo. Los niños me absorben mucho y, de todos modos, siempre hay trabajos de arquitectura, otros proyectos, en fin, ¿no? Entonces, ya realmente me sería muy difícil dar más horas, es decir, en la universidad. ¿qué hace tu esposo? Él trabaja como

(Parágrafo 2)

eliminación? Por eliminación. Ahora, claro, de todos modos Arquitectura me gustaba siempre por la parte de historia, ¿no?, que es lo que siempre me ha gustado. Entonces, eso me ha inclinado, pero, más que nada, porque yo en Química realmente me ha sido bien difícil, ¿no? Entonces, era fundamental para mí. Y luego, claro, ya sí me gustaba mucho Historia y que también es importante dentro la Arquitectura. Y luego, bueno, las Matemáticas nunca habían sido problema para mí. El dibujo, y también más o menos me era fácil, y realmente bueno, ya o sea, muchas cosas que me gustaban, ¿no? Pero, ¿sabes?, resulta gracioso, ¿no? Claro, el eliminar y evitar Química. Exactamente. **¿Qué satisfacciones has encontrado al estudiar Arquitectura?** ¿Algunas sorpresas o no mayormente? Es decir, ¿sorpresas en qué sentido? Favorables, desfavorables, tal vez en las materias. Claro, bueno, lo que pasa es que en Arquitectura me ha gustado mucho la parte de historia, que yo a un principio sí, me gustaba, pero no le daba mucha importancia, pero luego ya estudiando en la misma universidad, entonces, me ha ido gustando mucho más, ¿no? Entonces, precisamente por eso ha sido mi especialización, o sea, restauración de monumentos, que es en cierta manera ver históricamente los monumentos a través de la arquitectura. Y, luego, a eso es a lo que me he dedicado. Por ejemplo, en la cátedra que doy, es exclusivamente de historia, la Historia de la Arquitectura y concretamente ahora doy Barroco y Renacimiento. Me

(Parágrafo 3)

cosa que no hacía hace unos diez años, ¿no? Había cierta dificultad en algunos colegios que se consideraban, es decir, mucho mejores, ¿no?, pero en los otros no había ningún problema. En cambio, ahora casi en todos es problema. Entonces, yo creo es eso, ¿no?, o sea, mucha mayor explosión demográfica y, por otra parte, también la gente en sí, de de un nivel social mucho más bajo, que tal vez hace unos diez o veinte años consideraba una utopía entrar a la universidad, ahora realmente se cree con todo el derecho de ir a la universidad, ¿no? Entonces, no tiene ningún inconveniente en aspirar a ir a la universidad y realmente se le facilitan los medios, ¿no?, desde el hecho que en la universidad no se paga, o se paga una matrícula que, en realidad, es mínima. Entonces, toda esa gente va a la universidad, ¿no? Entonces se aumenta. **¿Tú has notado un cambio social en La Paz los últimos diez años?** Sí, bastante. Por ejemplo, ¿las clases bajas se sienten más con derechos, deseos, de superarse o de de entrar, terminar una educación universitaria? Sí, eso he notado y lo veo directamente, ¿no? Por ejemplo, Humberto, que tiene unos empleados de mecánica, y tengo el ejemplo de de un muchacho que su mamá era mi niñera y era en realidad ella vino del campo directamente, ni siquiera sabía hablar español, o sea, podíamos decir una india directamente, ¿no? Entonces, sin embargo, su hijo ha estudiado, ha salido no sé si en La Paz o en el campo, pero ha salido bachiller y ha venido a trabajar con nosotros, ya a un nivel así, digamos, de mecánico, pero su aspiración toda es entrar a la universidad, como que

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: LP-10. Mujer de 36 años. Arquitecta

PUERTO RICO

Documento 1

lo que no hay es un buen museo para exhibir las cosas que hay, porque aquí hay una colección bastante considerable de artefactos de los indios, este precolombinos de Puerto Rico y la una gran parte de ella está en condiciones terribles en el Museo de la Universidad. Que la el Museo de la Universidad es, este quien tiene la la colección más grande por falta de dinero y por falta de interés, esto a esta colección, no se le o sea, no se ha presentado de la manera que verdaderamente merece ser, este, presentada en un museo. **Yo no sé si usted ha estado en el Museo de Antropología de México. No. O no sé si tú has estado, ¿nunca has estado en México?** He estado en Perú. El Museo de Antropología de México o me dicen que el Museo del Oro, en Colombia, verdaderamente son unas maravillas, tú estuviste allí, ¿verdad? Y lo que sucede con muchos de estos artefactos, o estas obras de arte, a mí me gusta utilizar la palabra artefacto porque, verdaderamente, la palabra obra de arte tiene un una le da un sentido de la alienación del objeto. Y esto tiene que ver con factores históricos, dentro de la historia del arte, pero estos artefactos son pequeños, o sea, cuando estamos bregando con la cultura precolombina, por lo general estamos bregando con cosas pequeñas. Sobre todo en el Caribe, donde no hay, este, escultura monumental. Hay, sí, las cosas que están en Caguana, que son, este

AÑO: 1990

AUTOR: ORAL

TÍTULO: PR-4. Mujer de 29 años. Profesora universitaria

Documento 2

a que se reconstruyan estas cosas, un museo más adecuado. Entonces el el gobierno Alegría, sí, trata, verdaderamente, este él, dentro de las limitaciones de presupuestarias con las cuales está trabajando, me parece a mí que él hace, de maravillas, porque él ha tra ha tratado de Pero ahí, en el instituto no hay nada, ¿verdad? Sí, el instituto tiene su colección, es una colección más limitada. No, pero es que en el instituto no

tienen, este, así, cosas de exhibición, ellos ahora abrieron, o están por abrir, un museo en el centro ceremonial Ca de Caguana. No sé si usted sabe dónde queda, en Utuado. Es en la carretera entre Lares y Utuado, **¿tú has estado allí?** ¿Hay un centro ceremonial? Sí, es una este, un centro ceremonial que utilizaban los indios para ...

AÑO: 1990

AUTOR: ORAL

TÍTULO: PR-4. Mujer de 29 años. Profesora universitaria

VENEZUELA

Documento 1

bueno, el tiempo que yo tengo viviendo ahí, siempre hay bulla y siempre están los policías por ahí rodando la zona, un poco peligrosa, bueno, hasta los momentos a mí no me ha sucedido nada. **¿Y qué haces aquí?** ¿Cuáles son tus actividades aquí? Este, yo de lunes a viernes trabajo con el departamento de reproducción. En la mañana. Y en la tarde saco lo que tengo atrasado. También tengo estoy encargada del teatro, estoy encargada de la zona de deporte, yo estoy encargada de los de los aparatos, de reproducción y de tocadisco, y más nada. **¿Y qué haces en el departamento de teatro?** ¿De teatro? Bueno, presto el teatro, y también entrego la ropa que van a a pedir prestada, igual que los aparatos. **¿Y nunca has actuado?** No. Mira, y cuéntenos cómo es eso que es peligrosa la zona, **¿tú conoces gente que le ha pasado algo, o has oído algún cuento?** Bueno, ahí han matado bastante bueno, bastante gente, bastantes ladrones, pues, como se dice. Y no hace mucho yo venía de venía iba a mi casa y entonces yo me bajé de la camioneta, yo que me bajo de la camioneta y venía un policía y ahí agarró a un muchacho. Sí, no sé, está un poco peligroso. **¿Lo agarró y qué le hizo?** Bueno, lo agarró y lo amenazó con la pistola y se lo llevó para ahí, porque ahí mismo queda la una casilla policial. Y tu abuelita, **¿cómo se ha sentido?** ¿tienes novio?

AÑO: 1990

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 39

Documento 2

(Parágrafo 1)

¿Para qué quieres tú ir a Hawai? Bueno, yo toda mi vida he surfeado. Tengo ocho años surfeando. Entonces pienso: quiero ir a Hawai **¿Qué más, qué más quiero conocer?** Hawai, ir a la India, a ver cómo es la India, porque lo único que he visto de la India es puro documental. Quiero ver lo que es la India, y quedarme aquí en Venezuela trabajando. Quiero trabajar, quiero tener un hato. **¿En qué campo?** En la producción agraria, quiero un hato grandísimo, tú sabes, ser un hacendado. Pero **¿tú sabes lo que es eso** Sí, por eso. **¿Tú alguna vez has cosechado, alguna vez has halado machete?** No, pero no, pero sí No Sí, he sí he vivido. Mi papá bueno, cuando era chiquito, mi papá él era ingeniero agrónomo y teníamos un hato, una finquita chiquitica ahí en Falcón. Y yo veía, más o menos, los problemas que era eso: ¡la inundación!. No, que llegó la sequía, cosas así. Y también he ido a varios hatos, pero a pasar vacaciones, a comer una parrilla. Que no se ve, pero sí es problema, es problemático. Y no se puede tener uno no se puede tener un hato así de la noche a la mañana. Comprar un hato, no, es muy difícil. Eso se va comprando aquí, cosechando aquí, peleas aquí, peleas ...

(Parágrafo 2)

Está bien. Sí, salgo bien o sea, tengo mi método de estudio. Pienso yo que yo asimilo mucho las clases. No, yo en clase no me distraigo ni me pongo a pensar ni me voy, y el profesor hablando. Trato de ver y después sí, después se me la mente se me va. Me encanta caminar. Camino. Hay veces que cuando no tengo nada

que hacer, agarro un autobusito y y me deja en Chacaito y camino y camino y me regreso otra vez, y vuelvo a montar y regreso para acá. Me siento más aliviado. Corro, trote. **¿Has hecho excursiones por el Ávila?** Pero no he dormido. ¿No has dormido? No **¿De dónde a dónde has caminado?** Lo máximo que creo que he llegado es Naiguatá, algo así. Donde uno ve el mar. Con mi papá lo hacíamos, porque nosotros antes vivíamos en El Marqués. Entonces quedábamos abajito, entonces llegábamos a la Cota Mil, nos íbamos y regresábamos. Excursiones de un día. Corro también, no a nivel de maratón de cuarenta y dos, pero sí he corrido doce, quince kilómetros. ¿Por dónde corres? Bueno, corro por aquí. A cuando estaba mi cuñado aquí en Caracas, porque mi hermana se casó y entonces se fue a vivir para Puerto la Cruz. Él sí es maratonista. Entonces él a veces me venía a buscar en las mañanitas y nos íbamos para el Parque del Este o para la Cota Mil, a correr distancias largas o,

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 5

Documento 3

porque eres bueno. Y sabes, del campo mío de la administración, que es un campo superamplio, es superamplio, amplio entonces, si lo has llevado bien es porque has podido cubrir muchísimas etapas de tu carrera. Si no lo has llevado, bueno, ve qué pasa, pues entonces, no sé, para mí es un reto buenísimo, o sea, me gustaría es que la distribuidora subiera muchísimo, que y de hecho, bueno, estamos en eso, tratando de hacer lo que sea. También mi papá tiene otro negocio, gracias a Dios, que no se puede o sea, es una oficina de contadores públicos, ahí en tiene otras cositas que, digamos, son mucho mejores que pueden equiparan la en cualquier momento que pueda tener una pérdida la distribuidora, ¿entiendes? ¡Gracias a Dios!, porque si no yo no sé qué se puede hacer, porque ahorita como empleado te mueres de hambre. Mira, **¿alguna vez has chocado?** Gracias a Dios, no ¡No! Yo jamás en la vida he chocado, vale, no. Pero has visto algún choque así que te que ¿Que me impresione? Sí. Bueno, una vez yendo para La Guaira, porque yo como en tercer año, yo empecé a practicar el surfing, ¿no?, el deporte de los pavos. Estuve cuatro años y medio practicando, y veníamos una vez como a las cinco de la mañana veníamos después de Naiguatá, viene la recta esa larguísima, que es donde se metió un Mercedes Benz contra un carro grandísimo, un

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 3

Documento 4

(Parágrafo 1)

sí. Está bien. Los estatices, bueno, es con la flor que más me gusta trabajar, o sea, estatices y botón de oro porque duran más. ¿Cuál es el botón de oro, ese que es parece como un girasol pequeñito? Sí. Son muy bonitas esas y duran. Sí, vienen varios colores, vienen en vino tinto, vienen fucsias, este, amarillas, y bueno, muchos colores. ¿Pero a ti te gusta tu negocio? Sí. **¿Y no haces arreglos o así, florales, por encargo o no te has dado por allí?** Bueno, los domingos y los lo que es sábado y domingo, este, siempre hago así dos o tres ramos que alguien lo quiere llevar, y entonces, bueno, me pide le haga un ramo y se lo ¿Y los preparas aquí mismo? Sí. Pero no tienes así, o sea, que prepares y traigas para vender. No, así directamente no. Si alguien quiere, bueno, se le prepara de una vez aquí y se le Y le cobras algo más, ¿no? Sí, claro, si lleva, este, lo necesario de un ramo, ¿no?, o sea, que si brisas

(Parágrafo 2)

de follaje, tú no vendes follaje, ¿verdad? De jazmín. ¿Nada más? ¿El jazmín también está Sí. Ha subido mucho. ¿Y helecho no vendes? Helecho también. Pero ¿por encargo o tienes bastantes clientes? No, por

encargo, porque eso es un una cosa que si se deja unos días se marchita rápido. Eso sí se daña, ¿verdad? Eso sí no se puede recuperar. Mira, por ahí se dice, este, que, este, las rosas, o los colores, tienen significado. **¿Tú sabes algo de eso? ¿No has escuchado?** Bueno, este, muy poco, pero creo que las rosadas son amistad, ¿no? O sea, **yo más o menos he escuchado**, pero tú debes estar fino con eso. De las amarillas, mira, yo tengo un o sea, lo que te comentaba, ¿no?, tengo una así, un dilema, porque algunos me dicen que son, este, símbolo de esperanza, pero otros me dicen que son celos. **Yo no sé qué has escuchado tú que eres el experto aquí en las flores.** ¿Cuál de las dos será? No, yo creo que es símbolo de esperanza, ¿no? ¿Sí? Sí. Ya yo sé entonces, cuando tengas flores amarillas me avisas, ¿oístes? Bueno, flores no, rosas amarillas que es lo importante. ¿Y de qué otra tienes así que sepas?

AÑO: 1990

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSMV, texto MDA5MA

Documento 5

(Parágrafo 1)

Hay mucho más que eso. Bueno, entonces, llegamos a grandes, entonces mi mamá murió, mi papá murió. Nos dejaron una hacienda. Entonces ahí vivimos todos, pero cada uno con su parte dividida, ¿ves? Cada uno, bueno, en su casa aparte. Mis hermanos su mujer, las mujeres con su marido. Pero así divididos. Entonces nosotros vivimos en otra hacienda. Mi marido compró que a un primo se la compró, y ahora eso es mío, ésa es propiedad mía. Él la puso a nombre mío, entonces, ahí nacieron las niñas mías. Bueno, nacieron no, ellas nacieron en la maternidad Concepción Palacios, y entonces crecieron ahí hasta ahora, hasta ahora que se han convertido en mujer ahí. **¿Y cómo ha sido la educación que tú le has dado?** Bueno, la educación que yo les he dado a ellas, bueno, han sido la educación que me enseñaron a mí. Una educación limpia, sincera. Bueno, como una madre puede educar a sus hijos, ¿no?, porque las mías son hembras todas. Como uno puede educar a sus hijas, aconsejarlas en bien, esto y el otro. Bueno, hasta ahí.

(Parágrafo 2)

¿Y Mire Este, ¿qué pasó el día que conociste a tu esposo? Bueno, yo lo conocí a él en San Bernardino, que fui a visitar una amiga mía, una comadre, que ahora es comadre porque ella me dio a bautizar a P, ella es la madrina de P, ella vive en San Bernardino, ¿no? Entonces estábamos hablando en el jardín ella y yo, entonces nosotros veíamos porque cuando él trabajaba en un carro libre en el Ministerio de Justicia, ¿no?, entonces yo veía un carro libre que pasaba a cada ratico. Ése me dio como miles de vueltas. Tú sabes lo que es miles de vueltas. Entonces yo le digo a la comadre mía que se llama J: J, ¿y qué le pasará a ese señor que yo veo que ese señor desde que estamos aquí, no te [Anterior]has[Siguiente] dado cuenta, que ese señor ha pasado, vueltas y vueltas y vueltas? Y entonces, bueno, ¿quién sabe qué será lo que busca? Entonces llega y se para un carro de la funeraria, ¿no?, carros negros y entonces el tipo va para se mí. Entonces llegó él bueno, el que estaba dando la vuelta, entonces a caerse a golpes con el señor de la funeraria, ¿no? Eso era como un a ver quién llegaba primero. Yo no sé como era eso, yo no entiendo. Bueno, entonces ahí nos conocimos. Ahí hablamos, nos conocimos, entonces me dijo que café, que si al cine, que no yo no tomo café, ni voy al cine, le dije yo. Ni tomo café, ni voy al cine. Entonces lo primero que me dice, este, de mi familia él me dice: ¿a dónde vives tú? ¿Dónde vives? ¿Cuántos años tienes? Entonces yo bueno: yo vivo en el Estado Miranda, en la Cortada del Guayabo. Yo no soy rica, ni soy

(Parágrafo 3)

No he sentido nada de eso porque yo he siempre han salido cosas por allá. Una vez que yo vi en la casa, que yo tengo un altar afuera, ¿no?, en el corredor yo tengo un altar, ¿no? ¿Dónde lo tiene? Afuera, en un corredor, un corredor bien grandote, que yo hice como una especie de pieza, y entonces ahí tengo un altar. Entonces a ese altar van como espíritus. Yo no sé qué es, pero yo sé que son una sombras blancas. Entran

ahí al cuartico. ¿Y a ti no te da miedo eso? No, a mí no me da miedo. ¿Por qué? No me da miedo, no sé por qué, no siento miedo, no siento nada de miedo. **¿Y no has escuchado cuentos sobre ese tema?** Mi papá siempre nos contaba cuentos de ésos que salían espantos por allá, escabezados. Salían unas cosas raras, pero como yo no los he visto no sé. Si yo no veo una cosa no la creo, yo tengo que verla primero para saber si es verdad. Mi papá siempre nos contaba que si salían espíritus, que si salían esto, que si se oían cadenas, pero más nada. Yo siento una cosa y salgo a ver qué es. ¿No te acuerdas de algo que te haya contado tu papá? Bueno, lo último que él me contaba era, más abajito de mi casa, que se salía una manada de cochinos, una manada de cochinos, pero salían eran cochinos. Cochinos salían corriendo de la montaña. Y entonces no dejaban pasar la gente, entonces era cochinos por todas partes. Él siempre contaba eso. Y

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 80

Documento 6

a lo mejor se pone fastidioso. Se vuelve un filón, ése es el problema. Sí, se vuelve una forma de hacer tortas. Que muchas veces da bastante plata. Bueno, en cuanto a poesía no creo que haya tanta plata. No, en la poesía no, yo digo en lo del lo de las tortas. Lo de las tortas. No, en la poesía no. ¿Y qué nos puedes decir de tus expectativas de niña? **¿Cuáles de ellas se han cumplido? ¿Qué en qué hay en qué te has defraudado o en qué te ha defraudado la vida o en qué has pensado en ese sentido?** Mira, yo cuando estaba chiquita, yo lo que quería era seguir siendo chiquita, pero con más años para uno poder hacer las cosas que a uno le prohibían hacer cuando uno estaba chiquita. Este nosotros crecimos entre éramos siete hermanos que nacimos todos en nueve años y aquello era muy terrible, muy militar, muy y no era muy luminoso. La verdad es que no era muy luminoso. Muy cristiano, muy nacimos para sufrir y, si uno se quejaba, le decían: ¿por qué te quejas? **¿Quién te dijo que tú ibas a ser feliz?** ¿Qué horror! También parecía terrible esa especie hay uno hay gente que no somos nosotros, pensaba yo. Bueno, estaba chiquita, que se dedicaba a luchar toda su

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 65

Documento 7

Pasé con ella así, ha sido chévere. Nos hemos tratado así, casi como hermanas, y aún después de grandes también. Nos tratamos mejor, yo me trato mejor con ella que con mi hermana. Con eso te digo todo. ¿Y no tienes ninguna anécdota que te haya pasado con ella, alguna cosa? ¿Qué se cuentan? Cosas de uno, que si de los novios, que si del liceo, que si pasó esto, que si vistes aquello, que si te gustó esto, que si me lo voy a comprar, cosas. Bueno, mira y una pregunta, **¿tú que opinas de no sé si tú has visto que ahora parece que hay bastantes muchachos gay.** Sabes lo que es, ¿no? Sí. Homosexuales. **¿Tú qué opinas de eso, te ¿tú has dado cuenta, lo has notado?** Bueno, yo he visto uno y cada vez que lo veo, me da rabia, no me parece, o sea, no sé que todavía no tengo así, no he sacado conclusión qué pienso sobre eso. Me parece algo absurdo, cada vez que veo uno me da rabia. Yo conozco a uno así de vista. ¿Cómo es él? ¿Cómo es él? Como lo que tú acabas de decir. No, yo no dije nada. Bueno, él es así como tú estabas diciendo, homosexual, así, del otro lado. Y yo cada vez que lo veo me entra así me hierva la sangre, ni siquiera lo miro. Mis primos son los que le dicen así: mira, eso, que cuándo te empatas conmigo, yo no sé que más. Ellos siempre le buscan a él y él

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 37

Documento 8

que si los cajeros, como trabajan todos en la misma broma, ellos cuando salen por alguna llamada por teléfono o a reclamar algo, truncan sus bromas, tienen que estar pendientes. Sí, porque si se pierde algo, no le pueden decir que qué fue o que sí fue. Y bueno, hay veces que los clientes se equivocan y depositan más, entonces los cajeros saben, más que todo es velocidad, ellos contando se dan cuenta que hay más y cuentan lo que: bueno, OKtal. Después eso les queda a ellos, eso no como ¿Y si van a reclamar? No, bueno, hacen lo que se llama un como un conteo, no me acuerdo el nombre técnicamente, entonces el subgerente se para, entonces: **¿cuánto has recibido tú, cuánto has ado?** Entonces tienes que tener aquí tanto. Entonces lo cuenta, entonces ya empieza la mafia, que si el subgerente es amigo del cajero, no le revisa, eso es una mafia. Como hay veces que se se equivoca el cajero contando y no cuadra en la tarde y tiene menos de lo que tenía que tener, también se lo descuentan. Se lo descuentan. Entonces y, bueno, cuando por lo menos mi trabajo, cuando los cheques eran mayores de cinco mil bolívares, tenía que llevárselos a un oficial de planta, que es algo así como un subgerente o un gerente. Entonces él veía y o sea, le daba a que lo pagara. Cuando era mayor de diez mil bolívares tenían que llamar al cliente. O sea, siempre hay seguridad y, bueno, nunca viví nada ni hubo un problema una vez que hubo una estafa de un cheque

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 5

Documento 9

lo que es el compañerismo y eso, donde juegan en equipo, eso es muy bonito. Hay muchos entrenadores que ellos pierden la noción pues de cuál es el trabajo de ellos y por ganar un campeonato o lo que sea, o sea, crean el descontento de unos, dos o tres niños que después se frustran y dejan el deporte, pues, la actividad. Que es muy importante que los niños desarrollen actividades deportivas en la tarde, porque así ellos estudian en la mañana y en la tarde no tienen tiempo libre, pues que puedan utilizarlo para andar de vagos pues por ahí. Entonces ellos van a su campo, tienen esa actividad que los desarrolla físicamente y mentalmente y es muy bueno en realidad, o sea, no específicamente en el béisbol cualquier actividad que ellos desarrollen paralelamente con los estudios es muy beneficioso. **¿Cómo te has dedicado a este deporte que necesita tanta constancia?** ¿Cómo divides tú el tiempo entre el deporte, las fiestas, la diversión? ¿Qué fiestas? No sé, habla un poco de eso. Bueno, digamos Sí, uno cuando estaba en Estados Unidos era por ponerte un ejemplo, ¿no?, era bastante sacrificado. Claro, a uno le gusta y uno está ahí para eso, pues, y para eso uno escogió esta profesión, puesto que no ahí no te puedes equivocar, pues. Tú no puedes salir de noche un viernes y llegar a las tres de la mañana a tu casa, porque tienes que levantarte a las siete y tienes que ir a jugar, a ganarte el puesto con otros

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 4

Documento 10

(Parágrafo 1)

gusta. Es más teórico, la parte teórica. No teórico, sino tú vas a desempeñar un cargo así gerencial, donde vas es a planificar sistemas, a desarrollar sistemas. En cambio, en control, tú estás programando, destapado en lo que realmente es la carrera. Así está bien. Entonces tú te vas a ir por control. Sí, por control. ¿Y piensas trabajar aquí en Mérida? No sé, depende, porque como está la situación, donde a uno lo ubiquen, o también influyen muchas cosas, el desarrollo de la tesis, la pasantía, no sé qué compañía las pedirá para ese tiempo, cómo estará la ula. Cambiando un poquito de tema, **¿tú a veces te has encontrado en una situación de peligro?** ¿De peligro?, no, así. ¿Cuando eras pequeña? Sí, sí, pequeña sí, **una vez me caí de**

un árbol y iba perdiendo el conocimiento, y tal vez enfermedades así que pero en accidente, cuestiones así, no, no han sido mucho los casos. Nunca te ha pasado nada. Esa caída del árbol, si es que fue Menos mal. Y mira, ¿tú crees en brujas y cosas de esas? No, pero de que vuelan, vuelan, no, no creo. **¿Nunca te has leído las cartas?** No, no, que

(Parágrafo 2)

un día que presentaba un examen a las cuatro de la tarde, bajaba a casa de una amiga a pasar un momentico por ahí, eran las tres de la tarde y bajando me caí y quedé guindada del bolsillo del pantalón, de la parte de atrás, de un gancho que llevan las busetas, y llegué a casa de la amiga y tuvimos que llamar a otra por teléfono que llevara un pantalón y pude subir al examen porque ya no tenía tiempo de ir a mi casa, y así como todo, a veces se encuentra uno los borrachos o gente desagradable con malos olores, pero definitivamente es el transporte que tenemos a la mano. Qué más. Sí, pero los carros míos. Quizás todos esos son tuyos. Sí, tengo bastantes. **¿Y cosas buenas, no te has encontrado así, nada bueno? Una sola vez me encontré cinco bolívares.** Está bien. Sí, más nada. La otra vez me contaban a mí que a una muchacha la asaltaron en la parte de atrás de una buseta. Sí, eso pasa mucho aquí en Mérida y en todos lados. Que se montan con puñales y cuestiones, que amenazan y desvalijan. Sí, bueno, la otra vez pasé un susto de un tipo que se quiso pasar conmigo y yo me lancé y caí a la acera y me pegué con un posta de la vía, pero no pasó nada.

AÑO: 1993

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSMV, texto MDA5FB

Documento 11

que uno por lo menos una envidia, una cuestión, lo pueden lo hunde a uno totalmente, sobre todo en el hospital. En el hospital, incluso, un técnico puede hablar mal de ti y entonces ya estás rayado de por vida. ¿Ves?, eso el hospital es eso es o sea, es a diario, tú no tienes que tratar a todo mundo por igual, eso fue eso lo aprendí allá, ¿no?, tienes que tratar a todo mundo por igual, no debes hacer comentarios, nada, que pueda o sea, que así tú creas que no le va a hacer nada a nadie, a alguien, este, tienes que evitarlo porque al otro día dicen lo que no pasó. Claro, yo no tuve esas experiencias, las viví con otra persona ahí y entonces me enseñó mucho, y realmente no quiero ir a San Cristóbal a trabajar así. **¿Y has estado buscando universidades en donde podrías hacer un postgrado?** No, mira, bueno, yo me apenas salí el dieciocho, ¿no? Me he estado moviendo aquí, como aquí ésta fue la aquí fue donde me gradué y aquí es donde he tenido mis contactos, porque yo tuve una beca trabajo aquí en la ula, también, trabajé en un jardín botánico Ya. Que se abrió ahí mismo en la facultad de Farmacia. Entonces, el director de este jardín, este, tiene un buen puesto en la en la facultad, entonces me estoy asesorando a él tanto política como académicamente. Entonces él fue el que me planteó el chance de ingresar a la Universidad, pero, este, ahorita fueron unos compañeros a Caracas a llevar el título a

AÑO: 1990

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSMV, texto MDA3MA

Documento 12

la Navidad, o sea, mejor dicho la prenavidad. OK, los preparativos. para... Hacer galletas, porque mi abuela hacía, sin exagerarte, como diez tipos distintos de galletas. Entonces hacer aquello fiesta. Además, imagínate, la casa se llenaba de aquellos olores así tan extraordinarios. A comprar, mi abuela o sea, además de que la la Navidad en la casa era una cosa así como de mucha abundancia. En mi casa todo el mundo o sea, como bueno, hay y hay que compartirlo con todo el mundo, aunque eso yo me acuerdo mi abuela

ponía en la entrada ella tiene una cesta que ella llamaba los cuernos de la abundancia y ella ponía **¿tú nunca has entrado a la casa de la abuela?** No. Allá uno entra y hay como una especie de vestíbulo, ¿no?, o sea, hay una cosa ahí en la entrada y hay unas escaleras donde tú llegas al o sea, pero son, ¿qué?, cuatro o cinco escalones donde tú llegas al vestíbulo, y esa escaleras tiene unos peldaños, así para un lado. En esos peldaños, ella ponía en cada lado un cuerno, y ese cuerno toda desde que ella lo ponía, hasta que lo quitaba en enero Lleno de cosas Lleno de caramelos, de almendras, de nueces, de este, de cosas así, y era lleno, o sea, era que se iba vaciando y ella lo volvía a llenar y se iba vaciando y lo volvía a llenar. Había en la en

AÑO: 1990

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSMV, texto MDA3FB

Documento 13

le daban al señor su aguinaldo y le daban un regalito por hijo. No eran esos regalotes de ahora, pero le daban un regalito por hijo, ¿ves?, para ponerlo en los zapatos. Entonces, bueno, el papá llegaba con su con ayudaba a la mamá en eso en esos casos, ¿no? Porque no era como ahora que el hombre tiene que llegar si es posible a cocinar, porque la mujer está trabajando también. Pero el papá llegaba, comía y después que comía y todo eso entonces era a revisarnos las tareas. Y papá nos decía: aquí en esta cuenta hay un error, en el multiplicador cinco, vamos a decir, ¿no?, que podía ser el segundo hay un error, véalo y después le firmo. Entonces uno tenía que hacerlo, y muchas veces nos costaba trabajo. A mí nunca me costó trabajo eso, ¿no?, pero sí les costaba trabajo a veces a A, en paz descansa, le costaba un poquito de trabajo. Y entonces papá tenía que decirle: **¿no lo has encontrado?** Busca la tabla, dame la tabla. Ésa era la forma para él decirnos dónde estábamos equivocados. Pero eso de: mira, compón este número, este número no es así sino esto y llevas tanto. No. Busque el motivo. En eso ayudaba el papá al maestro. Ahora **a las mamás no les importa firmar una tarea sin saber qué ha hecho el niño**, sino ponen su firma abajo: ándate a dormir, ¿ves? O el muchacho le o está viendo una comedia en la televisión y viene el niño: mamá, ya terminé. Toma, guarda, acomoda el bulto, déjalo arreglado para que por la mañana no corras. Ésas son las de ahora. Y esto se los digo, pues, porque he visto varios casos, entre ellos un niño de la escuela parroquial, que le mandaron a escribir palabras en una tarea de Castellano, cinco palabras que empezaran por eme, por te, por be eran

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 156

Documento 14

ese señor adoraba a esa hija, mijo. Cuando él supo que su hija le echó esa broma, porque ella no fue con él que con Isaías Medina, no fue que se fue primero. Ella tenía su novio y entonces le pasó su fracaso, pues, como pasa, que el destino es una cosa muy seria, todo el mundo no nació para salir de velo y corona. Entonces el señor I se puso eso lo mató, porque él llamó al novio y el novio le dijo que no, que él no se había metido en eso, que el no la había tocado. A lo mejor el muy muérgano la había hasta tocado y decía que no. Porque los hombres son más malos que el carrizo. Entonces a él eso a él le causó una **decepción** tan grande, mijo, que él hasta se dio un tiro, o sea, se mató por eso, el papá de ella. Y entonces, después yo, con el tiempo, la vi a ella y: ¡F! Era yo cajera del Ipasmé, y ella llegó al Ipasmé. ¡F, tú estás igualita, no te [Anterior]has[Siguiente] echado a perder! En cambio yo no sé que. Ya ella vivía con Isaías Medina. Me dijo: Sí, tú sabes, yo vivo en San Agustín, ahí tengo mi quinta ¿cuándo vas por allá y tal? Y le dije: un día de estos. Entonces tú sabes, después supe que cuando tumbaron a Isaías Medina estaba durmiendo allá casa de ella. Dicen que por eso fue que lo tumbaron, de tonto en la calle. Pero él no era él fue uno de los

gobiernos democráticos chéveres, Isaías Medina. **¿Y cómo fue esa revuelta?** De la de octubre. Eso fue horroroso, muchacho, yo no me quisiera ni acordar. Eso era horrible. ¡Qué cosa tan seria! ¡Cómo pasaban las los carros blindados con yo vivía en el Prado de María en ese

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 155

Documento 15

ni nada, porque para el alcohol lo tenía loco. **¿Y tu primera borrachera?** Mi primera borrachera la tuvimos cuando estaba en el cuartel y el primer cigarro me lo fumé en el cuartel. Yo nunca fumaba ni tomaba, éstos son los compañeros de uno, lo enseñan a uno en el cuartel: tómate una cervecita, y me pusieron a hacer la vieja y me descubrieron. Me pusieron a hacer ranas: cien para arriba y cien para abajo, que lo , parece que levantara pesas. **¿Y tú manejas?** Manejaba, sí, moto, pero no pude por lo del choqué fue con un autobús y no me dio miedo los autobuses, digo, los carros, y me dio miedo la moto. Bueno. **¿Y has estado enfermo?** **¿Quién?** Tú. No. Si hubiera estado enfermo no estuviera aquí sentado, chica. estuviera en mi casa durmiendo ahorita, descansando, viendo televisión, enyesado, porque no es el primer motorizado que yo he visto que le ha pasado un carro por encima. **¿A ti?** Chocado. No, a un motorizado, a otro, descabezado, una lástima eso. Y muchos que han dejado las motos, ahora se montan en el metro. **¿Y cómo conseguiste la moto?** Bueno, comprada. Eso fue en el ¿ochenta y qué?

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 57

Documento 16

apoyo económico sino el apoyo de la orientación. Cuando el amigo considera de que tu problema es su problema, cuando él agarra la bandera tuya para tratar de solucionarte tus problemas, y cuando estás cometiendo un desacierto él trata de orientarte para que encamines de una vez esos pasos: ése es el amigo. Pero **¿cuándo sintió usted eso?**, de Bueno, fíjate bien. De que haya un momento Te lo estoy diciendo, desde los consejos, es decir, desde el consejo, cuando tu acudes al amigo para el consejo. Te lo vuelvo a decir, lo he visto desde muy pequeño, desde siempre. Siempre he contado o ha o han surgido momentos difíciles que [Anterior]has[Siguiente] encontrado a quien tú has acudido, que, bueno, o lo ha agarrado o muy olímpicamente el problema que tú estás contando, o te da un te da un consejo errático, pues, que él considera que es errado pero sin embargo te lo nunca se pone en el caso tuyo. **¿Que te diga cuándo lo sentí?** No sé. Te digo, he creído siempre en la amistad y siempre he recurrido a mis amigos. Acuérdate que yo tengo una concepción de la amistad desde pequeño muy grande, para mí es lo más grande que pueda existir, y muy rico, muy millonario, muy poderoso, y. Claro, eso se ve que eso es la relación tan buena que tuvo con sus padres y con sus hermanos. Mis padres fueron para mí amigos, y la miseria es que uno de ellos se haya muerto cuando yo tenía apenas la edad de diez años. Que mi

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 46

Documento 17

él es muy rebelde así, no sé por qué, pero a la final le gustó. Que hasta a veces yo lo vengo a buscar y no se quiere ir y se quiere quedar jugando por ahí saltando, y está muy contento de venir para la escuela. **¿Y tú lo has visto que ha progresado, que ha cambiado?** Bueno, sí, ahora, yo creo que ahora está más tremendo

que antes, y habla así claro que él habla pero ahora se está expresando de una manera increíble que uno se queda loco. Sí. Sí, por ejemplo, ¿qué hace? Bueno, que, por ejemplo, él le daba pena de hablar con uno pero ahora no, suelta las cosas así. **¿Y nunca te has enfermado?** No. Y la enfermedad a mí que me da a mí es el dolor de vientre, que eso es horrible. Cuéntanos cómo empieza eso, cómo es eso. Eso empieza claro, así con un malestar que uno no le da ganas de hacer nada. Entonces empieza el dolor, poco a poco, pero que cuando va pasando así las horas, empieza el dolor más fuerte y eso es horrible. Que yo me pongo hasta a llorar porque ése es un dolor horrible. Y tus amigas, ¿cómo son tus amigas? Bueno, son chéveres, la mi amiga es la novia de mi hermano, mi cuñada, que yo todo le...

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 38

Documento 18

¿Y cuál es la ópera que más te emociona? Bueno, eso es por etapas, creo yo, ¿no? A veces tú estas en una etapa así medio bueno, en mi opinión, ¿no? Realmente, la ópera que más me gusta objetivamente es un Ballo in maschera, de Verdi, ¿no?, que de la cual tengo casi todas las versiones salidas que salieron en disco, ¿no? Pero hay óperas que que depende mucho del estado de ánimo. Bueno, la la misma musicalidad, hay óperas mucho más, digamos, dramáticas, y más pesadas, que a lo mejor te gustan oír las cuando estás un poquito deprimido, etcétera, ¿no?, y obras mucho más alegres como el principio de La Traviata, algo así que estás contento y te pones a bañar y metes el casete. Entonces depende mucho, pero realmente la que más me gusta es Ballo in maschera de Verdi. **¿Y supiste de la representación de Aída en Luxor?** Sí, por supuesto, inclusive tengo la mamá de un amigo que fue y le pedí que me trajera el programa de regalo, que no se le olvidara de traerme el programita de Las Pirámides. **¿Y no has sabido nada de la representación? ¿Cómo fue?** No, llegaron ayer o antier y no he ido todavía por allá. Es que el trabajo me toma mucho tiempo también. Entonces, claro, uno a medida que va pasando el tiempo, tienes muchos más compromisos y el trabajo te absorbe más, cosa que no quiero jamás dejar la música, pero ya tienes desgraciadamente **¿Y nunca has estado en una escuela estudiando?** No, fíjate tú, mi abuela era una gran pianista. Bueno, jamás concertista, pero sí era muy buena en interpretación y una gran estudiosa. Y metió, como los cánones de la época requerían, prácticamente, a la mi a mi hermana a estudiar piano. Pero ella nunca tuvo la pasión de la música que tuve yo. Entonces mi mamá para no hacerme la tortura que supuestamente le hicieron a ella, ¡lo que es la vida!, ¿no?, jamás me puso en clase de música. Pero yo tampoco chiquito se lo pedí porque realmente esta este descubrimiento fue ya un poquito tarde. Pero las cosas así, las contradicciones **¿Y qué instrumento te atrae más?** Bueno, el piano. El piano. A lo mejor por la misma fijación,

AÑO: 1987

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CSHC-87 Entrevista 1

Documento 19

o sea, de canalizar la formación de su personalidad, así lle llevándolo y permitiéndole que él asista a otras sociedades, que él asista a otros lugares, creo que podríamos liberar un al individuo y hacerlo más íntegro en sí mismo, o sea, más libre, porque es más él mismo. Y al ser más él mismo, él puede enfrentarse a todos los otros problemas sin estar rebelándose contra cosas que lo dominan porque ya más nada lo podrá dominar, ya que él en sí mismo será un todo un un vaciado y un monumento de cosas que él ha adquirid él ha formado y no que y no se le están alimentando. Eso sería un tema. **Pero bueno, ¿por qué no nos hablas un poco de esas soluciones, o de las que tú has experimentado como vías para la formación de la personalidad?** ¡Cómo no! Yo he tenido la oportunidad de participar en un plan de formación de

personalidad, que se conoce en Estados Unidos y en Europa con un nombre inglés, se llama outward-bound pero basado en una experiencia que hubo durante la guerra. Esta experiencia, y esta forma de resolver la personalidad del individuo, se basó en el resultado de las primeras incursiones alemanas contra los barcos mercantes ingleses. Se contó que los barcos mercantes ingleses eran hundidos por lanchas, por submarinos alemanes. Cuando encontraban los naufragos, la gran mayoría de los naufragos eran individuos mayores de edad, la mayoría de los individuos que formaban la tripulación eran menores de...

AÑO: 1992

AUTOR: ORAL

TÍTULO: CA-1. Hombre de 35 años. Odontólogo